Yevgeny Zamyatin

NÓS

Título Original: Мы/Mii - Евге´ний Ива´нович Замя´тин

Prefácio

A LIBERDADE NO ANO 3000

A literatura inglesa do século XX produziu duas utopias famosas, que é suposto conterem tudo quanto à literatura do género tinha produzido até então. Quem não leu o Admirável Mundo Novo de Aldous Huxley e 1984 de George Orwell?

O livro de Huxley data de 1930 e o de Orwell de 1948.

Sabemos hoje que tanto um como o outro sofreram a influência do livro que o leitor tem na mão: Nós > Zamiatine, escrito em Petrogrado, em 1920.

A primeira edição do livro é uma tradução inglesa, publicada em Nova Iorque em 1924. Em 1928 apareceu a primeira tradução francesa. Em russo, Nós, só foi editado em 1952 e não foi na URSS, mas sim, em Nova Iorque. Na URSS, Nós, só viu a luz depois da Perestroika.

O protagonista de Nós é visivelmente outro.

Nós de Zamiatine: trata-se de um engenheiro que projeta e constrói uma nave espacial, referida logo na primeira página do livro, uma nave que levará aos seres de outros planetas, ainda sujeitos à «selvagem condição de liberdade», a mensagem de felicidade, organização e exatidão em que vivemos Nós, os súditos do Benfeitor e do Estado Único.

Além de ser o primeiro romance do género e o mais original, Nós é também aquele que mais se afirma como «criação literária». O narrador-protagonista exprime-se na linguagem dum habitante da terra que vive no século XXX. Usam as metáforas, os modos de dizer, o vocabulário que na terra se falará durante o terceiro milênio e uma sintaxe muito elaborada, de inspiração matemática. Tem consciência de que está falando para leitores do Passado e, ironicamente, desculpa-se sempre que usa uma linguagem anacrónica: a palavra «pão», por exemplo, será um anacronismo no século XXX, em que se come um único alimento, um derivado da nafta…

Lendo o livro, o leitor perceberá tudo isso e apreciará o trabalho sobre a linguagem que o autor nele realiza. Verá também, logo desde a primeira página, que o grande tema do livro (poderíamos até dizer a grande obsessão) é o dilema Felicidade-Liberdade. Ou seja: Paraíso versus Inferno. Ou seja, Éden versus Árvore da-Sabedoria, O Conhecimento do-Bem-e-do-Mal.

Não se trata de um ataque ao estalinismo, porque o estalinismo ainda não existia quando Zamiatine escreveu o livro. Mas é uma antevisão brilhante dum sistema que quis dar aos homens a Felicidade (a Organização) em troca da Liberdade (que é sempre Erro, Crime, Barbárie, Desorganização). É o retrato-robô dum Libertador que não resistiu à tentação de encerrar os povos que libertou dentro dos Muros Inabaláveis da Verdade para poupá-los á Dor e ao Contágio dos Vírus do Erro, da Diversidade. Do Eu. Com resultados paradoxais, como se sabe: a reclusão faz desenvolver o vírus da liberdade, da mesma forma que a liberdade leva frequentemente os humanos a suspirarem pelas algemas. E a denunciarem

(como faz o ingénuo protagonista) todos quantos queiram cortar as amarras que os prendem à felicidade.

Leiam o livro depressa. E corram depois para a televisão, a ver até que ponto, hoje, os oprimidos estão libertos e os libertos oprimidos… Comédia trágica. Tragédia irónica.

Como este livro.

M.J.G.

Primeira Entrada

UM ANÚNCIO
A MAIS SÁBIA DE TODAS AS LINHAS
UM POEMA

Limito-me a transcrever textualmente o que hoje mesmo veio publicado na Gazeta do Estado: Dentro de cento e vinte dias ficará completo o INTEGRAL.

Aproxima-se a hora insigne, histórica, em que o primeiro INTEGRAL se levantará no espaço cósmico. Há mil anos, os nossos heroicos antepassados submeteram todo o globo terrestre ao domínio do Estado Único. Hoje assistiremos a um feito ainda mais glorioso: a integração, por meio do INTEGRAL, feito de vidro, elétrico, ígneo, da eterna igualização de tudo o que existe. Ficarão sujeitos ao benéfico jugo da razão todos os seres desconhecidos, os habitantes doutros planetas que porventura vivam ainda no estado selvagem de liberdade. Se acaso não percebem que nós lhes levamos a felicidade matemática e exata, é nosso dever forçá-los a serem felizes. Mas, antes de puxarmos das armas, tentaremos recorrer à palavra.

Em nome do Benfeitor, todos os números do Estado Único ficam notificados do seguinte: Todos os que se sentirem capacitados deverão compor tratados, poemas, odes e outras composições sobre a beleza e a grandeza do Estado Único.

Eles constituirão o primeiro carregamento do INTEGRAL.

E viva o Estado Único. Vivam os números. Viva o Benfeitor!

Escrevo estas coisas e sinto o meu rosto a arder. Sim… Há que levar a cabo a integração, proceder à grandiosa e infinita igualização de tudo o que existe. Sim, há que distender a curva selvagem, reduzi-la uma tangente… A uma assíntota… A uma linha reta! E isso porque a linha do Estado Único é uma linha reta. A grande, a divinal, a exata, a sábia linha reta — a mais sábia de todas as linhas!

Eu, D-503, construtor do INTEGRAL, sou um entre os muitos matemáticos do Estado Único. A minha caneta, acostumada aos números, não consegue criar a música das assonâncias e dos ritmos. Farei o possível por descrever o que vejo o que penso, ou mais precisamente o que nós pensamos (precisamente, nós, e será este “Nós” o título dos meus apontamentos). Estes serão o produto da nossa vida, da vida matematicamente perfeita do Estado Único e, sendo-o, não serão por si só um poema, independentemente do meu querer? Não tenho dúvidas, sei que assim é.

Escrevo isto com o rosto em fogo. O que eu sinto é em boa verdade comparável ao que uma mulher experimenta quando pela primeira vez sente em si o pulsar de um novo ser, ainda informe e cego. Sou eu e ao mesmo tempo, não sou eu. Durante meses e meses terei de continuar a alimentar esta minha obra com a minha seiva e o meu sangue, até que, por fim, dele me separe entre dores, depondo-o aos pés do Estado Único.

Mas estou pronto, como todos os outros, ou quase todos.

Estou pronto.

Segunda Entrada

BAILADO

A HARMONIA DO QUADRADO

X

Primavera. De lá de trás do Muro Verde, das planícies selvagens que escapam à nossa vista, o vento traz-nos o pólen amarelo e orvalho das flores. Este pólen seca-nos os lábios; temos de passar constantemente a língua pelos lábios e, muito provavelmente, todas as mulheres por quem passamos têm os lábios doces (e o mesmo sucede, naturalmente, com os homens). O que perturba, em certa medida, o pensamento lógico…

Mas que céu! Azul, nem a menor nuvem (tão primitivo era o gosto dos antigos, que os poetas tinham que procurar a inspiração naquelas massas de vapor informes, acasteladas umas sobre as outras!). Eu gosto e tenho a certeza de não me enganar se disser que todos nós gostamos deste céu assim, estéril, irrepreensível. Em dias como o de hoje, todo o universo aparece moldado no mesmo vidro impassível e eterno de que são feitos o Muro Verde e todas as nossas construções. Em dias como este podem ver-se as profundezas azuis das coisas, percebem-se coisas até aqui tidas como estranhas e desconhecidas… Vemos em tudo algo que antes considerávamos normal, prosaico.

Seja, por exemplo, o seguinte: estava eu esta manhã na doca onde se procede à construção do INTEGRAL quando, de repente, pus os olhos nas máquinas. Cegamente, inconscientemente, rodavam as bolhas dos reguladores; reluzentes, os pistões oscilavam para a direita e para a esquerda; o balanceio movia orgulhosamente os ombros; a goiva do torno gemia ao compasso duma música nunca ouvida. Compreendi naquele momento toda a beleza daquele bailado grandioso e mecânico, que o sol e o azul e etéreo céu banhava-se de luz.

E não pude deixar de perguntar a mim mesmo: «Porque é que tudo isto é belo?"". Porque é bela esta dança?»

Porque se trata de um movimento que não é livre, porque o sentido profundo da dança reside exatamente na obediência absoluta e extática, na não liberdade ideal.

O fato de os nossos antepassados se entregarem à dança nos momentos mais inspirados das suas vidas (no decorrer dos mistérios religiosos, dos desfiles militares), só pode ter um significado: o instinto da não-liberdade é organicamente inerente ao homem desde os tempos mais remotos, e nós, hoje, na vida de todos os dias, mal temos consciência de que…

Mais tarde explanarei esta ideia. O intercomunicador acaba de me fazer sinal neste momento. Quando olho: é 0-90, tinha que ser. Vêm-me buscar para irmos dar um passeio.

Querida 0-…! Sempre achei que o nome condiz com o aspecto dela. Tem cerca de dez centímetros menos do que manda a Norma Maternal, o que lhe arredonda as formas,

dando a impressão de ter sido feita num torno. O róseo da sua boca entreabre-se para acolher cada uma das minhas palavras. Tem nos pulsos rechonchudos um refugo como os das crianças.

Quando ela entrou, o volante da lógica zunia ainda dentro de mim e, devido à inércia, não pude deixar de falar na fórmula que acabava de estabelecer e na quais todos participaram, nós, a máquina e a dança.

— Maravilhoso, não é? — perguntei.

— Sim, é maravilhoso, é primavera — respondeu 0-90 com um sorriso róseo.

É primavera, imagine-se! A falar-me em primavera… Estas mulheres!… Fiquei calado.

Saímos. A avenida estava cheia de gente. Com um tempo destes, habitualmente, a Hora Pessoal que se segue ao almoço é consagrada a um passeio suplementar. Como habitualmente, a Oficina Musical tocava em todos os seus alto-falantes a Marcha do Estado Único. Os números — às centenas, aos milhares — todos de uniformes azulados, com placas de ouro ao peito, placas com o número estatal de cada um ou de cada uma, caminhavam em filas, quatro a quatro, acertando convictamente o passo com o ritmo da música. E eu, em conjunto com os outros três do nosso grupo, formávamos uma das inúmeras vagas daquela torrente poderosa. À minha esquerda tinha a 0-90 (se um dos meus hirsutos antepassados escrevesse isto há mil anos atrás, aplicar-lhe-ia com certeza o engraçado pronome minha): à minha direita, tinha dois números desconhecidos, um masculino e outro feminino.

O céu esplendorosamente azul, os minúsculos sóis de cada uma das nossas placas, sóis pequenos como se fossem brinquedos, os rostos libertos de pensamentos dementes, tudo se conjugava num espetáculo único, radioso, risonho. Como se, ao ritmo dos metais — tra-ta-tam, tra-ta-ta-tam —, brônzeos degraus refulgissem ao sol e, a cada degrau, todos subíssemos cada vez mais alto no azul vertiginoso… E foi então, exatamente como já me tinha acontecido esta manha nas docas, que vi uma vez mais todas as coisas como se estivesse a vê-las pela primeira vez na vida… Vejo ruas impecavelmente direitas, o vidro resplandecente das ruas, os divinais *paralelepípedos (edifícios) das construções transparentes, a harmonia quadrada das filas de números azuis-cinza. E tive a impressão de que não tinham sido as gerações anteriores a mim, mas sim eu, eu precisamente, quem tinha apego ao antigo Deus e a antiga vida, que tinha sido eu o criador de tudo isto. E, com a sensação de ser uma torre, assaltou-me o receio de mexer o cotovelo, de provocar a derrocada das paredes, das cúpulas, das máquinas.

No momento seguinte dei um passo atrás no tempo, andei do + para o —. Recordei (evidentemente numa associação por contraste), certo quadro visto no museu, que representava uma avenida do século XX e nela uma multidão desordenada, confusa, de gente, rodas, animais, cartazes, árvores, cores, pássaros… E dizem que era realmente assim, que acontecia assim na realidade. Para mim, essas coisas são tão inverossímeis que não pude deixar de rir à gargalhada. O meu riso encontrou eco logo ali à minha direita. Voltei-me: vi diante de mim uns dentes (extraordinariamente brancos e afiados) e um rosto feminino desconhecido.

— Desculpe — disse-me ela —, mas vejo-o olhar para tudo com um ar tão inspirado… Como o Deus mitológico do sétimo dia da criação. Pelo que vejo, está convencido de que

foi você e não outro quem foi que criou a mim, fato este que muito me lisonjeia.

Tudo isto ela disse sem sorrir, direi mesmo que o disse com certa deferência (possivelmente, sabia que era eu o construtor do INTEGRAL). Mas, não sei se nos olhos se nas sobrancelhas, ela tinha um X estranho e irritante que não consegui ver, por mais que tentasse calcular, reduzir a uma fórmula numérica. Por qualquer razão, Senti-me embaraçado e, um tanto perplexo, comecei a procurar as motivações lógicas do meu riso. Era perfeitamente evidente que este contraste, este abismo intransponível entre as coisas de hoje e as de antigamente…

— Intransponível, como? (Que dentes afiados ela tinha!) Sobre um abismo é sempre possível estender uma ponte. Puxe pela imaginação: tambores, batalhões, fileiras… Todas essas coisas existiam anteriormente e, portanto…

— Sim, pois, é claro — exclamei eu.

A transmissão de pensamentos era espantosa: ela exprimia — com as minhas próprias palavras — aquilo que eu tinha estado a escrever antes de sair. «Está visto que até os próprios pensamentos se compreendem….E é assim porque ninguém é 'um', todos somos 'um entre'". Somos tão semelhantes…»

— Tem a certeza? — atalhou ela.

Reparei que as sobrancelhas dela formavam com as têmporas um ângulo agudo como o que é formado pelas hastes dum X. Por não sei que motivo, Senti-me outra vez perplexo; olhei para a direita, olhei para a esquerda e…

Seguia, à minha direita, a desconhecida E-330 (vi-lhe então perfeitamente o número), elegante, firme, maleável como um chicote; à esquerda ia 0-90 (ou simplesmente 0-), completamente diferente, toda ela esférica, com um refego, igual ao das crianças, nos pulsos; no outro extremo do nosso grupo seguia um número macho que eu não conhecia um indivíduo formado por duas curvas, dando a ideia da letra S. Éramos todos diferentes uns dos outros…

A outra, a da direita, a E-330, deu pelos meus olhares de perplexidade e suspirou: «Ai, ai»!

Este «ai» vinha a propósito, não o nego, mas notei nas feições dela algo de estranho… A não ser que fosse à voz.

— Não vale a pena suspirar — disse eu com uma brusquidão que em mim não é habitual — A ciência progride e é evidente que, se não for dentro de cinquenta anos, pelo menos dentro de cem anos…

— Mesmo os narizes de todos…

— Sim, os narizes — respondi quase aos gritos. —Enquanto houver motivos para alguém invejar, seja em que grau for… Se eu tenho um nariz em forma de botão e outra pessoa tem um em forma de…

— De fato, o seu nariz, sempre lhe digo que é um tudo nada clássico, como se dizia naquele tempo. Já as suas mãos… Não, nada disso, posso ver as suas mãos? Não suporto que as pessoas observem as minhas mãos; tenho-as peludas, hirsutas — um atavismo

ridículo.

Levantei-as e, numa voz tanto quanto possível indiferente, disse:

— São mãos de símio.

Ela observou-me as mãos e fitou-me logo a seguir: — Curiosamente, não podia ser maior a concordância.

Pesava-me com os olhos como se eles fossem uma balança. Tornei a reparar nos contornos que as pontas das sobrancelhas pareciam formar.

— Ele está registrado no meu nome — disse a boca rósea da 0-90, toda contente.

Melhor fora estar calada; a observação não podia ser mais deslocada. A 0- é adorável, mas… Como é que eu hei de dizer? A velocidade da língua dela não é corretamente calculada; a velocidade por segundo da língua dela atrasa-se sempre um bocadinho relativamente; e velocidade por segundo do pensamento, nunca se verificando o inverso.

O grande sino da Torre Acumuladora fez soar às 17 horas.

Sinal de que chegava ao fim a Hora Pessoal. E-330 afastou-se na companhia do número masculino em forma de S. A cara deste impunha respeito e, percebi logo a seguir, não me era desconhecida. Devo tê-lo encontrado em qualquer lado, não me recordo em que circunstâncias.

Na despedida, ela sorriu-me de forma enigmática, sempre com o tal X:

— Passe depois de amanhã pelo Auditório 112 — disse.

— Se acaso eu for convidado para o auditório que referiu… — respondi, encolhendo os ombros.

— Vai sê-lo — ripostou ela com uma segurança que eu não consegui perceber.

Aquela mulher exercia sobre mim um efeito tão desagradável como o duma componente irracional que se introduz numa equação e não pode ser analisada. Por isso me agradou ficar a sós com a minha querida 0-, embora por pouco tempo. De braço dado, atravessámos quatro avenidas. Numa esquina, ela teria que subir para a direita e eu para a esquerda.

— Gostaria muito de ir hoje contigo e baixar as cortinas. Hoje mesmo… Agora mesmo — disse-me O-, olhando timidamente para mim com aqueles olhos redondos de cristal azul.

Tão engraçada que ela é! Que podia eu responder? Tinha estado comigo ontem e sabe tão bem como eu que o nosso próximo Dia Sexual é depois de amanhã. Aqui está a tendência que elas têm de pôr a língua à frente do pensamento… Um fenómeno análogo ao que se passa com a faísca que no motor se inflama cedo demais, estragando-o.

Ao deixá-la, beijei-a duas vezes… Não, há que ser exato: dei-lhe três beijos nos olhos maravilhosamente azuis, libertos de toda e qualquer nuvem negra.

Terceira Entrada

UM CASACO
UMA MURALHA
UMA TÁBUA DE MANDAMENTOS

Dei uma vista de olhos a tudo o que ontem escrevi e vejo que escrevo com pouca clareza. Melhor dizendo: tudo é claro para qualquer de nós; mas é possível que o não seja para vocês, a quem eu não conheço, a quem o INTEGRAL vai levar os meus apontamentos… É possível que só tenham lido o livro da civilização até à página a que chegaram os nossos antepassados há novecentos anos. É possível que ignorem elementos tais como as Tábuas dos Mandamentos Horários, as Horas Pessoais, a Norma Maternal, o Muro Verde, o Benfeitor. Eu acho cômico e ao mesmo tempo difícil falar de tudo isto. É assim como se um escritor do século passado, do século vinte se preferirem, tivesse de explicar nos seus romances o que quer dizer «casaco», «apartamento», «mulher». Se o romance tivesse de ser traduzido para os selvagens, como evitar a inclusão de notas a explicar o que quer dizer casaco?

Tenho a impressão de que um selvagem não poderia deixar de se interrogar, ao ver a palavra casaco: « Mas o que vem a ser isso?". Deve ser uma coisa incómoda!» O mesmo sentirão vocês, creio, quando eu lhes disser que, depois da Guerra dos Duzentos Anos, nenhum de nós pôs os pés para lá do outro lado do Muro Verde. Vão ter que pensar um pouco, meus caros, será bom pensarem nisso.

Porque é tudo muito claro: toda a história humana, tanto quanto nos é dado saber, é a história da transição das formas nómades para formas cada vez mais sedentárias.

Não derivará daí que a forma extrema de vida sedentária (a nossa) é simultaneamente a mais perfeita? Os homens desceram de um extremo do mundo para o outro, nos tempos pré-históricos, quando havia coisas como nações, guerras, traficâncias, os descobrimentos das várias Américas. Mas quem é que hoje em dia precisa de tais coisas, para quê fazer isso?

Eu admito que o hábito desta vida sedentária não fosse conseguido sem dificuldade, não foi obtido de um momento para o outro. Quando, no decurso da Guerra dos Duzentos Anos, todas as estradas foram destruídas e se cobriram de erva, terá parecido incómodo viver-se em cidades separadas umas das outras por vastidões verdes.

E depois? Na altura em que perdeu a cauda, o homem demorou certamente a aprender a enxotar as moscas sem ela; deve ter ficado deprimido, nos primeiros tempos, ao ver-se sem apêndice caudal. Mas, quem é que hoje consegue imaginar-se com cauda? Quem é que se imagina, despido, no meio da rua, sem casaco? (Não deixa de ser possível andar pela rua fora sem casaco.) Ora, eu encontro-me exatamente numa situação semelhante a essa: não sou capaz de imaginar uma cidade que não tenha o seu Muro Verde, não sou capaz de imaginar a vida que não se apresente envolta nas roupagens repletas de

caracteres das Tábuas dos Mandamentos Horários.

As Tábuas dos Mandamentos Horários… Lá estão elas além, na parede do meu quarto, olhando-me nos olhos, há um tempo severa e ternamente, lá estão os caracteres vermelhos sobre fundo dourado. Involuntariamente, o que eles fazem lembrar é aquilo a que os antigos chamavam ícones, e dentro de mim brota o desejo de compor versos, preces (trata-se de uma e a mesma coisa).

Ah, quem me dera ser poeta para vos cantar como mereceis, ó Tábuas dos Mandamentos Horários, vós que sois o coração e o pulso do Estado Único!

Todos nós (e talvez todos vós) lemos, quando andávamos na escola, o maior monumento da antiga literatura que até nós chegou: os Horários de todos os Caminhos de Ferro. Mas ponha-se este clássico ao lado das Tábuas dos Mandamentos Horários e será como ver, lado a lado, a grafite e o diamante. Contêm, uma e outro, o mesmo elemento, C, o carbono, mas quão eterno e transcendente é o diamante, que brilho o dele! Quem é que não perde o fôlego ao mergulhar e ao percorrer as páginas das Tábuas do Tempo? As Tábuas dos Mandamentos Horários, porém, fizeram de todos e de cada um de nós heróis épicos com seis rodas de aço.

Todas as manhãs, com a precisão duma engrenagem de seis rodas, no mesmo minuto e no mesmo segundo, nós, milhões que somos, levantamo-nos como se fôssemos um só número. À mesma hora, nós, milhões-num-só, começamos a trabalhar e, no final, paramos todos em simultâneo. Unidos num só corpo com muitos milhões de mãos, todos nós levamos as colheres às bocas, no exato instante em que as Tábuas dos Mandamentos Horários o preceituam; todos nós, no mesmo segundo, saímos a passear e vamos para o auditório, ou para o Salão dos Exercícios Taylor, ou recolhemo-nos para dormir.

Vou ser franco: não achávamos ainda, de forma absolutamente exata, a solução do problema da felicidade. (Duas vezes por dia, às horas ordenadas pelas Tábuas (das 16 às 17) e das 21 às 22) o nosso poderoso organismo unipessoal divide-se em células separadas: trata-se das Horas Pessoais, tal como as fixam as Tábuas dos Mandamentos Horários. Nessas horas, podem ver-se nos quartos de alguns as persianas pudicamente fechadas; outros podem ser vistos a atravessar a avenida, gravemente, ao ritmo brônzeo da Marcha do Estado Único; outros ainda podem ficar sentados às suas secretárias, como eu, neste momento. Mas creio firmemente (por mais que me chamem idealista e fantasioso!) que, mais tarde ou mais cedo, virá o dia em que encontraremos na fórmula geral lugar para estas horas, virá o dia cujos 86 400 segundos sejam totalmente controlados pelas Tábuas dos Mandamentos Horários.

Tive já ocasião de ler e de ouvir contar muitas histórias incríveis dos tempos em que as pessoas viviam num estado livre, isto é, desorganizado, selvagem. Mas o aspecto para mim mais inacreditável é o seguinte: como foi possível o poder governante (fosse ele embora o mais rudimentar) permitir ao povo viver sem uma regra idêntica às nossas Tábuas dos Mandamentos Horários, sem passeios obrigatórios, sem um controle rigoroso das horas das refeições… Como pôde ele consentir que as pessoas se levantassem e fossem para a cama quando muito bem lhes apetecia? Alguns historiadores afirmam até que, nesses tempos, ao que parecem, as ruas ficavam iluminadas durante a noite e que andava gente a pé e de carro pela rua!

Há uma coisa que a minha cabeça não consegue de todo em todo perceber. Será que, apesar de todas as limitações da inteligência, as pessoas não eram levadas a entender que tal modo de vida era um assassínio da população… Um assassínio lento, adiado de dia para dia?

O Estado (na sua desumanidade) proibia o assassínio da pessoa singular, sem, todavia proibir o sema assassínio de milhões. Era criminoso matar uma pessoa, ou seja, subtrair à soma total das vidas humanas uns cinquenta anos; mas não era crime subtrair à soma total das vidas humanas vinte milhões de anos. Digam lá se não dá vontade de rir?! Qualquer número com dez anos de idade é hoje em dia capaz de resolver este problema matemático-moral, mas naquele tempo não houve nenhum Kant capaz de resolvê-lo. Até porque nenhum Kant pensou algum dia em construir um sistema de ética científica, isto é, um sistema ético fundado na subtração, na adição, na divisão e na multiplicação.

Vejam bem: não será absurdo o Estado (tinha o atrevimento de se chamar Estado!) consentir numa vida sexual sem controle de espécie alguma? Com quem, quando e como cada um quisesse?… De forma completamente anticientífica, como os brutos. E, tal como os brutos, procriava às cegas, a seu bel-prazer. Dá muita vontade de rir o fato de, sabendo eles horticultura, criação de voláteis, piscicultura — sabemos hoje com toda a certeza que conheciam todas essas coisas —, não fosse capaz de ascender ao último degrau desta escada lógica: à puericultura. Nunca eles conseguiram atingir a conclusão lógica: as nossas Normas Maternas e Paternas.

É tão ridículo, tão incrível, que, depois de ter escrito o que acima escrevi, me sinto apreensivo: e se os meus leitores desconhecidos me tomassem por um brincalhão?

E se de repente ficassem com a ideia de que me divirto cruelmente à custa dos meus leitores, contando- -Ilhes com ar grave uma série de balelas? Antes de tudo, eu não sei gracejar, porque todo o gracejo disfarça certa falsidade e, por outro lado, a Ciência do Estado Único afirma que a vida dos antigos era precisamente como eu acabei de descrever… E a Ciência do Estado Único é infalível. E, além disso, como se poderia falar de lógica governamental num tempo em que as pessoas viviam no estado de liberdade, isto é, como brutos, como macacos, como gado? Que mais se poderia exigir deles se até hoje em dia é frequente ouvir-se o guincho simiesco, vindo das profundezas, de um sítio inatingível? Felizmente, é só de vez em quando. E, para nossa felicidade, a falha dá-se em casos sem importância; são fáceis de remediar, sem necessidade de se interromper o progresso de toda a Máquina. E, para se substituir a corda avariada, temos a mão hábil e poderosa do Benfeitor, temos os olhos experientes dos Guardas.

Lembro-me agora, a propósito, de uma coisa: aquele número masculino, com a forma de dupla curva, a fazer lembrar a letra S…, acho que o vi sair do Posto dos Guardas. Percebo agora porque senti por ele um respeito instintivo e porque senti algum embaraço quando aquela estranha E-330, na presença dele… Confesso que aquele número feminino…

Acaba de tocar a campainha; hora de ir para a cama: 22.30. Amanha continuarei.

Quarta Entrada

O SELVAGEM E O BARÔMETRO

EPILEPSIA

SE AO MENOS…

Até aqui, tudo me parecia claro (não será por mero acaso que olho com alguma parcialidade para a palavra claro).

Hoje, porém… Não compreendo. Para começar, fui de fato convocado para o Auditório 112, tal qual como ela tinha dito. Embora a probabilidade de tal acontecer fosse 1 500 = 3 10 000 000 20 000 – Representando 1500 os auditórios e sendo nós, números, 10 000 000. Em segundo lugar… Mas é melhor proceder por ordem.

O auditório: um meio-globo imenso de vidro compacto atravessado pelo sol. Filas circulares de cabeças nobres, esféricas, muito próximas umas das outras. Com o coração a bater apressado, olhei em volta. Creio que já então esperava vir a descobrir entre as vagas azuis dos uniformes um brilhante e róseo crescente: os lábios queridos de 0-90. Ai… O que vi foram uns dentes brancos e afiados, que mais pareciam… Mas não, não eram. Esta noite, às 21.00, 0-devia ter ido jantar. Era perfeitamente natural o meu desejo de vê-la.

Tocou então a campainha. Levantámo-nos, cantámos o Hino do Estado Único; no estrado apareceu o nosso fonoleitor, irradiando inteligência, junto de um alto-falante de ouro.

«Estimados números, os arqueologistas descobriram um livro do século XX". Um autor irónico conta nele à história do selvagem e do barómetro. Um selvagem tinha notado que, sempre que o barómetro indicava chuva, chovia mesmo. E, tendo-se convencido de que isso trazia a chuva, agitava o barómetro para conseguir que o barómetro indicasse chuva. (A tela mostrou um selvagem emplumado, abanando o barómetro. Risos.) Estão todos rindo… mas o mais espantoso é que o europeu dessa época dá muito mais vontade de rir. Acreditam? O europeu queria chuva, tal como o selvagem, o europeu queria chuva com um C maiúsculo, uma chuva algébrica, mas quedava-se na frente do barómetro, como uma galinha choca. O selvagem acabava por ser muito mais ousado, enérgico e lógico se bem que a sua lógica fosse bárbara. Era capaz de perceber que havia uma relação entre a causa e o efeito; agitando o mercúrio, dava o primeiro passo no caminho ao longo do qual…».

Nesse momento (escrevo sem quaisquer rebuços, repito), nesse momento, fiquei por algum tempo impermeável às vivificantes correntes que manavam do alto-falante. Tive a súbita impressão de que tinha sido inútil a minha vinda (inútil por que, se eu nada mais podia fazer do que comparecer, uma vez que tinha sido intimado a fazê-lo?!); tudo se me afigurava vazio como uma concha. Tornou sê-me difícil concentrar-me na altura em que o fonoleitor atacou o tema central: o da nossa música, da composição matemática da nossa música (a matemática era a causa, a música era o efeito), tendo passado à descrição do musicómetro recentemente inventado.

«Bastará rodar este registo para qualquer um de nós produzirmos pelo menos três sonatas

numa hora". Comparem esta facilidade com as dificuldades que os nossos antepassados experimentavam para obterem o mesmo resultado. Só conseguiam criar mergulhando no estado de inspiração — uma forma desconhecida de epilepsia. E vão agora ouvir uma divertida demonstração daquilo que eles conseguiam obter: um trecho musical de Scriabine, um compositor do século XX. Esta caixa preta (abriu-se ao fundo do estrado uma cortina, pondo à mostra o mais antigo instrumento tocado pelos antepassados), esta caixa era designada pelo nome de Royal Grand, o que mostra a sua natureza régia, mais uma prova do grau atingido pela música deles…».

Aqui, não me lembro do resto, provavelmente por que…

Falarei sem circunlóquios: E-330 aproximou-se do Royal Grand. E eu devo ter ficado emocionado com uma aparição tão inesperada.

Vestia a fantástica indumentária duma qualquer época passada: evolvia-lhe o corpo um fato negro que lhe fazia sobressair à brancura dos ombros nus, do colo quente que a respiração fazia levantar e baixar… E dos dentes…

Os dentes de uma brancura ofuscante…

Um sorriso ofereceu-nos um sorriso, autêntico… Sentou-se; começou a tocar. Música bárbara, espasmódica, mesclada, como a vida desses tempos… Sem sombras de mecânica racional. Tinha razão todos os que à minha volta se riam… Mas havia alguns que… E porque é que eu me incluía no número destes?

Sim, a epilepsia é uma doença psíquica, uma dor psíquica.

Uma dor lenta, deleitosa, uma mordida… Que penetra cada vez mais fundo, que dói cada vez mais! E então, lentamente, o sol. Não o nosso sol, não o sol azul e cristalino, sempre igual, coado através dos telhados de vidro. Não, um sol selvagem, destruidor, que tudo seca, que tudo desfaz que tudo reduz a pequenas partículas…

O número sentado à minha esquerda observou-me pelo canto do olho e soltou uma risada de escárnio. Na minha memória, por não sei que razão, ficou um pormenor: vi-lhe aparecer e rebentar nos beiços uma bolha de saliva microscópica. Esta bolha fez com que eu voltasse a mim, tornasse a ser eu mesmo. Tal como os outros, o que agora ouvia era o ruído incongruente e frívolo das cordas percutidas. Pus-me a rir. Tudo tornava a ser fácil e simples. O talentoso fonoleitor fez uma descrição vivíssima daquela época e. Foi tudo.

Que grande prazer o meu ao escutar depois a nossa música contemporânea! (Foi executada no final da palestra, para mostrar bem o contraste.) Ele eram as escalas cromáticas cristalinas que convergiam e divergiam em séries intermináveis… Os acordes breves das fórmulas de Taylor, de McLaren; as passagens sonoras, quadradas, do teorema de Pitágoras; as pensativas melodias de um movimento moribundamente oscilatório; os ritmos vivos que alternavam com as pausas das linhas de Frauenhofer… A análise espectral dos planetas… Quanta grandeza! Que regularidade inflexível! Que limitada era a música dos antigos, sem mais restrições do que as de uma fantasia bárbara…

Todos os números saíram do auditório, em filas de quatro, como habitualmente. Passou por mim uma figura em forma de S; fiz-lhe uma vénia respeitosa.

A adorável 0-chegaria daí à uma hora. Sentia-me excitado. Ao chegar a casa, corri para o

gabinete da vigilante, mostrei o bilhete cor-de-rosa e recebi um certificado que me conferia o Direito às Persianas. Só temos esse direito nos Dias Sexuais.

Normalmente, vivemos cada instante à vista de todos, sempre banhados em luz e cercados de paredes de vidro que parecem feitas de ar refulgente. Nada temos a esconder uns dos outros. Esta forma de viver, assim às claras, facilita a difícil e nobre missão dos guardas. Se assim não fosse, sabe-se lá o que podia acontecer. É muito possível que as habitações opacas dos antigos estejam na origem da sua triste psicologia celular. «A minha (sic) casa é a minha fortaleza»… De fato, eles puxavam muito pelo miolo!

Às 22 horas baixei as persianas e, nesse exato momento, chegou 0-, esbaforida. Estendeu-me a boca rósea e o bilhete da mesma cor. Rasguei o talão do bilhete, mas da sua boca rósea só me retirei no momento derradeiro —ás 22.15.

Mostrei-lhe depois estas «entradas» e falei (pelos vistos, muito bem) sobre a beleza do quadrado, do cubo, da linha reta. Ela escutava com ar róseo, encantador, e foi aí que uma lágrima, e outra, e uma terceira deslizaram dos seus olhos azuis, indo cair na página aberta (a página 7). A tinta esborratou e vou ter de passar tudo a limpo.

— Querido D-, se ao menos você… Se ao menos…

Ora… Se ao menos o quê? Se ao menos o quê? Será que ela vai voltar à lengalenga antiga, vai querer ter um bebê? Ou será alguma coisa nova… A respeito de outro homem? Muito embora, se assim fosse, tenho a impressão de que… Não, seria demasiado absurdo.

Quinta Entrada

O QUADRADO
SOBERANO DO UNIVERSO
UMA FUNÇÃO AGRADÁVEL E ÚTIL

Mais uma vez tenho a impressão de que não arranco como deve ser. Mais uma vez, leitor desconhecido, falo contigo como se… Digamos como se fosses R-13, um velho amigo meu. Trata-se de um poeta, de lábios grossos, negroides… Toda a gente o conhece. Mas, pensando melhor, vejamos, tu podes estar na Lua, em Vénus, em Marte, em Mercúrio; sabe-se lá quem és e onde estás.

Como direi? Imagina um quadrado, uma figura quadrangular, um equilátero, vivo, belo. Ele informa-te a seu respeito, fala-te da sua existência. Compreenderás que a última coisa que passaria pela sua mente de quadrilátero seria dizer-te que todos os seus ângulos são iguais: ele já nem sequer sabe disso, para ele é um fato normal, uma coisa de todos os dias. Ora é nessa posição quadrangular que eu me vejo constantemente. Tomemos agora, por exemplo, estes bilhetes cor-de-rosa e tudo acabam por bater certo; eles estão para mim como a igualdade dos ângulos está para o quadrado, ao passo que para ti podem ser uma coisa tão dura de roer como o binômio de Newton.

Muito bem. Alguns sábios antigos disseram uma coisa inteligente (por mero acaso, diga-se de passagem); « Amor e a Fome é o que comandam o universo». Logo, para dominar o universo, o homem terá que dominar esses dominadores do universo. Pagando um preço elevadíssimo, os nossos antepassados triunfaram sobre a Fome: refiro-me à Grande Guerra dos Duzentos Anos entre a cidade e a aldeia. Os cristãos selvagens, devido certamente a preconceitos religiosos, defendiam com afinco o seu pão. Mas no trigésimo quinto ano antes da fundação do Estado Único, foi descoberta a comida que hoje consumimos um derivado da nafta. Só 0,2 da população sobreviveram; mas, limpa da imundície milenar, a face da terra ficou muito mais esplendorosa!

Os sobreviventes puderam conhecer a bem-aventurança de viver nas inúmeras mansões do Estado Único.

Não será claro que a bonança e a inveja são tão-somente o numerador e o denominador dessa fração a que se chama felicidade? Que significado terá, pois os incontáveis sacrifícios da Guerra dos Duzentos Anos se, apesar de tudo, continuasse a haver razões para a inveja?

Mas continua a haver algumas, até porque continua a haver narizes em forma de botão e narizes clássicos (para voltarmos ao tema da nossa recente conversa durante o Passeio Suplementar), porque há alguns que proporcionam muitas conquistas amorosas e outras nenhumas.

Naturalmente, depois de ter dominado a Fome (uma vitória que foi o sinal algébrico = da soma das venturas externas), o Estado Único levou a cabo uma ofensiva contra o outro

dominador do Universo, ou seja, o Amor.

Este elemento acabou por ser derrotado, isto é, foi organizado, matematizado, e, cerca de trezentos anos depois, seria proclamada a nossa «Lex Sexualis»: «Qualquer número tem o direito de utilizar qualquer outro número como produto sexual».

O resto já é um problema meramente técnico. Cada caso é objeto de investigação aturada nos laboratórios do Gabinete Sexual; determina-se com a maior exatidão a soma de hormônios sexuais e estabelece-se para cada um uma Tábua dos Dias Sexuais. Posto isto, faz-se um requerimento onde se declaram os Dias Sexuais em que se quer utilizar este número ou aquele ou aquele outro ou aqueles outros, recebe-se o respectivo livro de cupons (que é cor-de-rosa) e pronto, não é preciso mais nada.

Claro está que deixa de haver quaisquer fundamentos para o ciúme; o denominador da fração de felicidade fica reduzido à zero, o que faz com que a fração se converta em magnífico infinito. O que para os antigos constituía uma fonte de incontáveis e estúpidas tragédias converteu-se para nós numa função harmoniosa, aprazivelmente útil, o mesmo acontecendo também com o sono, o trabalho físico, a ingestão de comida, a defecação, *etc*. Por aqui se vê como a grande força da lógica limpa tudo aquilo em que toca. Ah se tu, leitor desconhecido, lograsses conhecer esta força divina, se a seguisses até ao fim!

…Estranho! Hoje, enquanto escrevia sobre os altíssimos cumes atingidos pelo género humano ao longo da história e respirava o mais puro ar das montanhas do pensamento, tudo dentro de mim se nublou, se cobriu de teias de aranha, foi atravessado pelos braços cruzados de outro X. Pode muito bem ser uma imagem das minhas patas, das minhas mãos peludas que pus diante dos olhos durante bastante tempo. Não gosto de falar delas, não morro de amores por elas, é um vestígio das épocas selvagens. Será possível que dentro de mim haja…

Estive para riscar tudo isto, está fora do âmbito desta entrada, mas, pensando melhor, decidi não riscar nada.

Deixarei que estas entradas, qual sismógrafo rigoroso, desenhem a curva das mais insignificantes oscilações cerebrais… Por vezes, de fato, estas oscilações cerebrais são precursoras de…

Esta frase é que é mesmo absurda, era melhor riscá-la…

Canalizamos todas as forças do universo para os respectivos tubos e está posta de lado toda e qualquer catástrofe.

Para mim tudo é neste momento perfeitamente claro: a estranha sensação que me domina deve-se à situação quadrangular em que me encontro e de que falei no princípio. E o X não está dentro de mim (também isso está fora de questão); o que eu tenho é receio de que nos meus leitores haja qualquer X. Espero que não me julguem muito severamente. Compreendam que escrever, para mim, é mais difícil do que foi para qualquer outro autor de toda a história do género humano. Há autores que escrevem para os seus contemporâneos, outros para os seus descendentes, não houve nenhum que escrevesse para os antepassados… Ou para seres semelhantes aos seus bárbaros e remotos antepassados.

Sexta Entrada

UM ACIDENTE

ESSE MALDITO «É EVIDENTE»

VINTE E QUATRO HORAS

Repito que considero ser meu dever escrever sem reservas ou segredos. Por isso, doa a quem doer, tem que referir neste momento o tato de o processo de endurecimento, de cristalização da vida não ter ainda terminado. Continua a haver alguns degraus até se alcançar o ideal. O ideal, claro está, vai ser quando não acontecer mais nada, mas o fato é que entre nós…

Considere-se, por exemplo, o seguinte: leio na Gazeta do Estado Único do dia de hoje que dentro de dois dias será celebrada a Festa da Justiça na Praça do Cubo. Significa isto que, mais uma vez, houve números que perturbaram o funcionamento da grande Máquina do Estado, que tornou a acontecer o imprevisto, o não calculado!

Além disso, aconteceu-me, a mim, outra coisa. Foi durante a Hora Pessoal — ou seja, um período especificamente estabelecido a pensar em circunstâncias imprevistas —, mas, mesmo assim…

Por volta das 16 (ou das 15.50, para ser mais exato), estava eu em casa quando o telefone, de repente, se pôs a tocar.

— D-503? — perguntou uma voz de mulher.

— Sim.

— Está livre?

— Estou.

— Sou eu, E-330. Vou buscá-lo aí e vamos os dois à Casa da Antiguidade. Está bem?

E-330… Este E-feminino irrita-me, repugna-me, para não dizer que me assusta. Mas exatamente por isso é que lhe respondi: «Sim».

Passados cinco minutos estávamos já no aero: o céu de Maio era azul vivo e o sol calmo, no seu próprio aero de ouro, zumbia no nosso rasto, sem nunca se adiantar ou atrasar em relação a nós. Acima de nós erguia-se uma nuvem branca, ofuscante, uma nuvem incongruente, gorda como as bochechas desses Cupidos antigos, o que não deixava de ser perturbador. Tínhamos aberto os para-brisas, o vento açoitava-nos a cara e secava-nos os lábios, obrigando-me a passar constantemente a língua sobre eles e a pensar neles o todo o instante.

À distância, notamos uma série de manchas esverdeadas, do lado de lá do Muro; involuntariamente, sentimos o coração fraquejar; começávamos a descer, a descer, a descer, como quem desliza por um declive montanhoso, e daí a pouco aterrávamos junto à Casa da Antiguidade.

Todo este edifício magnificente, frágil, ofuscante, era revestido por uma concha de vidro;

se não fosse isso, há muito que teria ruído, com certeza. Junto à porta de vidro está sempre uma velha de cara enrugada, especialmente a boca, toda cheia de gretas, com os lábios metidos para dentro, atrofiados, não se crendo ao vê-la que tal boca fosse capaz de falar… Mas foi isso o que ela fez: — Então, queridos? Vieram visitar a minha casinha? —disse, com um brilho a iluminar lhe as rugas (melhor dizendo, as rugas uniram-se todas elas, dando a impressão de uma coisa brilhante).

— Nem mais, avó, senti vontade de tornar a visitá-la — disse-lhe a E-330.

— As rugas voltaram a brilhar: — Já viram este sol, hein? E então, o que é que temos desta vez? Ai, a marota… A marota… Eu sei, eu sei… Vá lá… Podem ir que eu fico melhor aqui ao sol…

A minha acompanhante, pelos visto, fazia-lhe visitas frequentes… Havia qualquer coisa que me repelia dali, mas havia também alguma coisa que me impedia de fugir: era, provavelmente, a imagem persistente daquela nuvem que pairava no azul do céu.

— Gosto dela… Gosto da velhota — disse a E-330, enquanto subíamos a escada larga, às escuras.

— Por quê?

— Isso não sei. Por causa da boca, possivelmente. Talvez por nada em especial. Gosto, só isso.

Encolhi os ombros.

— Sinto-me apanhada em flagrante — continuou, com um sorriso quase imperceptível, talvez mesmo sem sorrir.

— É evidente que não se deveria gostar assim, deveria ter-se uma razão. Todas as forças elementares deveriam ser…

— É evidente — atalhei eu, mas acabei por tomar consciência daquela palavra «evidente» e olhei furtivamente para E-330: teria ela se dado conta?

Ela olhava para baixo. Cerrara as pálpebras, como se fossem persianas. Recordei-me logo de uma coisa.

Naquela noite, por volta das 22.30, durante o passeio pela avenida, podiam ver-se, entre os cubículos transparentes e iluminados, alguns outros às escuras, com as persianas corridas e lá atrás das persianas… Que haveria por trás das persianas dela? Porque me terá ela telefonado hoje, o que haverá por trás de tudo isto?

Abri uma porta pesada, opaca, que rangia, e encontramo-nos num compartimento escuro, desarrumado (a que chamam aposentos). Ou via-se aquela música do instrumento Royal e as cores e formas de tudo o que se via eram bárbaras tanto quanto a música bárbara, desordenada, louca, daquelas eras remotas. O assoalho era branco, as paredes eram azuis, forradas de livros com encadernações vermelhas, verdes e cor-de-laranja; de bronze amarelo eram os candelabros e uma estatueta de Buda; quanto aos móveis, tinham linhas distorcidas, epilépticas e tudo aquilo era impossível de ser resolvido por qualquer equação.

Custava-me a suportar este caos, mas a minha acompanhante, pelos visto, era de constituição mais robusta.

— Acho este muito agradável — disse ela.

Mas acabou por se arrepender do que disse e mostrou-me um sorriso que era uma coisa, pondo à mostra os dentes brancos e afiados.

— Mais exatamente, é de todos os aposentos, o mais incongruente — corrigiu.

— Mais exatamente ainda, é o mais incongruente de todos os estados deles — eu a corrigi. — Nesse tempo os estados microscópicos eram aos milhares, sempre em guerra, cruéis como…

— Sim, sim, é evidente — disse E-330, aparentando a maior sinceridade.

Passamos por uma divisão onde havia camas de crianças (naquela época as crianças eram também propriedade privada). Vinham depois outros quartos com espelhos refulgentes, guarda-fatos enormes, divãs de cores berrantes e insuportáveis, uma lareira enorme, uma cama grande de mogno. O nosso vidro moderno — esplêndido, transparente, eterno — só aparecia ali sob a forma de tristes, frágeis e minúsculas janelas.

— E pensar que eles aqui se amavam assim, que se consumiam e se torturavam uns aos outros — disse ela, voltando a baixar as gelosias dos olhos. — Quanta energia humana desperdiçada de forma insensata e extravagante, não é verdade?

De certo modo, era eu que estava a falar pela boca dela, lia-me no pensamento. O sorriso, porém, era atravessado por aquele X irritante. Lá dentro, atrás das persianas, acontecia não sei dizer o quê; fosse o que fosse, estava farto; queria contrariá-la, gritar com ela (precisamente berrar com ela), mas via-me forçado a concordar com tudo o que ela dizia: era impossível não concordar.

A certa altura parámos diante de um espelho. Nesse momento chamaram-me a atenção os olhos dela.

Assaltou-me a ideia de que os homens têm uma constituição tão primitiva e desordenada como a dos aposentos em que vivem: têm cabeças opacas e a única coisa transparente, as janelas abertas para o interior, isso os olhos. Ela adivinhou a minha ideia, ao que parece, e voltou-se, como que a dizer: «Pronto, aí tem os meus olhos”“. E agora?» (Tudo isto, claro está, sem sequer abrir a boca.).

Tinham na minha frente duas janelas cerradas, com uma vida desconhecida e estranha no interior. A única coisa que eu vi era uma fogueira — ela própria era uma lareira acesa — e algumas figuras parecidas com…

Isto era natural, por certo: via-me eu próprio refletido naqueles olhos. Só não era natural nem habitual em mim (devia ser por causa do cenário opressivo que nos rodeava) o fato de sentir receio, de me sentir prisioneiro, metido numa jaula bárbara, apanhado por aquele temível furacão da vida de antigamente.

— Vá lá — disse E-330. — Passe um momento para a sala ao lado.

A voz vinha de dentro dela, detrás da janela obscura dos seus olhos, onde a fogueira estava a arder.

Saí, sentei-me. Numa prateleira fixa na parede via-se o busto assimétrico dum poeta de antigamente (Pushkin, creio), de nariz torto, com um sorriso quase imperceptível. Porque

estava eu ali sentado a aturar humildemente aquele sorriso, que estava eu a fazer ali, o que me fazia estar ali, numa situação tão absurda?

Aquela mulher irritante, repelente, o jogo inacreditável em que ela me tinha metido…

Ouvi, no quarto do lado, o ruído da porta do guarda-fato e um roçagar de sedas. Só muito a custo me impedi de ir até lá para… Não me recordo bem, mas, provavelmente, o que eu queria era dizer-lhe uma série de coisas que ela precisava ouvir. Mas não tardou que ela entrasse. Trazia um chapéu preto na cabeça, um vestido amarelo-vivo, curto, antiquado, e as meias eram igualmente pretas. O vestido era de seda fina. Vi claramente que as meias eram altas, muito por cima dos joelhos; quanto ao decote do vestido, era fundo, deixando ver aquela sombra que fica entre os…

— Vejo que quer mostrar-se original, mas não seria possível…

— É claro — atalhou E-330 — que ser original significa ser diferente dos outros. Por consequência, ser original é o mesmo que violar a uniformidade. E aquilo que na linguagem idiota dos antigos passava por ser banal significa hoje para nós o cumprimento dum dever. Até por que…

— Isso mesmo, isso mesmo, nem mais — observei eu sem perda de tempo. — E você não devia… Não devia…

Aproximou-se da estatueta do poeta do nariz torto e, cerrando as pálpebras sobre o fogo ardente dos olhos profundos, com aparente sinceridade, talvez para me acalmar, disse estas palavras sensatas: — Não lhe parece espantoso que as pessoas, noutros tempos, tolerassem tipos como este? E que, além de os tolerarem, também lhes prestassem culto? Que espírito servil o deles, não acha?

— É evidente… Ou seja, o que eu queria dizer é…

Maldita expressão, aquela «é evidente».

— Sim, sim, eu entendo. Mas, lá no fundo, eram mais poderosos do que as cabeças coroadas daquele tempo. Porque não eram eles isolados, exterminados? Se fosse agora…

— Se fosse agora, sim — continuei eu, mas logo ela desatou a rir e eu nada mais pude ver do que aquele riso, a curva cortante e dúctil daquele riso, uma curva tão obstinadamente elástica como a de um chicote.

Senti um arrepio que não mais esqueci. Ah, se eu pudesse passar a mão nela e… Não me lembro do que depois aconteceu. Era preciso fazer alguma coisa, fosse o que fosse. Abri, mecanicamente, a caixa dourada do relógio e vi as horas: eram 16.50.

— Não acha que são horas de nós irmos embora? — me desfiz com toda a delicadeza que me foi possível.

— E se eu lhe pedisse que ficasse aqui comigo?

— Mas… Pensou bem no que acaba de dizer? Eu sou obrigado a comparecer no auditório dentro de dez minutos…

— Todos os números têm obrigação de ir às aulas de arte e ciência — disse E-330 com uma voz que era exatamente a minha voz, ao mesmo tempo em que erguia as persianas das pálpebras e me olhava nos olhos: fitei-a e vi através daquelas janelas obscuras a lareira

acesa. — No Departamento Clínico, conheço um médico registrado no meu nome. Posso pedir-lhe que passe um atestado a dizer que está doente. Acha que basta isso?

Compreendi. Compreendi finalmente aonde me levava todo este jogo.

— Então é isso? Sabe perfeitamente que, como todos os números conscienciosos, sou obrigado a ir imediatamente ao Posto dos Guardas e…

— Vai mesmo…? — retorquiu com o mesmo sorriso-lascivo. — Estou curiosa por ver isso… Vai ou não vai ao Posto dos Guardas?

— Prefere ficar aqui? — perguntei, agarrando no puxador da porta.

Era um puxador de metal e, aos meus ouvidos, a minha voz era dura e metálica como o puxador.

— Um momento. Dá-me licença?

Foi até ao telefone, ligou para um número qualquer (era tal a minha agitação que nem me ocorreu tomar nota, mas era masculino) e disse bem alto: — Espero por ti na Casa da Antiguidade. Sim, sozinha!

Senti toda a frieza do puxador quando o fiz rodar, dizendo:

— Permite que eu pegue o aerocarro?

— Ah, sim, naturalmente, por favor.

Lá fora, como uma planta ao sol, a velha estava entretida com os seus devaneios. A boca, fechada aparentemente para todo o sempre, escancarou-se: — Então a sua… Dama? Ficou lá dentro sozinha?

— Ficou.

Tornou a fechar a boca. Abanou a cabeça. Era evidente que até aquele cérebro débil compreendia quanto era absurdo e arriscado o comportamento daquela mulher.

Às 17 em ponto eu já estava na aula. E nesse momento preciso, não sei por que, ocorreu-me que não era bem verdade o que tinha dito à velha: E-330, a estas horas, já não estava sozinha. E devia ser isso — o fato de não ter dito a verdade à velha — que me afligia, me distraía a atenção. Não, ela não estava sozinha, a verdade era essa.

As 21.30 tinha outra hora livre; poderia ter ido ao Posto dos Guardas nesse mesmo dia e apresentar o meu relatório. Mas, depois do estúpido incidente, sentia-me exausto. Além disso, o limite legal para tais relatórios era de dois dias. Dispunha ainda de vinte e quatro horas.

Sétima Entrada

UMA PESTANA

TAYLOR

A MARGARIDA E O JUNQUILHO

Noite. Verde, laranja, azul; o instrumento Royal vermelho; um vestido amarelo — amarelo-laranja. Depois… Um Buda de cobre. Subitamente, abriu as pálpebras metálicas e começou a escorrer, do Buda, um líquido. Também do vestido escorria um líquido; líquido que escorria em gotas pelo espelho e toda a cama de mogno ficavam molhados e os berços dos pequenos também e eu próprio me sentia encharcado… E tudo isto produzia em mim um horror deleitoso e letal…

Despertei; a luz azul difusa, o vidro das paredes reluzindo, as cadeiras e a mesa de vidro, tudo isso me acalmou; senti o coração mais leve. O líquido, o Buda… Quanto disparate! Bem não estou, é uma verdade. Nunca antes tive sonhos. Sonhar, dizem, era normalíssimo entre os antigos. Não admira: toda a vida deles era um carrocei assustador — verde, laranja, Buda, líquido. Hoje sabemos que o sonho é um grave distúrbio psíquico. Uma coisa eu sei: até hoje, o meu cérebro era um mecanismo cronometricamente regulado, fulgurante, sem um grãozinho de pó, mas hoje… Sim, hoje veio o desarranjo: sinto um corpo estranho no cérebro, assim como quando se tem uma pestana finíssima alojada num olho. Sentimo-nos exatamente como sempre fomos, mas a pestana alojada no olho não nos deixa descansar nem um segundo, não podemos esquecê-la.

À cabeceira da cama ressoa o tilintar cristalino dum pequeno despertador: 7 horas, hora de levantar. Para a esquerda e para a direita, nas paredes de vidro, vejo-me a mim próprio, vejo o meu quarto, o meu fato, os meus gestos, tudo repetido mil vezes. É uma coisa que nos reconforta isto de sabermos que somos um todo, enorme, poderoso. Quanto rigor, quanta beleza: nem um gesto supérfluo, nem um desvio.

Taylor, realmente, foi o maior gênio que os antigos tiveram. Em boa verdade, não conseguiu ir até ao fim, aplicar o seu sistema à vida em geral, passo a passo, dia e noite… Não foi capaz de integrar no seu sistema cada uma das vinte e quatro horas do dia. Apesar de tudo isso, como é possível terem os antigos escrito bibliotecas inteiras sobre o Kant e outros quejandos, sem darem por Taylor, profeta que soube prever tudo com dez séculos de antecedência?

Acabo de tomar o pequeno-almoço. Cantámos em uníssono o Hino do Estado Único. Todos a uma, em filas de quatro, os números encaminham-se para os ascensores. Mal se ouve o sussurro dos motores; vamos descendo, descendo, descendo, e, quase imperceptivelmente, o coração falha… Subitamente, por qualquer razão, ocorre-me aquele sonho despropositado ou uma função indeterminada do sonho. Ah, sim…

Aconteceu-me isso mesmo ontem, no aerocarro, a mesma quebra de tensão. Mas tudo passou. Acabou-se. O melhor que eu podia fazer era cortar rude e decididamente com ela.

O autocarro subterrâneo levou-me até à doca onde brilha ao sol o corpo delicado do INTEGRAL, imóvel, elegante.

De olhos fechados, sonho com as fórmulas: mais uma vez calculei a velocidade inicial necessária para fazer levantar do chão o INTEGRAL. A mínima partícula de segundo poderia modificar a massa do INTEGRAL, se houvesse que recorrer ao combustível explosivo. A equação resultante era extremamente complexa, com grandezas transcendentais.

Aqui, no meu sólido universo de algarismos, sinto, como num sonho, que alguém vem sentar-se ao meu lado e me pede desculpa por ter roçado por mim ao de leve. Abro os olhos e (por associação de ideias com o INTEGRAL) começo por ver um objeto a voar impetuosamente no espaço; era uma cabeça e voa porque tem umas asas cor-

-de-rosa no lugar das orelhas. Vejo depois a curva do pescoço, ondeando, as costas abauladas, uma dupla curva, a letra S… E, através das paredes vítreas do meu universo algébrico, chega até mim à pestana intrusa, uma coisa desagradável que hoje vou ter que…

— Não é nada, não é nada — digo com um sorriso ao meu colega, cumprimentando-o.

É o S-4711: vejo o número reluzir na placa e percebo agora porque foi que, desde o primeiro momento, o associei à letra S; foi uma impressão visual que a minha consciência não tinha registado. Nos olhos dele brilham duas verrumas pontiagudas, perfurantes, que penetram em mim profundamente e, neste momento, sinto que vai penetrar tão fundo que descobrirá tudo o que eu não me atrevo a confessar nem a mim próprio…

A pestana, de repente, é para mim uma evidência: ele é um deles, é um dos guardas e o mais simples seria contar-lhe tudo agora mesmo, sem esquecer nada.

— Sabe? Ontem estive na Casa da Antiguidade —comecei numa voz que me soou estranha, rouca, áspera, pelo que tentei aclará-la, tossindo.

— Ah, tem graça. Deve ter sido uma experiência útil e muito instrutiva.

— Sim, mas… Compreende, não fui só, E-330 me fez companhia e aí…

— E-330? Felicito-o. Uma mulher interessantíssima, talentosa, tem muitos admiradores.

Quer dizer que também ele! Durante aquele passeio…Será que também ele está registrado em nome dela? Não lhe vou falar disso. N3o há nada a dizer… Está tudo muito claro.

— Sim, sim, não há dúvida, não há…

O meu sorriso era cada vez mais aberto, cada vez mais palerma; o sorriso despia-me, imbecilizava-me. As verrumas tinham-me perfurado até ao mais fundo de mim; de repente, fazendo o movimento inverso, de apareceram-lhe do olhar. S-sorria de forma ambígua, abanava a cabeça, afastou-se e saía.

Ocultei-me atrás do jornal (tenho a impressão de que toda a gente me observa) e de repente esqueço a pestana, esqueço as verrumas, esqueço tudo, tão agitado fiquei com o que li no jornal: «De acordo com informações fidedignas, acabam de ser descobertos sinais de uma organização ainda por desmantelar, a qual teria por objetivo a libertação do jugo do Estado».

Libertação? É intrigante como entre o género humano continua enraizado o instinto criminoso. Uso deliberadamente esta palavra criminoso. A liberdade e o crime estão tão

indissoluvelmente ligados como…

Digamos o movimento dum aero e a sua velocidade; supondo que a velocidade do aero =0, o aero não se move; assim também se a liberdade do homem =0, o homem não comete crimes. É evidente. A única maneira de livrar o homem do crime é livrá-lo da liberdade. Ainda mal acabámos de libertá-lo (à escala cósmica, evidentemente, só daqui a séculos) e já alguns desgraçados…

Não, não percebo porque não fui logo ao Posto dos Guardas, ontem mesmo. Tenho de ir lá hoje sem falta até às 16.

Ao sair, às 16.10, olhando para a esquina, dou de cara com 0-; este encontro deixou-a radiante da vida. Trata-se de um espírito simples. É um encontro oportuno. Há de compreender-me e dar-me uma ajuda. Mas, vendo bem, não preciso de ajuda; a minha decisão é firme.

Os alto-falantes da Torre Musical tocavam compassadamente a Marcha — a mesma marcha de todos os dias. Inexplicável encanto o desta repetição diária, sempre igual!

— Quer dar uma volta? — disse 0-, pegando na minha mão.

Tinha os olhos azuis muito abertos, autênticas janelas por onde se tinha acesso ao interior — e eu entro por elas sem nada captar, sem encontrar o que quer que seja estranho ou desnecessário.

— Não, não vamos. Tenho que ir a…

E disse-lhe aonde queria ir. Para meu grande espanto, vi o círculo róseo de a sua boca tomar a forma de meia-lua, com as pontas para baixo, como se tivesse provado algo bem amargo. Não pude deixar de explodir: — Os números femininos estão todos irremediavelmente contagiados pelos preconceitos, dá-me a impressão. São totalmente incapazes de qualquer pensamento abstrato. Peço desculpa, mas são todas muito obtusas.

— Tem que ir falar com os espiões… Fale! Mas eu tinha ido ao Jardim Botânico e colhido uns ramos de junquilhos para ti.

— Que significa isso, mas eu? A que vem o, mas? É mesma coisa de mulheres. Arranquei-lhe o ramo das… Furioso, confesso.

— O seu ramo de junquilhos… É isso, então? Cheire, vá, cheire… Um perfume adorável, não é? Veja se tem um pouco de lógica, ande lá! Os junquilhos têm um perfume agradável, admito-o. Mas, de um perfume, do conceito de perfume, não é possível afirmar se é bom ou se é mau. Acha que é possível, acha? Os junquilhos têm o seu cheiro, a margarida também tem o seu cheiro: cada flor tem o seu. Havia espiões nos estados antigos, no nosso há também espiões… Sim, espiões. Não tenho medo das palavras. Mas uma coisa é clara: os espiões deles eram margaridas… Estes agora são junquilhos. Sim, junquilhos, nem mais nem menos!

Estremece o crescente róseo. Ao escrever isto, tenho consciência de que tudo se passou apenas na minha imaginação, mas naquele momento não tive dúvidas de que ela se ia rir a bandeiras despregadas. Por isso mesmo, comecei a gritar o mais alto que pude: — Junquilhos, sim! E não tem graça nenhuma… Não tem mesmo graça nenhuma!

Os globos rotundos e lisos de todas as caras agitam-se.

Olham para trás. 0-pegou-me ternamente na mão.

— Hoje você está muito esquisito… Sente-se mesmo bem?

O meu sonho… O vestido amarelo… O Buda… Tornou sê-me evidente que era necessário ir ao Posto Médico.

— Ah, sim, sem dúvida… Não me sinto bem… — respondi contente (e havia em tudo uma contradição inexplicável: não havia motivos de contentamento).

— Nesse caso, tem de ir já ao médico. Compreende, é claro, que o seu dever é sentir-se bem; é ridículo ter que lhe dizer isto.

— Mas tem toda a razão, querida 0-, é claro que tem toda a razão. Toda.

Não fui ao Posto dos Guardas, não havia nada a fazer.

Devia ir ao Custo Médico. Fiquei lá retido até às 17 horas.

E à noite (não tem importância, aliás, o outro Posto, há essa hora, já tinha fechado), à noite, veio ter comigo. Não fechamos as persianas. Divertimo-nos a resolver problemas dum antigo compêndio de matemática, um exercício que acalma e aclara o espírito. 0-90 estava debruçada sobre o caderno, com a cabeça inclinada sobre o ombro esquerdo e era tal a sua aplicação que tocava com a ponta da língua na bochecha esquerda. Muito infantil muito comovente. E, dentro de mim, tudo era bom, preciso, simples…

Ela foi embora e eu fiquei só. Respirei fundo duas ou três vezes (fiz muito bem antes de deitar). E chegou-me então ao nariz um cheiro inesperado… Um cheiro que me trouxe recordações desagradáveis… Não demorei muito a perceber qual a origem daquele cheiro: o ramo de junquilhos estava escondido na cama. De repente, num torvelinho, tudo estragado. Da parte dela, era uma grande falta de tato ter-me deixado ficar o ramo de junquilhos, como se o tivesse esquecido… Não, não fui ao Posto dos Guardas, é certo. Mas poderia alguém censurar-me por não me sentir bem?

Oitava Entrada

UMA RAIZ IRRACIONAL

R-13

O TRIÂNGULO

Aconteceu há muito tempo, quando andava na escola: encontrei pela primeira vez o -1. Está tudo muito claro, profundamente gravado na minha memória. Era numa sala circular, banhada de luz, (eram centenas de cabeças redondas de rapazes e Plyappa, o nosso monitor de matemática). Foi este o nome que lhe demos. Era um monitor em segunda mão, com as cavilhas arrancadas e quando o professor lhe dava corda, nas costas, a primeira coisa que o alto-falante dizia ora «plia-plia-plia-tchhh», e só depois começava a lição. Um dia o Plyappa falou-nos de números irracionais. Lembro-me de que me pus a chorar e a dar murros na carteira: «Não quero esta raiz quadrada de menos um! "Tirem-me daqui esta raiz quadrada de menos um!» Aquela raiz quadrada irracional acabou por se enterrar em mim como um corpo estranho, extraterrestre, pavoroso; devorava-me; não podia ser racionalizada, não podia ser eliminada, estava fora de toda e qualquer razão.

Agora, a ~-1 regressava. Reli tudo o que já escrevi e percebi que tenho estado a enganar-me, a mentir a mim próprio, a fazer os possíveis por esquecer aquela >/ "—1".

Não tenho desculpa, nem a doença é desculpa: devia ter ido ter com os Guardas; na semana passada, teria ido imediatamente, sem hesitar. Porque não hoje? Por quê?

Ainda hoje, por exemplo. Hoje, às 16.10 em ponto, estava em frente duma parede de vidro. À altura da cabeça, o letreiro dourado, puro, dos Guardas, e atrás do vidro uma longa fila de uniformes azuis. As caras deles tinham o esplendor dos lampadários duma igreja antiga. Estavam ali a praticar um ato sublime, a entregar, no altar do Estado Único, os entes queridos, os amigos, eles próprios.

Eu devia fazer o mesmo, estar onde eles estavam. Mas não fui capaz de me mexer, os meus pés estavam profundamente colados ao vidro do pavimento; ali me deixei ficar, olhando, sem sair do mesmo lugar.

— Então, ó matemático, estás a sonhar acordado?

Atrapalhei-me. Fitavam-me uns olhos pretos, risonhos. Os lábios eram grossos, de negro, tratava-se do meu velho amigo R-13, o poeta, e, junto dele, vi a rósea 0-, Olhei para eles, furioso (estou em crer que, se eles não tivessem aparecido, eu acabaria por me ver livre daquela V"-1 que tinha entranhado na minha carne; teria entrado no posto dos Guardas".).

— Não sonhava' acordado, mas estava perdido —respondi um tanto bruscamente —, perdido de admiração, se preferir.

— Com certeza, com certeza. Não devias ser matemático, devias ser poeta. Sim, poeta… Anda vem daí, passa para o lado dos poetas, vá! Eu trato de tudo, se quiseres, está bem?

R-13, ao falar, fazia espuma; ao sair-lhe dos lábios, cada palavra dele torna-se líquido, cada P que ele pronuncia é uma fonte… Os poetas são fontes.

— Sempre servi o saber e continuarei a servi-lo — afirmei de sobrancelha franzida, porque não gosto de piadas, não as compreendo e R-13 tem o mau costume de gracejar.

— Ora, ora, o saber! O teu saber não passa de covardia. Falas por falar, é o que é. O que tu queres é entaipá-lo, ao saber, aprisioná-lo no infinito… E quando deitas um olhar para o lado de lá do muro, ficas assustado. Não podes deixar de fechar os olhos, meu caro!

— Os muros constituem o fundamento de tudo o que é humano — respondi.

R-desfez-se em saliva. O-, rósea e redonda, ria-se.

Afastei-me, deixei-os rir. Não interessa. Não tenho tempo para graças; tinha que procurar alguma coisa que me tirasse da boca o gosto daquela maldita V”-1, que a aniquilasse”.

— Se querem — propus —, venham até à minha casa; sentamo-nos e resolvemos uns problemazinhos de matemática.

Estava lembrado da hora calma que tinha passado com O-, ontem. Talvez hoje fosse bom, também.

O-olhou para R-; olhou depois para mim, fixamente, e as faces ruborizaram-se lhe, mas muito de leve, ficando da cor suave, excitante, dos nossos cupons.

— Hoje… Hoje tenho um cupom dele — disse ela apontando para R- —, mas ele amanhã está ocupado. Portanto…

— Basta-nos aí meia hora, a nós — disse o dos lábios húmidos e brilhantes. — Não te parece, 0-? Não tenho nada a ver com os vossos problemas. Vamos lá até à minha casa, passamos lá um bocado.

Estranha sensação era ficar a sós comigo mesmo… Ou, mais corretamente, com o meu novo eu, o meu estranho eu, que, por uma estranha coincidência, tinha o mesmo número que eu tinha D-503. E aceitei ir até à casa de R-.

Para ser franco, acho que ele não é exato, não tem o ritmo certo; possui uma lógica anormal, intrigante, mas isso não nos impede de sermos amigos. Por alguma razão terá sido que ambos escolhemos, há três anos, a nossa querida e rósea 0-. É um laço que nos une mais fortemente do que os vários anos que passámos na escola.

Chegamos num instante à casa de R-. Tudo ali é, aparentemente, igual ao que tenho no meu quarto: as Tábuas dos Mandamentos Horários, as cadeiras de vidro, a mesa, o guarda-roupas, a cama. Mas, pouco depois de entrar, já R-tinha deslocado uma cadeira, depois ou na cadeira, e a ordenação passou a ser outra tudo se desviou do modelo estabelecido e se tornou não euclidiano. R-continua a ser o mesmo, o mesmo de sempre. Nas aulas de Taylor e de matemática, era sempre o último da turma.

Falamos do velho Plyappa e do modo como nós, ainda crianças, nos divertíamos a colar-lhe cartões de agradecimento nos braços de vidro (gostávamos muito do Plyappa). Recordamos igualmente o Preceptor de Leis. O nosso Preceptor de Leis tinha uma voz tempestuosa; um verdadeiro vendaval com que os seus alto-falantes nos atroavam os ouvidos; pela nossa parte, repetíamos aos gritos os textos que ele nos dizia. Recordamos

também o fato de o rebelde R-13 ter um dia metido uma bola de papel no amplificador: cada texto que era proferido dava lugar a uma explosão de bolinhas. É evidente que R veio a ser castigado; a ação dele era pouco recomendável, mas ainda hoje nos dá uma grande vontade de rir, a todos três, pois devo confessar que me ri tanto como R e O , — E se por acaso se tratasse de um monitor de carne e osso, como os de antigamente? O que teria acontecido? — disse, expelindo. Saliva entre os lábios espessos, a cada T que dizia.

O sol brilhava sobre o telhado e atrás das paredes; era refletido de baixo para cima. 0-estava sentada nos joelhos de R-13 e brilhavam-lhe nos olhos azuis duas bolas de fogo; eu tinha uma sensação de calor, de calma.

A "-1 tinha-se eclipsado, não se importou com a fórmula".

— E que tal vai o teu INTEGRAL? Está prestes a levantar voo, para ir levar a luz aos dos outros planetas? É melhor apressares, senão nós, os poetas, vamos produzir tanta literatura que o teu INTEGRAL não aguentará o peso dela quando levantar voo. Das oito as onze, todos os dias, nós não paramos…

R-13 abanou e coçou a cabeça. O que ele tem no alto do pescoço mais parece uma maleta quadrada, amarrada atrás (lembrou-me agora uma gravura antiga intitulada «Na carruagem»).

— Também estás a escrever para o INTEGRAL? —atrevi-me a perguntar. — Pode-se saber o que tens escrito? Hoje, por exemplo, escreveste o quê?

— Hoje não escrevi nada. — Estive muito ocupado com outras coisas — atirou ele na minha cara.

— Que coisas?

— Tantas perguntas! — exclamou R-13, fazendo uma careta. — Se queres saber, foi uma sentença de morte.

Pus em verso uma sentença de morte. O sentenciado foi um idiota, um de nós, um poeta, exatamente. Foi durante dois anos meu colega; parecia correr tudo bem com ele. E num belo dia de sol, de repente, diz: «Sou um génio e os génios estão acima da lei». As coisas que saem da boca de uma pessoa! O uso que a gente faz da linguagem…

Suspirou, com pena. Descaíram-lhe os lábios em tristeza.

Apagou-se lhe todo o brilho dos olhos. R-13 levantou-se da cadeira, deu uma volta pelo quarto, começou a olhar para determinado ponto da parede. Eu observava aquela cabeça fechada a sete chaves que lhe encimava o pescoço e pensei a sós comigo mesmo: Que se passará dentro daquela cabeça?

Seguiu-se um minuto de silêncio incômodo, assimétrico.

Para mim, não era fácil perceber o que havia ali de errado, mas alguma coisa havia.

— Felizmente, vão longe os tempos antediluvianos dos Shakespeares e dos Dostoievskys ou lá como eles se chamavam — disse eu levantando propositadamente a voz.

R voltou-se e olhou-me de frente. Soltou então uma torrente de palavras, mas o olhar continuava apagado, e triste:

— Sim, meu querido matemático, felizmente, felizmente, felizmente! Nós somos a feliz média aritmética. Como vocês costumam dizer: a integração do zero ao infinito, do cretino a Shakespeare… Não mais!

Não sei por que, pois não vinha nada a propósito, veio-me à lembrança a outra, o modo como ela falava… Entre ela e R estendia-se um laço extremamente tênue, não sei de que espécie… O -1 começou a dar-me voltas à cabeça, abri o relógio: eram 16.25. O cupom cor-de-rosa dava-lhes direito a mais quarenta e cinco minutos.

— O tempo voa.

Beijei 0-, apertei a mão do R-e dirigi-me para o elevador.

Atravessei a rua e virei-me para trás. Aqui e ali, na mole imensa de vidro batida pelo sol, dispunham-se inúmeras células azul-cinza, formadas pelas persianas fechadas, células de rítmica felicidade taylorizada. Detectei no sétimo piso a célula de R-13 que estava a fechar à persiana.

Meus queridos 0-e R-! Há também nele (não sei por que escrevi este também, mas o melhor é deixar ficar o que está escrito, seja o que for), há nele também qualquer coisa que para mim não é clara. Mas é um fato que ele, 0-e eu somos um triângulo; talvez não seja um triângulo isósceles, mas é um triângulo. Parafraseando o que diziam os nossos antepassados (talvez esta linguagem, leitor planetário, seja para ti mais compreensível do que é para mim), somos uma família. E é bom, de vez em quando, repousarmos um pouco, isolarmo-nos num triângulo simples e sólido, longe de tudo o que…

Nona Entrada

A LITURGIA
JÂMBICOS E TROQUEUS
A MÃO DE FERRO

Dia triunfal esplendoroso. Num dia assim esquecemo-nos dos nossos falhanços, imprecisões, fraquezas e tudo se nos torna imperturbavelmente cristalino, eterno, como o vidro que hoje usamos.

Praça do Cubo. Sessenta e seis círculos concêntricos: são as tribunas. E nelas sessenta e seis filas de caras serenas como a luz, de olhares que refletem o esplendor celeste ou, possivelmente, o fulgor do Estado Único. Flores rubras como sangue: os lábios das mulheres. Bonitas grinaldas de rostos infantis, na fila da frente, rodeando o palco da ação. Silêncio profundo, austero, gótico.

A julgar pelas descrições que até nós chegaram, devia ser semelhante à emoção que os antigos sentiam durante os Serviços Divinos. Eles, porém, celebravam-nos em honra de um Deus absurdo, desconhecido, ao passo que os nossos se dirigem a um Deus coerente e perfeitamente conhecido em toda a sua perfeição; o Deus deles só lhes dava inquietações eternas, torturantes, e a coisa mais brilhante que lhe passou pela ideia foi oferecer-se a si próprio em sacrifício, sabe-se lá por que motivos; o sacrifício que nós ofertamos ao nosso Deus, que é o Estado Único, é um sacrifício profundamente ponderado, racional. Sim, foi solene a cerimonia que celebramos em louvor do Estado Único, uma comemoração dos dias e dos anos cruciais da Guerra dos Duzentos Anos, uma majestosa festividade ao triunfo de todos sobre o um, da soma sobre a unidade.

De pé, nos degraus do Cubo iluminado pelo sol, está uma unidade. Um rosto branco (branco, a bem dizer, não, antes sem cor alguma), um rosto vítreo com lábios de vidro. E nesse rosto, os olhos: buracos negros, fundos, vorazes; próximos, a um passo apenas do abismo profundo. A placa dourada com o número tinha-lhe sido já tirada. As mãos estavam amarradas com uma fita vermelha (um costume que vinha da antiguidade e que se explicava pelo fato de, quando estas coisas não eram feitas em nome do Estado Único, os condenados naturalmente sentirem que tinham o direito de resistir, pelo que era necessário amarrar-lhes as mãos com cadeados).

E lá no cume do Cubo, junto da Máquina, erguia-se Aquele a quem designamos por Benfeitor. Daqui de baixo, onde me sento, não se Lhe vê bem o rosto; só se consegue perceber que o tem marcado por traços austeros, graves, retangulares. Quanto às mãos… Por vezes, nas fotografias, as mãos, demasiado próximas da objetiva, parecem descomunais; atraem as atenções, relegam tudo o mais para a sombra. Embora calmamente pousadas nos joelhos, torna-se evidente que são mãos de pedra e que os joelhos mal conseguem aguentar tamanho peso…

Súbita e lentamente, uma daquelas mãos enormes ergueu-se, num gesto grave, pesado

como ferro…

Descendo da tribuna, em obediência à mão erguida, um dos números aproximou-se do Cubo. Era um dos Poetas do Estado a quem coubera à sorte de coroar a festa com o seu versejar. Divinos e brônzeos, os jâmbicos ressoaram por sobre a tribuna, narrando à vida do louco de olhos vítreos que estava de pé nos degraus, à espera das consequências lógicas dos seus atos.

… Uma conflagração. As cadências jâmbicas jorram em torrentes de ouro líquido, árvores verdes desfazem-se em seiva, gota a gota, até ficarem reduzidas a esqueletos negros e cruciformes. Mas, neste momento, surgiu Prometeu (representando-nos a todos nós, evidentemente):

Uniu o fogo à máquina de aço E com a Lei acorrentou o Caos.

Tudo era novo, de aço: de aço era o Sol, de aço as árvores, os homens e as mulheres. Inesperadamente, um doido qualquer «quebrou as correntes e o fogo deflagrou» e, mais uma vez, tudo pereceu…

Tenho, infelizmente, pouca memória para versos, mas há uma coisa de que me recordo: teria sido impossível escolher imagens mais instrutivas e mais belas.

O Benfeitor fez um segundo gesto lento e grave: surgiu nos degraus do Cubo um segundo poeta. Tive um sobressalto: Impossível! Os lábios grossos negros eram dele; era ele! Por que não me teria ele dito que tinha sido escolhido para…? Tremiam-lhe os lábios, lívidos. Era compreensível: aparecer assim na presença do Benfeitor, na presença de toda a congregação dos guardas; apesar de tudo isso, tremer assim…

Troqueus abruptos, ágeis, cortantes como lâminas de aço.

Falavam de um crime nunca visto, eram versos sacrílegos em que o Benfeitor era designado por… Não, não posso repetir sequer a mim próprio tais nomes.

R-13, lívido, sem olhar para quem quer que fosse (não esperava tanta fraqueza da parte dele), desceu os degraus, tornou a sentar-se. De relance vi uma cara triangular, negra, ao lado dele… Desapareceu logo a seguir… Os meus olhos — todos os olhos — convergiram para a Máquina. Pela terceira vez, a mão ergueu-se num gesto férreo que não era mortal. E, impelido por um vento imperceptível, o criminoso começou a andar, lentamente: um passo, outro… E por fim aquele que era o último da sua vida, e ergueu o rosto para o céu, atirando a cabeça para trás. Estava a viver os derradeiros instantes.

Grave, duro como o destino, o Benfeitor contornou a Máquina, empunhou com mão enorme uma alavanca.

Nem um murmúrio, nem um suspiro: todos os olhos fitavam a mão… Quanta exaltação, quanta emoção, que embriaguez saber que se é uma arma, uma força em que se reúnem centenas de milhares de votos! Que destino tão grandioso!

Momento incomensurável. A mão desceu, ligando a corrente. O brilho de um raio insuportavelmente cortante; um estalido quase inaudível, como que um estremecimento nos tubos da máquina. Um corpo que se desfaz numa nuvem etérea de vapor… Que ali, diante dos nossos olhos, se derrete se derrete, se dissolve a uma velocidade horrorosa. Depois… É o nada: um pouco de água quimicamente pura que, um segundo antes, pulsava

tumultuosa e vermelha num coração…

Era simples e perfeitamente conhecido por todos e cada um de nós. Sim, era a dissociação da matéria, era a fissão dos átomos no corpo humano. Apesar disso, parecia-nos sempre um milagre; era sempre uma demonstração do poder supra mortal do Benfeitor.

Lá no alto, na Sua presença, viam-se os rostos ardentes de alguns números femininos, com os lábios semiabertos de excitação, como flores impelidas pelo vento. De acordo com um costume antigo, as mulheres ornavam com flores o uniforme do Benfeitor, que estava ainda manchado dos respingos. Com o passo majestoso dum hierofante, Ele desceu lentamente, passou diante das tribunas e, à Sua passagem, ergueram-se os braços femininos, quais ramos de árvores brancas, e ribombou em uníssono uma tempestade de milhões de vivas.

Demos vivas também ao batalhão de guardas que estavam presentes, mas invisíveis, misturados com a assistência. Quem sabe? Estes guardas eram possivelmente os mesmos que a fantasia dum antepassado profetizou ao referir-se aos belos arcanjos encarregados de guardar cada homem desde o momento em que é dado à luz.

Sim, em toda esta celebração havia qualquer coisa originária das religiões antigas, algo de purificador, como uma trovoada, como uma tempestade. Tu que por acaso me lês, diz: são-te familiares momentos como estes?

Tenho pena de ti se assim não for.

Décima Entrada

UMA CARTA
UMA MEMBRANA
O MEU EU PELUDO

O dia de ontem foi para mim uma espécie de papel através do qual os químicos filtram as soluções; ficaram nele todas as partículas suspensas, todos os elementos estranhos. E estas manhas puderam descer as escadas purificadas, destiladas, transparentes.

No vestíbulo, a controladora, sentada à escrivaninha, consultava o relógio ao mesmo tempo em que tomava nota das saídas e entradas dos números. Dá pelo nome de U… E melhor será não dizer o número, para não escrever nenhuma inconveniência. Em boa verdade, é uma senhora respeitável com muitos anos de idade. O que pior agrada nela são as bochechas pendentes… Uma espécie de orelhas de peixe (o que não é grave, vendo bem).

Ao escrever, a pena dela arranha o papel; nele vejo o meu nome — D-503 — e ao lado um borrão, Ia chamar-lhe a atenção para isso quando ela, subitamente, levantou a cabeça, mostrando-me uma espécie de sorriso azul como a tinta: «Ah, há uma carta para ti". Sim. Vai recebê-la, meu caro, com certeza, vá.».

Eu sabia que a carta, depois de ela a ter lido, tinha seguido para o Posto dos Guardas (acho supérfluo explicar este procedimento normal) e me chegaria às mãos ao meio-dia, o mais tardar. Mas aquela amostra de sorriso deixou-me perplexo e o borrão de tinta vinha turvar a solução transparente em que me tinha banhado.

A tal ponto que, mais tarde, já no estaleiro onde está o ser construído o INTEGRAL, eu não fui capaz de me concentrar e errei os cálculos, coisa que nunca me tinha acontecido.

Ao meio dia, outra vez a bochechuda morena-rosada, a mesma amostra de sorriso, e finalmente a carta. Não a li naquele momento (não sei por que) a coloquei no bolso e subi sem demora ao meu quarto. Abri-a, passei os olhos por ela e… Sentei-me. Era uma notificação oficial de que o número E-330 tinha me registrado em seu nome e que devia encontrar-me com ela às 21 horas daquele dia, na morada junto.

Nunca! Nunca depois do que tinha acontecido, depois de lhe ter mostrado qual era a minha posição a seu respeito.

Além do mais, ela nem sequer sabia se eu tinha ou não ido ao Posto dos Guardas, não tinha qualquer possibilidade de saber se eu tinha estado doente…

Vejamos normalmente eu teria sido incapaz de fazê-lo.

Apesar disso…

Senti a cabeça rodar. Tinha um motor a rosnar lá dentro.

Buda… Amarelo. Junquilhos… Um crescente cor-de-rosa.

Sim, e havia mais ainda: 0-tinha combinado vir ter comigo hoje. Faria bem em lhe mostrar a notificação que falava de E-330? Não sei, ela não acreditaria (e quem iria acreditar?) que eu era alheio a tudo aquilo, que estava perfeitamente… Já sei: vai haver uma discussão difícil, absurda, absolutamente ilógica. Não, tudo menos isso.

Deixemos que tudo se resolva mecanicamente; vou, simplesmente, enviar-lhe uma cópia da notificação.

Meti rapidamente o papel no bolso e, de súbito, reparei na minha mão, horrível, simiesca. Recordei a maneira como ela — E—… Tinha pegado na minha mão e olhado para ela, durante o passeio… Seria de crer que ela, de fato…

Soaram finalmente as 20.45. Noite branca. Tudo verde-vidro. Mas vidro frágil, diferente do habitual, diferente do nosso, do vidro real. Uma delgada crosta de vidro e, por baixo dela, tudo a rodopiar, a acelerar, a rosnar. Não me teria surpreendido se agora mesmo as cúpulas dos auditórios se erguessem no meio duma fumarada lenta, circular, ou se a lua envelhecida nos enviasse um sorriso azul-tinta (como o daquele número feminino, de manhã, à escrivaninha), ou se todas as persianas em todas as casas se fechassem ao mesmo tempo e, atrás delas…

Uma sensação estranha. Como se as minhas costelas fossem varetas de ferro e me espartilhassem — me espartilhassem literalmente — o coração. Sentia-me asfixiar, sem espaço. Via-me diante duma porta de vidro com as letras E-330 escritas a ouro. E estava sentada a uma mesa pequena, de costas para mim, a escrever qualquer coisa. Entrei.

— Aqui estamos — disse, dando-lhe o bilhete cor-de-rosa. — Recebi hoje a notificação e vim.

— Que pontual! Um momento… Dá licença? Sente-se; é só acabar isto.

Deixou os olhos percorrerem de novo a carta… O que se passaria dentro dela, atrás das janelas fechadas dos olhos dela? Que iria ela dizer, que iria eu fazer no minuto seguinte? Como descobrir, como calcular tudo isso, se tudo nela provinha de lá, da bárbara, da antiga terra dos sonhos?

Observava-a em silêncio. As minhas costelas eram varetas de ferro; estava sem fôlego… Quando fala, a cara dela é uma roda a rodar a toda a velocidade, é impossível distinguir os raios. Mas presentemente a roda não está em movimento. E reparo numa combinação estranha: as sobrancelhas negras que se prolongam em bico para as têmporas, um ângulo agudo sarcástico; duas rugas profundas, mas pequenas que descem do nariz para os cantos da boca; mais um triângulo com o vértice para cima. E estes dois triângulos chocam de certo modo um com o outro, desdenhando-lhe na cara aquele X cruciforme, desagradável e irritante. Uma cara em forma de cruz.

Começou a roda a girar; fala e os raios ficam invisíveis: — Então você acabou não indo ao Posto dos Guardas, não é verdade?

— Estive… Não pude ir… Sentia-me mal.

— Sim, ótimo, também foi isso o que eu pensei. Alguma coisa o terá impedido, não me interessa o quê (… dentes afiados… sorriso). Mas, sendo assim, está em minhas mãos.

Recorde-se: «Todo o número que no prazo de vinte e quatro horas não faça a declaração no Posto será considerado…».

O coração batia-me com tanta força que as varetas de ferro se contorceram; como uma criança, estupidamente, como se fosse uma criança… Fui apanhado na ratoeira, estupidamente… Não abri a boca, sentia-me como se tivesse ido à rede, preso de pés e mãos.

Ela pôs-se de pé e espreguiçou-se. Carregou num botão: com um ruído seco, as persianas fecharam-se todas.

Fiquei isolado do mundo, sozinho, com ela.

E encontrava-se algures atrás de mim, junto ao armário.

O uniforme fez um ruído e caiu. Eu escutava, era todo ouvidos. E tive uma ideia… Passou-me pela cabeça uma ideia cujo brilho durou um centésimo de segundo…

Eu tinha recentemente calculado a curvatura dum novo tipo de membrana de rua (elegantemente camufladas, estas membranas encontram-se agora colocadas ao longo de todas as avenidas e gravam para o Posto dos Guardas todas as conversas captadas fora das casas). Lembro-me de um tímpano côncavo, cor-de-rosa, trémulo, um ser estranho que constituía um único órgão: uma orelha.

Naquele momento eu era exatamente uma membrana dessas.

Ouvi o clique da mola do colar, que se repetiu depois mais abaixo, na blusa, e depois ainda mais abaixo. A seda de fibra sintética crepitou ao cair-lhe dos ombros, dos joelhos, ao chegar ao chão. Ouvi — com tanta clareza como se o visse — um pé e depois outro pisando um montão de sedas azuis e verdes.

A membrana tensa estremeceu e gravou o silêncio. Não o silêncio, vendo bem, mas as pancadas sacudidas, compassadas, do malho contra as varetas de ferro. E ouvi e vi que, atrás de mim, ela se quedava por momentos a refletir. Depois, o som das portas fechadas, depois o frufru da blusa e, mais uma vez e outra vez, seda, seda…

— Se fizer o obséquio…

Voltei-me. Vestia um roupão amarelo-açafrão com um feitio antiquado. Mas era como se não tivesse nada em cima do corpo, era mil vezes pior. Através do tecido, dois bicos acerados, róseos, ardentes: duas brasas incandescentes entre cinzas. Dois joelhos redondos, delicados…

Estava sentada numa poltrona baixa; numa mesinha quadrada via- -se uma garrafa com um líquido venenosamente verde e dois cálices minúsculos. No canto da boca tinha um rolo fino de papel do qual subia o fumo duma substância combustível que os antigos usavam (esqueceu-me o nome que lhe davam).

A membrana continuava a vibrar. O malho, dentro de mim, batia contra as varetas de ferro ao rubro. Eu ouvia distintamente todas as pancadas… e, se também ela estivesse a ouvi-las? Verdade é que continuava a fumar, deitando-me um olhar calmo de vez em quando, ao mesmo tempo em que sacudia a cinza do rolo para cima do meu cupão cor-de-rosa.

— Vejamos — ataquei eu com todo o sangue-frio. — Se assim é, posso saber por que me

registrou no seu nome? E por que me obrigou a vir aqui?

Fez como se não me tivesse ouvido. Deitou num cálice algum líquido da garrafa e bebeu.

— Um licor delicioso. Quer provar?

Só então percebi o que era aquela coisa verde: álcool. De súbito, vi tudo o que ontem tinha acontecido: a mão de pedra do Benfeitor; o brilho insuportável do raio elétrico; mas, acima de tudo, lá no alto do Cubo… O tipo de cabeça atirada para trás, o corpo desmembrado. Estremeci.

— Deve com certeza saber — respondi — que o Estado Único não tem contemplações com os que se envenenam com nicotina e, principalmente, com álcool…

As sobrancelhas negras formaram com as têmporas o tal ângulo agudo de ironia:

— «A rápida destruição de alguns é mais racional do que dar a todos a oportunidade de trabalhar para a sua própria ruína»… Põe-se então o problema da degenerescência e por aí fora. É verdade, tão verdade que chega às raias da indecência. Sim, da indecência. O que não seria se fosse permitida a circulação pelas ruas de uma série dessas ideias calvas, nuas e cruas… Imagine-se… Imagine aquele meu admirador incondicional… Sim, conhece-o… Imagine que ele atirou ao ar todas aquelas roupas e aparecia em público tal como é… .1,1 viu?

Ria. Mas eu via perfeitamente a tristeza que ela tinha estampada no rosto: as duas rugas que iam dos cantos da boca ao nariz. , através daquelas rugas, tudo se me tornou claro: o tipo com corpo forma de S, de ombros curvados, orelhas que pareciam asas… Risse mesmo…

Tinha-a abraçado! Era claro!

Estou agora a rememorar as anormais sensações daquele momento e, ao escrever isto, tenho a perfeita consciência da realidade e de que ele como todo e qualquer número honesto tem direito a gozar a vida e seria injusto… Sim, está tudo muito claro.

E… Continuou a rir de forma estranha durante muito tempo. Olhou então para mim… Para dentro de mim…

Profundamente: «O que importa é eu sentir-me perfeitamente tranquila contigo”. É tão simpático!…

Tenho a certeza disso… nem sequer lhe passará pela cabeça ir, ao posto e contar que eu, neste momento, estou a beber, que estou a fumar. Estará mal disposto, ou terá muito que fazer, vai passar-se contigo sei lá o quê…

Mais do que isso: tenho a certeza de que agora mesmo vai beber deste veneno encantador, e me fazer companhia…

O tom cínico e zombeteiro dela! Senti indubitavelmente que ia detestá-la outra vez. Mas outra vez por quê? Eu nunca tinha deixado de detestá-la.

Sorveu todo o conteúdo do copinho de veneno verde, pôs-se de pé e, luminosa e rósea, entre sedas cor-de-açafrão, andou alguns passos, detendo-se atrás da minha cadeira. De súbito, deitou-me o braço ao pescoço, os lábios dela penetraram nos meus… Penetraram profundamente, horrorosamente fundo… Juro que para mim foi inesperado, talvez

simplesmente por que…

Porque eu não podia talvez… Neste momento, compreendo-o claramente… Não podia talvez, pela minha parte, desejar o que viria a acontecer depois.

Lábios insuportavelmente doces (era o sabor da bebida, suponho) e dentro de mim derramavam-se torrentes de veneno ardente… Torrentes de veneno… Ergui-me da superfície terrestre e, num planeta independente, desci, desci, dentro duma órbita incerta…

O que se seguiu, só pode descrevê-lo de uma forma aproximativa, recorrendo a analogias mais ou menos exatas.

Nunca antes me tinha passado pela cabeça, mas o que aconteceu foi isto, precisamente: nós que vivemos na terra locomovemo-nos constantemente sobre um mar rubro de sangue, fervente, um mar de fogo que se esconde nas entranhas da terra. Nós é que nunca pensamos nisso. Mas suponhamos agora que a crosta por nós pisada, de repente se torna de vidro e de repente começamos a ver…

Tornei-me de vidro. Vi dentro de mim, no mais fundo de mim mesmo. Havia dois eixos. Um deles era o meu eu anterior, D-503, o número D-503, ao passo que o outro…

Até ali, este mal tinha deitado as mãos peludas fora da crosta, mas ela começava agora a estalar e, de um momento para o outro, podia erguer-se de entre a ganga… E, depois?

Agarrando-me com toda a energia ao que achei à mão (aos braços da cadeira), perguntei, de modo a ouvir-me (de modo a que o meu eu anterior ouvisse): — Onde foi que… Onde arranjaste esse… Esse veneno?

— Ora! Fácil: um médico, um… Dos meus…

Um dos meus… Um dos meus o quê? E aquele meu outro eu deu um salto e começou a gritar: «Não o quero!”. Não quero outro a não ser eu… Vou matar quem… Porque eu p…».

Vi então que ele a agarrava brutalmente com as patas, desfazia em tiras a seda que a vestia, enterrava-lhe os dentes na carne. A minha memória é neste ponto exata: ferrou-lhe de fato os dentes.

Não sei como, mas E-conseguiu escapar… E deixou-se ficar de pé, com as pálpebras cerradas; encostada a um armário, atenta. Lembro-me de que estavam estendidas no chão, que lhe agarrava as pernas e lhe beijava os joelhos, implorando: «Já neste mesmo instante, sim!””.»

Dentes afiados; o triângulo o escarnio, pontiagudo das sobrancelhas em bico. Debruçou-se, pegou na minha placa, sem pressas.

— Sim! Sim, querida, querida!

Rapidamente, comecei a despir o unif. Mas E-, em silêncio, pôs- -me diante dos olhos a face da placa onde estava o relógio. Eram vinte e duas e vinte cinco.

Tive um arrepio. Sabia o que significava ser visto na rua depois das 22.30. A minha loucura dissipou-se num instante. Eu era eu. Era para mim muito clara uma coisa: odiava-a, sim, odiava-a.

Sem me despedir, sem olhar para trás, saí da sala.

Espetando a placa o melhor que pude, sempre a correr, desci as escadas quatro a quatro (tinha receio de me encontrar com alguém) e encontrei-me em plena avenida deserta.

Tudo se encontrava no sítio onde deveria estar tudo era simples, normal, regular: as casas de vidro fulgurantes de luz, o céu vítreo e pálido, a noite verde e quieta. Mas sob aquele vidro parado e frio, as coisas, sublevadas, rubras de sangue, peludas, galopavam céleres e silenciosas. Sem fôlego, eu corria para casa. De repente vi que a placa, espetada à pressa, ia cair e caiu de fato no chão, tilintando. Parei para apanhá-la e, naquele momento de silêncio, ouvi passos atrás do mim. Olhei e vi um vulto pequeno e curvado a virar a esquina. Pelo menos assim me pareceu. Continuei a correr o mais que podia e ainda mais ouvi do que o vento a soprar-me aos ouvidos. À entrada do meu prédio parei: o relógio informava-me que ainda tinha a margem (In um minuto). Escutei: ninguém me seguia. Tinha sido tudo obra da minha imaginação transtornada, efeito do veneno verde.

A noite foi uma tortura. A cama erguia-se no ar, descia, tornava a erguer-se e flutuava numa espécie de curvas.

Tentei a auto - sugestão: «todos os números são obrigados a dormir de noite". É um dever fundamental, tanto quanto o é trabalhar de dia. O sono é indispensável a quem tem de trabalhar durante o dia. Não dormir de noite é um crime…» Mas, mesmo assim, não fui capaz de dormir. Não pude, Simplesmente.

Estava perdido, Não me via em condições de cumprir os meus deveres para com o Estado Único. Eu…

Décima Primeira Entrada

NÃO, NÃO PODE SER;

FICA ASSIM

SEM QUALQUER SUMÁRIO…

Tarde. Nevoeiro, não muito cerrado. O céu está coberto por um véu cor de leite e ouro. Não se consegue ver o que há atrás dele, lá por cima. Os antigos sabiam que era Deus, o grande cético, que lá vivia, no maior tédio. Nós sabemos que se trata simplesmente de um nada azul, cristalino, nu, indecente. Eu, presentemente, não sei o que lá haverá… Sei demasiadas coisas. O conhecimento absolutamente certo da nossa própria infalibilidade é a fé. Eu costumo ter uma fé absoluta em mim; acredito ter chegado ao conhecimento de tudo o que em mim havia.

Até que…

Estou diante dum espelho. Pela primeira vez na vida (isso, exatamente, pela primeira vez na vida) estou me vendo de forma clara, distinta, conscientemente; olho para mim, admirado, como se estivesse vendo alguém diferente de mim. Lá está ele, o meu eu: ele franze as sobrancelhas negras, linhas tão direitas como se fossem desenhadas à régua, com uma ruga vertical no meio, que dá a ideia duma cicatriz (não sei se já estava lá antes). Olhos cor de aço, rodeados pela sombra das olheiras, e atrás do aço…

De fato, nunca soube o que haveria lá atrás. E dali (este ali é ao mesmo tempo aqui e infinitamente longe daqui), dali, contemplo-me a mim próprio (ou a ele) e sei que aquele estranho, de sobrancelhas tão direitas que parecem desenhadas a régua, nada tem de comum comigo, é um estranho que encontro agora pela primeira vez na minha vida. Mas eu, o meu verdadeiro eu, não sou ele.

Não… Ponto final. Tudo isto é um disparate, todas estas sensações desordenadas são delírios, produto do veneno de ontem. Que veneno? Aquele gole de líquido verde ou ela? Acaba por ser a mesma coisa. Falo do assunto nesta entrada só para mostrar quão estranhamente a razão humana, que é tão exata e penetrante, pode ser enganada e desorientada. A razão que conseguiu digerir o próprio infinito, considerado pelos antigos uma coisa aterradora, recorrendo a…

Acendeu-se uma luz no quadro: anuncia R-13. Que entre, pouco me importa; acabo por me sentir contente… Neste momento, estar só seria para mim…

Vinte minutos depois

Na superfície deste papel, num mundo de duas dimensões, as linhas são paralelas entre si, mas num outro mundo… Estou perdendo a minha sensibilidade aos algarismos: vinte minutos podiam ser duzentos ou duzentos mil. E é tão louco estar apesar da calma e deliberadamente cada palavra para escrever o que se passou entre R-e eu. É como estar sentado de pernas cruzadas numa cadeira ao lado da nossa própria cama e vermo-nos

nessa cama — nós próprios — contorcendo-nos.

Quando R-13 entrou, eu estava perfeitamente calmo e normal. Com uma sensação de verdadeiro prazer, comecei a falar da forma magnífica como ele tinha conseguido, em versos troqueus, falar da condenação e como, mais do que outra coisa qualquer, foram eles que esfrangalharam o louco e o reduziram a pó.

«Mais do que isso, ainda, se me fosse proposto fazer um esboço esquemático da Máquina do Benfeitor, eu incluiria com toda a certeza — toda a certeza — aqueles versos, de qualquer maneira, no desenho», concluí.

De súbito vi apagar-se todo o brilho dos olhos e toda a cor dos lábios de R-.

— O que é que está se passando com você?

— O que está se passando comigo?… Estou ficando farto, farto. Toda a gente me atormenta com essa «sentença de morte, sentença de morte». Não quero ouvir mais nada sobre ela, só isso. Não quero!

Afogueado, coçava a cabeça, a caixa que tinha enchido de estranhos interditos para mim incompreensíveis. Houve uma pausa. Às tantas acabou por tirar qualquer coisa da caixa; retirou-a para fora, desdobrou-a, voltou a dobrá-la, desenhou-lhe nos olhos um sorriso. E pôs-se de pé: — Estou fazendo uma coisa para o teu INTEGRAL… Sim, vai ser uma coisa como deve ser!

Voltou a ser igual a si próprio; os lábios escancararam-se e despediram saliva em todos os sentidos, as palavras jorravam como de uma fonte: — Trata-se de uma antiga lenda sobre o Paraíso (que novamente o cuspe jorrou deste P). Uma lenda que se aplica ao nosso caso há este nosso tempo. Sim, vais já poder ajuizar. Aquele casal, no Paraíso, teve que escolher entre felicidade sem liberdade ou liberdade sem felicidade. Não havia terceira alternativa. Os pobres doidos escolheram a liberdade e aconteceu com eles sabes o quê? Evidentemente, durante as épocas que se seguiram suspiraram pelas algemas. Algemas percebe? É o significado de Weitschmerz. Durante séculos! E só nós é que por fim descobrimos a maneira de recuperar a felicidade.

Mas escuta, (escuta agora o seguinte: o Deus dos antigos e nós sentamo-nos lado a lado, à mesma mesa). Sim! Ajudámos Deus a vencer o Diabo de uma vez por todas. Porque era o Diabo que incitava os mortais a transgredirem o interdito, a provarem a liberdade perniciosa, era ele, a serpente sutil. Mas nós, com calcanhar forte, esmagamos a cabeça do insignificante ofídio e scrach! E chamamos pra nós o Paraíso, novamente. Tornamos a ser simples de coração, inocentes como Adão e Eva. Acabaram-se todas aquelas tolices a respeito do Bem, a respeito do Mal; tudo é tão simples quanto pode sê-lo, infantil, paradisíacamente simples. O Benfeitor, a Máquina, o Cubo, a Campânula Pneumática, os Guardas: tudo isso é bom, grande, esplendidamente belo, nobre, exaltado, cristalino. São tudo formas de proteger a nossa não liberdade, ou seja, a nossa felicidade. No nosso lugar, os antigos começariam a refletir sobre tudo isso, a fazer comparações, a quebrar a cabeça com o que é e o que não é ético. Voltando ao princípio, enfim, que achas de um pequeno poema paradisíaco assim? E o tom será austero, percebes?

Bonito, não achas?

Como é que eu não haveria de achar? Lembro-me de ter pensado: «Com esta aparência

ridícula e desarrumada, tem de fato um espírito notavelmente refletido!.» É por isso que ele se encontra tão próximo de mim… do meu eu real (continuo a considerar o meu primeiro eu como autêntico; o que acontece comigo presentemente é, claro esta, mera indisposição). R-, aparentemente, leu tudo isto no meu semblante; deu uma gargalhada, ao agarrar-me pelos ombros, dizendo:

— Então, Adão?… E, a propósito, e a Eva?

Meteu a mão no bolso, tirou de lá um caderno e folheou: — Depois de amanhã… Não, daqui a dois dias, 0-90 tem um cupom cor-de-rosa para se encontrar contigo. E tu?

Como dantes? Gostarias que ela…

— Ah, sim, está claro.

— Então eu digo-lhe… Porque para ela seria embaraçoso… Que situação incómoda, deixa que te diga.

De mim, ela limita-se a gostar, trata-se apenas de um cupom cor-de-rosa, contigo é diferente!… Mas não te dignaste dizer que tinha entrado um terceiro elemento no nosso triângulo, transformando-o em quadrilátero.

Quem é? Confesse pecador!

Dentro de mim descerrou-se lentamente uma cortina e ouvi o roçagar da seda, vi o frasco verde, os lábios dela…

E sem razão alguma, completamente a despropósito, deixei escapar (se eu me tivesse contido!) uma pergunta: — Diz aí só uma coisa: alguma vez experimentaste nicotina ou álcool?

R-esticou os beiços e olhou-me de soslaio. Pude escudar-lhe os pensamentos, com toda a clareza: «É um fato que és meu amigo e bastaria isso para". Mas, apesar de tudo…» E acabou por dizer: — Como é que eu vou explicar? Propriamente falando, não. Mas conheço uma mulher…

— E-?

— Como? Você também esteve com ela?

E torceu-se todo a rir, quase se desfez com tanto riso.

O espelho estava posto de tal forma que, para alguém se ver nele, tinha de se debruçar sobre a mesa. Do lugar onde estava sentado, eu via só a testa e as sobrancelhas.

E foi então que eu — o eu autêntico — vi as minhas sobrancelhas distorcidas, uma linha quebrada, tremida e o meu eu autêntico ouviu um grito feroz, repugnante: — Também? Que quer dizer esse também?… Não… Exijo que…

Beiços negroides esticados. Olhos arregalados. Eu (o autêntico eu)

Agarrou-se com força ao pescoço do meu outro eu selvagem, peludo, ofegante. Eu (o eu real) implorei-lhe, ao R-13:

— Perdão, em nome do Benfeitor. Estou muito mal, não consigo dormir. Não consigo entender o que se passa comigo…

Nos seus lábios espessos aflorou um sorriso: — Sim, sim, sim! Eu entendo, eu entendo! Estou habituado a isso… Teoricamente, claro. Adeus!

Já ao pé da porta, virou-se, como uma bola preta, voltou até junto da mesa e atirou um livro para cima desta: — É o último. Vim até aqui de propósito para te dar e quase me esqueci.

O V de vim borrifou-me tudo. Saiu. Estou só. Mais exatamente,

Estou só mais aquele meu outro eu. Estou sentado numa cadeira de braços, de pernas cruzadas, observando-me, curiosamente, vendo-me (a mim e não a qualquer outro) em contorções, deitado na cama.

Por que… Por que, sim, por que vivemos 0-e eu três anos numa harmonia tão grande…? E agora, de repente, basta ouvirmos falar da outra, da E-… É possível que toda esta loucura… Ou amor ou ciúme… Possa ter existência fora dos livros idiotas dos antigos? O pior de tudo é que me deixei envolver. Equações, fórmulas, algarismos… E isto!

Não compreendo nada. Nada. Amanhã mesmo vou ter com R para lhe dizer que…

Não, é mentira. Não vou amanhã nem depois de amanhã… Nunca mais me encontrarei com ele. Acabou-se tudo. Está desfeito o nosso triângulo.

Estou só. É noite. Há uma ligeira neblina. O céu está coberto por; um véu cor de leite e ouro… Quem me dera saber o que há por trás j dele, lá por cima! Quem me dera saber quem é e como eu sou!

Décima Segunda Entrada

A LIMITAÇÃO DO INFINITO

O ANJO

REFLEXÕES SOBRE A POESIA

Apesar de tudo, acho que vou melhorando, que posso melhorar. Dormi maravilhosamente. Nada daqueles sonhos ou fenômenos doentios. A minha querida 0-vem visitar-me amanhã; tudo será simples, regular e limitado — como um círculo. Não tenho medo da palavra limitado: a função da mais alta faculdade do homem, a razão, consiste exatamente numa incessante limitação do infinito, da divisão do infinito em porções facilmente digeríveis ou diferenciais. É nisso precisamente que consiste a divina beleza do meu elemento, a matemática.

Se há uma coisa que os números fêmeos nunca poderão compreender é isto. E esta última afirmação surgiu por acaso. Mera associação de ideias.

Todas as ideias acima expostas me ocorreram ao som sempre igual das rodas do comboio subterrâneo. Ao mesmo tempo em que mentalmente batia o compasso e lia os versos de R- (o livro que ele ontem tinha me deixado) senti alguém debruçar-se cautelosamente por cima do meu ombro e olhar para a página aberta. Sem me voltar, só pelo canto do olho, vi-lhe as orelhas abertas como asas, Cor-de-rosa, e a dupla curva do corpo. O tal indivíduo. Não quis meter-me com ele e fingi que não o via. Como tinha chegado até ali, não sei; quando entrei no carro, tenho a impressão de que ele não se encontrava lá.

Este incidente, em si mesmo insignificante, acabou por exercer em mim um efeito benéfico; posso dizer que me deu forças. É muito agradável sentir o olhar vigilante de alguém sobre o nosso ombro, alguém que está ali para evitar que demos um mau passo, que façamos disparates.

Pode ter o seu quê de Sentimental, mas penso sempre na mesma analogia: a dos anjos da guarda com quem os antigos costumavam sonhar. Quantas das coisas com que eles se limitavam a sonhar se materializaram na nossa vida!

Nesse momento em que senti o anjo da guarda atrás de mim, estava comprazido a saborear um soneto intitulado «Felicidade». Creio não errar se disser que se trata de um poema de rara beleza e de profundo conceito. A primeira quadra é esta:

Eterno amor é o de duas vezes dois Pra todos os sempre quatro apaixonados… Onde é que já se viram namorados Como as inseparáveis duas vezes dois?

E prossegue neste tom o hino à sábia e eterna felicidade que se descobre na tabuada de multiplicar.

Todo o autêntico poeta é, inevitavelmente, um Colombo.

A América existiu muitos séculos antes de Colombo, mas só Colombo conseguiu

descobri-la. A tabuada de multiplicar existiu séculos antes de R-13, mas só R-13 logrou descobrir um novo Eldorado numa floresta virgem de algarismos. E haverá realmente mais sábia e serena felicidade do que esta que se encontra no maravilhoso universo da tabuada de multiplicar? O aço sofre corrupção; o Deus dos antigos criou o homem antigo (ou seja, o homem falível) e, portanto, até Ele próprio errou.

A tabuada de multiplicar, essa é mais sábia, mais absoluta do que o Deus dos antigos: nunca (nunca: ouviram?) falha. E não há felicidade maior do que a dos algarismos que vivem de acordo com as harmoniosas e eternas leis da tabuada de multiplicar. Nenhuma hesitação, nenhum engano. Há só uma verdade, há só um caminho verdadeiro. E essa verdade é: duas vezes dois; e o caminho verdadeiro é: quatro. E não seria absurdo que estes dois, ideal e felizmente multiplicados, alimentassem ideias de qualquer liberdade, ou seja, de uma coisa que é claramente um erro? Para mim é axiomático que R-13 conseguiu captar o mais fundamental, ir mais além…

Aqui, sinto novamente (primeiro no alto do crânio e depois na orelha esquerda) o bafo quente, suave, do meu anjo da guarda. Ele, evidentemente, notou que o livro fechado repousava nos meus joelhos e que os meus pensamentos pairam muito longe daqui. Mas isso não é problema: eu estava pronto a abrir-me diante dele, a abrir-lhe de par em par as páginas do meu cérebro. Que sensação reconfortante esta! Lembro-me de me ter voltado e de olhar para ele, de fitá-lo com insistência, implorando, mas ele não conseguiu, ou então não quis compreender-me. Não me fez perguntas. Acabei, verdadeiramente, por ficarem sós, meus caros leitores desconhecidos (é-me tão querido, tão próximo e inacessível quanto ele o era naquele momento).

Tal foi o curso dos meus pensamentos: do particular para o geral. Particular era R-13, geral era o nosso Instituto dos Poetas e Prosadores Oficiais. Como é que (pensava eu) os antigos não percebiam todo o absurdo da sua literatura e da sua poesia? A forma imensa e magnificente das suas palavras artísticas era esbanjada de forma completamente vã. Uma coisa ridícula: cada um escrevia o que lhe passava pela cabeça. Tão ridículo e absurdo como os antigos permitirem que o mar batesse inutilmente durante vinte e quatro horas contra a praia, deixarem que os milhões de quilogrâmetros contidos nas vagas não tivessem mais utilidade do que a de embalarem as emoções dos namorados. Do enamorado sussurro das ondas, nós extraímos eletricidade; dessa fera brava que se desfaz em espuma fizemos um animal doméstico e, pelo mesmo método, domesticamos e submetemos o elemento outrora bárbaro da poesia.

Doravante, a poesia não é já o imperdoável trinado do rouxinol; a poesia é um serviço estatal, a poesia é utilidade.

Vejam-se as nossas Normas Matemáticas: sem a ajuda delas, poderíamos nós, na escola, ter terem chegado a amar tão sincera e ternamente as quatro operações aritméticas? E a clássica imagem dos Espinhos? Os espinhos da rosa: os guardiões que protegem a gentil flor da E do contato de mãos grosseiras… Onde há coração tão duro que fique indiferente ao espetáculo dos lábios inocentes das crianças quando recitam, como numa prece:

O menino mau a rosa cortou Mas logo o espinho na mão o picou E o menino mal começou a chorar E fugiu pra casa sem pra trás olhar

E as Odes Diárias ao Benfeitor? Quem, depois de lê-las, poderá deixar de se prostrar,

piedosamente, face à abnegação do Número dos números? E a terrível e rubra Antologia das Sentenças Judiciais? E a imortal tragédia O

Que Chegou Tarde ao Trabalho? E as eternas e tão prezadas Estrofes sobre a Higiene Sexual?

É a vida em toda a sua complexidade e beleza que para sempre ficará gravada no ouro das palavras.

Os nossos poetas não vivem já no empíreo. Desceram a terra, caminham ao nosso lado, avançam ao ritmo da Marcha mecânica e austera que se ergue da Oficina Musical; a lira deles é a fricção matutina da escova de dente elétrica, o belo trovejar das faíscas na Máquina do Benfeitor, o eco majestoso do Hino do Estado Único, o íntimo tilintar dos cristalinos vasos de noite, o hilariante cair das persianas que se fecham as vozes contentes do último livro de cozinha e o quase inaudível sussurro das membranas de escuta sob o pavimento das ruas.

Os nossos deuses estão aqui em baixo no meio de nós: nos Gabinetes, na cozinha, na oficina, no lavabo… Os deuses passaram a ser como nós; ergo, nós passámos a ser como os deuses. E vamos agora ter convosco, leitores planetários desconhecidos, vamos até vós para tornarmos a vossa vida tão divinamente racional e regular como a nossa.

Décima Terceira Entrada

NEBLINA

ELES

UMA AVENTURA PROFUNDAMENTE ABSURDA

Acordei cedíssimo. Deparei com um firmamento límpido e Cor-de-rosa. Tudo perfeito e liso. O-viria ao cair da noite. Senti-me ótimo,. (Sem dúvida alguma). Sorri, tornei a adormecer o toque matinal da campainha.

Levantei-me… E vi tudo completamente diferente: nevoeiro sobre os telhados de vidro, para lá das paredes, por todo o lado, pairando e penetrando em toda a parte.

Nuvens loucas, cada vez mais pesadas e próximas, que de repente emagrecem para depois tornarem a inchar até que, a certa altura, deixa de haver limites entre a terra e o céu. Não há nada a que nos possamos agarrar, deixou de haver edifícios. As paredes de vidro dissolviam-se no nevoeiro, como pequenos cristais na água. Quem da rua olhasse para os vultos negros que se encontram no interior dos edifícios só iam ver uma espécie de partículas suspensas num líquido leitoso e fantasmagórico; alguns pairam ao nível do solo, mas outros são visíveis nos pisos superiores, até ao décimo andar. E tudo estava submerso em fumaça, como numa espécie de incêndio que a tudo devorava sem ruído.

Exatamente às 11.45: olhei para o relógio com a intenção de me agarrar aos algarismos, para que pelo menos os algarismos me ajudassem. Às 11.45, pois, antes de sair para fazer algum exercício físico, como ordenam as Tábuas dos Mandamentos Horários, entrei por momentos no meu quarto. Toca subitamente o telefone; a voz era uma agulha comprida que se espetou profundamente no meu coração:

— Ah, está lá? Que bom. Espere por mim na esquina. Iremos depois os dois até… Logo se vê aonde é que vamos.

— Sabe perfeitamente que vou agora mesmo para o trabalho.

— Sabe perfeitamente que vai fazer o que lhe digo. Adeus. Daqui a dois minutos.

Passados dois minutos estava eu na esquina. Era preciso mostrar-lhe que quem me dava ordens era o Estado Único e não ela. «Vai fazer o que lhe digo», e, se permitem que lhes diga, dizia isto com a maior das convicções, sentia-se na voz dela que era assim. Está bem, vamos esclarecer isso num instante.

Uniformes verdes, entretecidos de nevoeiro cru, materializavam-se momentaneamente junto a mim, para se dissolverem inesperadamente na neblina. Não erguia os olhos do relógio: sentia-me como se fosse mais um fiel e atento ponteiro dos segundos. Dez minutos, oito…

Faltam três minutos, dois minutos para o meio-dia…

Acabou-se. Tarde demais para ir trabalhar. Como eu a odiava! Mas era importante

mostrar-lhe que…

Na esquina, através do nevoeiro branco, rubros, como uma facada, os lábios dela.

— Devo tê-lo feito esperar. Mas não há problema…Agora é tarde demais para ir trabalhar.

Como eu a odiava! Mas ela tinha razão: era tarde.

Em silêncio, olhava para os lábios dela. Todas as mulheres são lábios, lábios e nada mais. Os lábios. Os lábios de algumas são róseos, arredondados, uma terna defesa contra o mundo inteiro. Quanto a estes… Há um segundo ainda não tinham aparecido e, de repente… A faca, espetada, o sangue correndo docemente.

Aproximou-se, encostou o ombro dela ao meu e passámos a ser um só. Derramou-se em mim algo dela… E percebi que assim tinha que ser. Reconheci-o com todos os nervos, todos os cabelos, todas as pancadas do meu coração, tão deliciosas que me doíam. E era uma alegria poder submeter-me àquele tinha que ser. Deve ser assim a alegria que sente um bocado de ferro quando se submete a uma lei inevitável, infalível, e se deixa atrair pelo ímã. Ou a da pedra que, uma vez no ar, hesita um segundo e logo a seguir se precipita impetuosamente para a terra. Ou a do homem que, no extremo da agonia, solta o último suspiro e… Morre.

Lembro-me de ter sorrido, meio ausente, e de ter dito sem qualquer razão especial: — O nevoeiro… Que nevoeiro…?

— Gostas do nevoeiro, tu?

Aquele tu de antigamente, há muito esquecido, o tu do dono para o escravo, enterrou-se em mim profunda e lentamente: sim, eu era um escravo e, mais uma vez, assim tinha que ser; e era bom que o fosse.

— Sim, é bom — disse em voz alta, de mim para mim, e só depois lhe respondi: — Detesto o nevoeiro. Tenho medo do nevoeiro.

— Significa isso que gostas dele. Tens medo dele por ele ser mais forte do que tu; odeia-lo porque tens medo dele; tens medo dele porque não podes deixar de te submeter a ele. Porque só podemos amar o indomável.

Sim, era isso. E era precisamente por… Era precisamente por isso que eu…

Caminhávamos ambos como se fôssemos um só. Algures, muito longe, o sol cantava e a sua canção quase imperceptível chegava até nós através do nevoeiro; todas as coisas emergiam na névoa com as suas cores vivas: nacaradas, áureas, rosadas, vermelhas. Todo o mundo era uma espécie de mulher enorme e todos nós estávamos dentro do ventre dela; não tínhamos nascido, continuávamos alegremente a crescer. E era para mim evidente, incontestavelmente evidente, que todas as coisas eram feitas para mim, o sol, o nevoeiro, o cor-de-rosa e o ouro… Tudo era feito para mim.

Não perguntei para onde íamos. Não interessava. O que interessava era andar… Andar, crescer, deixar-me penetrar e envolver pelo que me cercava…

—Aqui estamos — disse E-, parando diante duma porta.

— Há aqui um médico que por acaso está hoje de serviço.

Falei-te dele ou iro dia na Casa da Antiguidade.

Ausente, recorrendo só ao sentido da vista, para não perder o que em mim tomava corpo, li a placa: Posto Médico. Percebi tudo.

Uma sala toda de vidro, repleta de neblina dourada.

Prateleiras de vidro cheias de frascos e garrafas de vidro colorido. Fios elétricos. Cintilações azuis reluzindo em tubos de vidro.

E um homenzinho que não podia ser mais seco. Fazia lembrar um recorte de papel e, desse ele as voltas que desse, ficava sempre de perfil, um perfil esguio com uma lâmina afiada no lugar do nariz e um par de tesouras no lugar dos lábios.

Não percebi o que E-lhe disse; vi-a a falar e dei conta de que me ria incontida e beatificamente. As lâminas dos lábios-tesouras brilharam e o médico disse: — Certo certíssimo. Percebo. A mais perigosa das doenças. Não conheço outra mais perigosa.

Deu uma gargalhada, escreveu qualquer coisa com a mão num papel e deu a folha a E-, posto o que escreveu outra folha para mim.

Eram atestados a confirmar que estávamos doentes, que não podíamos comparecer ao trabalho. Eu roubava assim tempo de trabalho ao Estado Único; era um gatuno, sujeitava-me à Máquina do Benfeitor. Mas tudo isso, afinal, era para mim remoto e imaterial como se existisse apenas num livro. Peguei no papel sem hesitar um segundo. Eu — os meus olhos, lábios, mãos — sabia que tudo era o que tinha que ser.

Estava num aero carro ao canto da garagem semideserta.

E sentou-se de novo no lugar do piloto, como da outra vez, carregou na alavanca e levantamos voo. Tudo ficou para trás: o nevoeiro rosa e ouro, o sol, o perfil de lâmina do médico que de repente se me tornava estimado e próximo. Até ali tudo gravitava à volta do sol; eu sabia agora que tudo gravitava à minha volta, lenta, beatificamente, de olhos semicerrados…

A velha à porta da Casa da Antiguidade. A boca adorada, os lábios cerrados com rugas a toda à volta.

Provavelmente não abriu aquela boca desde o outro dia até hoje, só agora a abriu para sorrir: — Ah, sua marota! Em vez de trabalhar como toda a gente… Anda, vá lá! Se por acaso aparecer alguém… Bom, eu venho correndo te avisar…

A porta pesada, ruidosa e opaca fechou-se imediatamente, com dificuldade, o meu coração abriu-se, escancarou-se ainda mais. Os lábios dela eram meus: bebi, bebi, largava-os de vez em quando, fitava em silêncio aqueles olhos muito abertos e, mais uma vez…

A penumbra da sala; azul; cor-de-açafrão; verde-escuro; o sorriso dourado de Buda; mogno; o brilho dos espelhos.

E… A explicação para o meu último sonho: tudo saturado de um líquido róseo-dourado que a todo o momento ia derramar-se, encharcando…

Era o momento. Sem poder evitá-lo, como ferro atraído pelo ímã, com deleitosa submissão a uma lei infalível e imutável, derramou-me todo nela. Não havia cupom cor-de-rosa, não havia contas a acertar, não havia Estado Único, não havia eu. Havia apenas os

dentes ternamente afiados, cerrados, os olhos dourados que me fitavam muito abertos e nos quais eu ia penetrando lentamente, profundamente. E o silêncio. Perturbado apenas por, não sei aonde — a milhares de milhas de distância —, umas gotas de água a pingar num lavatório; e eu era o universo todo e, entre cada pingo, decorriam eras, épocas…

Enfiei o uniforme e debrucei-me sobre E e absorvia com os olhos uma vez mais.

— Eu sabia… Eu conhecia-te — disse E com ternura; levantou- -se de repente, vestiu o uniforme e pôs à mostra o sorriso-faca: — Muito bem, meu anjo decaído…

Porque caíste e estás perdido. Não tens medo, não?

Então, adeus. Vais-te embora sem mim, está bem?

Abriu a porta espelhada e ficou à espera, olhando para mim por cima do ombro. Obediente, saí. Mas mal tinha atravessado a soleira da porta, veio-me a necessidade de sentir o ombro dela encostado ao meu, o ombro apenas, durante um segundo, não mais.

Tornei a entrar, pé ante pé, no quarto onde ela (provavelmente) estava a abotoar o vestido diante do espelho. Entrei e estaquei. Vi a argola da chave antiquada a oscilar na porta do armário, mas E já ali não estava.

Não podia ter saído (o quarto só tinha uma porta), mas o fato é que ela não estava lá. Espionei tudo; abri até o armário e apalpei os vestidos antigos e berrantes que lá estavam: nada encontrei.

Sinto meus caros leitores planetários, algum embaraço em confessar este acontecimento completamente inverossímil. Mas que pode um homem fazer se os fatos assim aconteceram? Não tinham acontecido naquele dia, desde manhã cedo, tantas coisas inverossímeis?… Não era tudo aquilo parecido com aqueles sonhos em que os antigos acreditavam? E, a ser assim, que importa uma incongruência a mais ou a menos? Além do mais, tenho a certeza de que, mais tarde ou mais cedo, hei de inserir estas e outras incoerências num silogismo qualquer.

Tranquiliza-me esta ideia; espero que tranquilize também os que me leem.

Como eu estou farto disto tudo! Se soubessem como eu estou farto!

Décima Quarta Entrada

MEU

IMPOSSÍVEL

UM CHÃO FRIO

Continuo a rememorar o que se passou ontem. A Hora Pessoal, antes de deitar, passei-a a fazer outra coisa e não pude escrever a entrada. Mas fixei tudo como se o tivesse gravado na mente e é principalmente aquele chão insuportavelmente frio que não me sai da lembrança… E que provavelmente recordarei sempre…

0-devia vir à noite, é dia de nos encontrarmos. Fui falar com a funcionária de serviço, para lhe pedir a autorização de fechar as persianas.

— Está tudo bem consigo? — perguntou. — Parece que hoje você está um bocado estranho…

— Não me… Não me sinto bem.

Rigorosamente falando, era verdade; claro que não estava bem. E foi então que me recordei, ah sim, tinha o atestado. Levei a mão ao bolso e ouvi o ruído do papel.

Uma prova de que tinha acontecido… Tudo tinha acontecido de fato… Dei o papel à controladora. Senti as faces afogueadas; sem olhar diretamente para ela, vi que me fitava espantada.

Eram 21.30. Tinham-se fechado às persianas do quarto da esquerda; no quarto da direita, vi o meu vizinho debruçado sobre um livro. O crânio calvo semeado de protuberâncias formava com a testa uma enorme parábola amarela. Atormentado, pus-me a andar de um para o outro lado do quarto: afinal, que fazer com ela, com a 0-? Senti claramente que o vizinho da direita me observava, vi-lhe todas as rugas da testa, toda uma rede de traços amarelos, ilegíveis, que, não sei dizer por que, tinham qualquer coisa a ver comigo.

As 11.45 geraram-se no meu quarto um alegre e róseo burburinho; Senti-me preso no laço apertado de uns braços róseos. Senti depois o laço afrouxar aos poucos, afrouxar mais e mais, até me largar de todo. Os braços caíram.

— Não é o mesmo, não é já o que era… Já não é meu!

— «Meu»: que terminologia bárbara. Nunca…

Não consegui dizer mais. Subitamente ocorreu-me que, antes, de fato, eu nunca tinha sido de ninguém, mas agora… Era isso, agora não estava a viver no nosso mundo racional, mas sim num mundo antigo, delirante, com base em .

Fecha-se a persiana da janela. Do outro lado da parede, à direita, o vizinho deixou cair o livro e através da fresta entre a persiana e o chão, um segundo depois de o livro tocar o solo, vi a mão amarela apanhar o livro… E senti uma grande vontade de me agarrar àquela

mão com todas as minhas forças.

— Pensava… Desejava ter-me encontrado aqui consigo na hora do passeio. Há tanta coisa… Tenho tantas coisas para discutir consigo…

Minha querida 0-! A boca rosada, o rosado crescente com as pontas viradas para baixo. Não podia contar-lhe tudo o que tinha acontecido, não, até porque não podia torná-la cúmplice dos meus crimes, pois sabia que ela não teria coragem para ir até ao Posto dos Guardas e, portanto…

0-estava deitada. Eu beijava-a, devagarinho. Beijava-lhe aquela prega inocente do pulso. Fechou os olhos e o crescente róseo, abrindo-se todo, desabrochou. Beijei-a por todo o corpo. De súbito, vi claramente o grau de degradação a que tudo tinha chegado até que ponto me tinha rendido aos outros. Não podia ser não devia. Tinha que… E não devia.

Os meus lábios ficaram gelados. O crescente róseo começou a tremer, obscureceu, contorceu-se. E tapou-se com a coberta, embrulhou-se toda, reclinou a cabeça na almofada.

Eu estava sentado no chão ao pé da cama (que chão tão desesperadamente frio, aquele!). Cai ali sentado em silêncio. O frio começou subir por mim acima. É, provavelmente, este frio taciturno o que reina lá em cima nos espaços mudos e azuis interplanetários.

— Compreenda-me, eu não quis que… — murmurei. —Eu fiz o que pude para…

Era verdade: Eu, o eu real não queria que tudo aquilo acontecesse. Mas aonde iria eu buscar as palavras para lhe explicar? Como explicar-lhe que o ferro não quis ser atraído, mas que a lei inevitável, infalível…

0-levantou a cabeça da almofada e, sem abrir os olhos, disse «Saia daqui», mas, como ela estava a chorar, percebi «ai aqui» e, não sei por que, estas sílabas sem sentido feriram-me a memória.

Congelado até aos ossos, tiritando de frio, saí para o corredor. Do outro lado da parede de vidro, pairava uma neblina ligeira, quase imperceptível. Mas, ao longo da noite, essa neblina iria descer engrossar e cobrir tudo.

O que iria acontecer durante a noite?

0-saiu e passou por mim sem dizer palavra, na direita ao elevador. A porta bateu com força.

— Um momento! — pedi, cheio de medo.

Mas ouvia-se o rosnar do elevador, descendo, descendo, descendo.

Já me tinha roubado R-.

Roubava-me agora 0-.

Mas, mesmo assim… Mesmo assim…

Décima Quinta Entrada

A CAMPÂNULA DE VIDRO

O MAR DE ESPELHO

ESTOU CONDENADO AO FOGO ETERNO

Assim que pus o pé no estaleiro onde se constrói o INTEGRAL, veio o Adjunto falar comigo. Tinha a cara de costume: um prato de faiança redondo que, ao falar, parece apresentar-nos uma iguaria irresistivelmente deliciosa.

— Você deu parte que estava doente e, na sua ausência, quando nos encontrávamos sem chefia, deu-se um incidente, digamos, foi ontem…

— Um incidente?

— Isso mesmo. Tocou a campainha à hora de fechar, começou a saída dos operários e foi então… Imagine: o guarda que fazia o controle apanhou um homem sem número. Não sou capaz de perceber sequer como pôde ele entrar. Levaram-no logo para a Divisão Operacional. Hão de com certeza tirar a limpo o porquê e por onde entrou o desgraçado.

Contava-me tudo isto com um sorriso, um sorriso triste.

São os melhores e os mais experientes de todos os nossos médicos que trabalham na Divisão Operacional, sob a supervisão direta do Próprio Benfeitor. Lá se encontra toda a espécie de apetrechos, nomeadamente a famosa Campânula Pneumática de Vidro. No essencial, o princípio aplicado é o das velhas experiências das aulas de física elementar. O ar do interior da campânula é rarefeito aos poucos através de um aspirador e do mais que devem saber. Mas, como não podia deixar de ser, a Campânula Pneumática de Vidro é um aparelho consideravelmente aperfeiçoado que utiliza vários gases; não se trata, claro está, de uma brincadeira em que se recorre a um bicharoco indefeso. Aqui o objetivo a atingir é a segurança do Estado Único. Ou por outra: a felicidade de milhões. Há cinco séculos, mais ou menos, quando o trabalho da Divisão Operacional estava ainda na fase de formação, houve pobres de espírito que compararam a Operacional à antiga Inquisição. Vendo bem, trata-se de um absurdo tão grande como colocar no mesmo plano um cirurgião que faz uma traqueotomia e um salteador que corta pescoços. Ambos recorrem a uma faca, porventura uma faca do mesmo género; fazem ambos a mesma coisa, que é cortar a garganta duma pessoa viva.

Mas um é benfeitor e o outro é’ criminoso; um está marcado pelo sinal mais e outro pelo sinal menos. ; Os fatos não podem ser mais claros, basta um segundo, basta rodar uma só vez o botão da máquina lógica… O pior é que há tantas: as engrenagens emperram no menos e o que surge em evidência não é o que se esperava. A argola da chave na porta do armário continua a mexer. A porta foi fechada, sem dúvida alguma, mas a verdade é que ela, E-, não se encontra ali, sumiu-se. Um fato que o mecanismo da lógica não resolveu. Sonho? O problema é que, neste mesmo instante, sinto a dor incompreensível e deleitosa no ombro direito, sinto a pressão da cabeça de E-no ombro direito, sinto-a ao meu lado no

meio do nevoeiro. «Não gostas do nevoeiro?”.»

Sim, até de nevoeiro gosto… gosto de tudo, e tudo é flexível, novo, maravilhoso… tudo está bem…

— Está tudo bem — disse eu em voz alta.

— Tudo bem? — replicou o prato de faiança, arregalando os olhos. — O que é que está bem no meio de tudo isto? Se o tipo sem número conseguiu se meter aqui, é porque há muitos outros por aí, à nossa volta, a toda a hora, em todo o lado. Andam aí, andam junto do INTEGRAL, andam…

— E quem são eles?

— Como é que eu vou saber quem são? Sei que os pressinto, está percebendo? Estou sempre a senti-los…

— Mas não ouviu dizer que… Parece que foi levada a cabo uma operação cirúrgica destinada a remover a imaginação.

Tinha-me chegado aos ouvidos recentemente uma notícia desse gênero.

— Sim, eu sei. Mas a que propósito vem aqui à operação?

— É que, no seu lugar, eu ia já pedir que me operassem.

No meio do prato emergiu uma coisa ácida como o limão.

Coitado… O mais remoto indício de que podia ter imaginação era para ele uma ofensa. Mas, a propósito disso, é de referir que, há coisa de uma semana, também eu me sentiria ofendido com tal ideia. Agora não, é certo, não. Desde que percebi o que se passava comigo, desde que me sinto mal. E sei, além disso, que não quero curar-me deste mal. Não quero pronto, acabou-se.

Subimos os degraus de vidro até ao piso superior. Tudo por baixo de nós era tão evidente como se o tivéssemos na palma da mão. Quem quer que sejam vocês, leitores, todos tiveram já o sol a brilhar sobre as cabeças. Se já estive doente como eu me sinto agora, sabem decerto o que é o sol… Sabem o que pode ser o sol pela manhã; conhecem o seu ouro róseo, transparente, morno. O próprio ar tom matizes rosados e tudo fica saturado com o vermelho suave do sol; tudo fica repleto de vida — são vivas e maleáveis as pedras, é vivo e quente, são vivas as pessoas, não há ninguém que não sorria. É possível que dentro de uma hora tudo desapareça; dentro de uma hora, o sangue rosado há- de esvair-se gota a gota, mas, entretanto, está tudo cheio de vida. Vi claramente: tudo mexe e pulsa e brilha entre os vítreos sumos do INTEGRAL: eu vi: o INTEGRAL sonha com o seu grandioso futuro, com o carregamento de inevitável felicidade que vai levar aos meus desconhecidos leitores, que tanto a procuram sem poderem encontrá-la. Hão -de encontrá-la, hão de serem felizes… Estão destinados a ser felizes e não terão que esperar muito.

Está quase terminada a estrutura do INTEGRAL: uma elipse elegante, esguia, feita com o nosso vidro eterno como o ouro, flexível como o aço. Vi: no interior, colocam-se agora as costelas transversais e os cabos longitudinais; abrem-se na popa os alicerces para o gigantesco foguetão. De três em três segundos, uma explosão; de três em três segundos, a cauda poderosa do INTEGRAL libertará no espaço universal chamas e gases e ganhará

mais e mais velocidade, qual ígneo Tamerlão da felicidade…

Vi: lá em baixo os operários, de acordo com o princípio de Taylor, regular e rapidamente, com ritmo, debruçavam-se e levantavam-se, rodavam como as alavancas duma máquina. Transportavam tubos resplandecentes; cortavam-nos com chamas e com chamas edificavam paredes de vidro, acoplavam cabos, estruturas, barras dobradas. Eu vi: gruas monstruosas de vidro transparente rolavam lentamente sobre carris de vidro e, tal como os operários, rodavam dóceis, baixavam- -se, levantavam cargas que pousavam no bojo do INTEGRAL. E tudo formava uma só unidade: as máquinas humanizadas, os humanos perfeitos como máquinas. Uma beleza sublime, estonteante, autêntica harmonia, autêntica música…

Tenho que descer já o mais rapidamente possível, tenho que ir ter com eles!

Estava agora no meio deles, ombro com ombro, unido a eles, dentro do mesmo ritmo férreo. Os movimentos deles eram medidos; as faces deles eram redondas como uma bola de borracha, as frontes deles eram lisas como espelhos, libertas de pensamentos insanos. Flutuava naquele mar de espelho. Sentia-me repousado.

E, de repente, um deles, descuidadamente, voltou-se para mim:

— Então, já passou? Está melhor, hoje?

— Melhor? Que quer dizer?

— Ontem não veio pra cá. Julgámos que fosse alguma coisa grave.

A testa dele brilhava de suor, o sorriso era infantil, inocente.

O sangue subiu-me ao rosto. Não podia mentir perante um olhar assim… Não podia. Fiquei calado, interdito…

Reluzindo no máximo da sua brancura, do alto de um postigo superior, uma cara de faiança chamou: — D-503, falo contigo. Venha até aqui, por favor.

Ajustámos as consoles às estruturas, venha ver, há alguns pormenores que não batem certo…

Sem perda de tempo, subi pela escada acima, direito a ele: escapava assim, vergonhosamente, punha-me em fuga… Não me apetecia olhar de frente; evitava os reflexos da luz nos vidros dos degraus que ia subindo e, a cada degrau que subia, sentia-me mais descoroçoado; não havia ali lugar para mim, para um criminoso, um homem cheio de toxinas. Nunca mais me adaptaria àquele ritmo mecânico sem falhas, nunca mais flutuaria naquele mar reluzente. O meu destino seria arder para sempre, debater-me, procurar um ponto qualquer onde esconder o olhar, para sempre, até sentir forças para ultrapassar e…

Neste momento senti-me transpassado por um raio gelado: comigo, não me importo, não há problemas; mas não posso deixar de pensar nela, eles vão implicá-la a ela também…

Por uma escotilha, saí para a coberta e parei: não sabia para onde me virar, não sabia por que tinha vindo até ali.

Olhei para cima. O sol, já cansado, subia lentamente. Por baixo, o INTEGRAL, verde-vítreo, sem vida. Tinha-se esvaído o sangue róseo. Para mim era claro que tudo não

passava de imaginação, que tudo continuava a ser como antes, mas ao mesmo tempo era claro que…

— Então, 503, está surdo? Já o chamei mais de uma vez… Que se passa?

Era o Adjunto a gritar-me aos ouvidos; há muito tempo que ele devia estar gritando.

Que se passava comigo? Tinha perdido o rumo. O motor roncava o mais que podia, o aero carro agitava-se e tomava toda a velocidade que podia, mas faltava o rumo… Eu não sabia para onde ia com aquela pressa toda: descia… Ia espatifar-me no solo; ou então subia…

Precipitava-me para o sol, para a massa ardente…

Décima Sexta Entrada

AMARELO

UMA SOMBRA COM DUAS DIMENSÕES

UMA ALMA INCURÁVEL

Não tenho escrito nada há já alguns dias. Não sei há quantos dias: todos os dias são um só. Os dias são todos de uma só cor, amarelos como areia calcinada e abrasada pelo sol. E não há um bocado de sombra, não há uma gota de água, e eu caminho sobre esta areia amarela, sem objetivo á vista. Não posso estar sem ela e, desde a altura em que desapareceu de forma tão inexplicável na Casa da Antiguidade, ela…

Desde então, vi-a só uma vez, durante um passeio. Há dois, três, quatro dias, não sei precisar. Todos os dias são um só. Ela passou como um relâmpago, enchendo por instantes o mundo amarelo, vazio. De braço dado com ela ia o homem em forma de S que lhe dava pelo ombro; ia também o médico de papel recortado e também um quarto número do qual recordo apenas os dedos, dedos que emergiam das mangas do uniforme como se fossem raios enfaixados, uns dedos singularmente finos, brancos, compridos. E acenou-me e baixou a cabeça por cima do baixote, falando com o número dos dedos esguios. Só percebi a palavra INTEGRAL; todos se voltaram e olharam para mim, posto o que se perderam no céu verde azulada ficando a rua novamente amarela, calcinada.

À noite ela tinha um cupom cor-de-rosa para se encontrar comigo. Postei-me frente ao mostrador e supliquei-lhe com ternura e com ódio que fizesse aparecer o mais depressa possível no seu espaço branco as letras E-330. A porta do elevador abriu-se ruidosamente uma e outra vez; dele saíam mulheres pálidas, mulheres altas, mulheres rosadas, mulheres morenas; as persianas iam-se fechando uma por uma em todas as casas. Mas ela não aparecia. Não apareceu. Possivelmente, neste mesmo instante, às 22 em ponto, hora a que escrevo, ela vai, cerrando os olhos e encostando o ombro ao ombro de alguém (como daquela vez) e (como daquela vez) pergunta a esse alguém: «Gostas?”.» A quem o pergunta? Quem é ele? Aquele dos dedos-raios, o dos beiços grossos, o fido perdigotos? Ou o S-?

S-! Porque ouvirei eu, todos os dias, atrás de mim, as passadas surdas dele, um som como o de quem chapinha em charcos de lama? Por que será que nestes últimos dias ele me segue como uma sombra? Uma sombra verde azulada, com duas dimensões, aos meus pés, lado a lado comigo, atrás de mim; as pessoas passam por cima dela, através dela, mas ela continua comigo, sempre presente, unida a mim por um cordão umbilical invisível.

Será que é ela, E-, esse cordão umbilical? Não sei. Ou, talvez, ela já seja conhecida dos guardas… Talvez eu…

Se viessem dizer-nos que a nossa sombra nos vê… Nos vê a todo o instante? Percebem? E se de repente tivéssemos uma sensação estranha: os nossos braços não são os nossos braços, mas os dum estranho? Seria incomodo. Eu dou muitas vezes comigo a balançar os

braços, de maneira ridícula, num ritmo diverso do andar. Ou então, de repente, preciso olhar para trás e sou completamente impedido de fazê-lo: sinto o pescoço fixo como se fosse de ferro. E ponho-me a correr a toda à brida e as minhas costas sentem a sombra a correr mais velozmente atrás de mim, e não há lugar — não há lugar! — para onde possa fugir dela…

Cheguei finalmente ao meu quarto. Só. Mas vejo-me confrontado com outra coisa: o telefone. Pego no auscultador: «Sim, E-330, por favor!» E ouço uma vez mais através do auscultador o ruído abafado, passos abafados de alguém no corredor, junto à porta do quarto dela, e depois o silêncio… Pouso o auscultador. Não suporto isto… Não suporto mais. Tenho que ir lá. Tenho que ir falar com ela.

Foi isto ontem. Corri até lá e, durante uma hora (desde as 16 até às 17) dei voltas e mais voltas em redor do prédio onde ela vive. Em magotes, passavam os números.

Milhares de pés passaram a um ritmo igual; qual Leviatã de milhares de pés, a bambolear-se. E eu ali sozinho, cuspido pela borrasca numa ilha desabitada, e os meus olhos à procura, à procura das vagas verde azuladas.

Mas é de crer que, a qualquer momento, apareçam na minha frente o ângulo irônico das sobrancelhas repuxadas para as têmporas e as negras janelas dos olhos que têm dentro uma lareira acesa e algumas sombras inquietas. E eu abrirei caminho por estas janelas, entrarei e tratá-la-ei por tu, sempre por tu: «Sabes com certeza que não posso viver sem ti". Porque é que me tratas assim?» Mas ela não dirá nem uma palavra.

Fez-se um silêncio súbito. Repentinamente, ouvi o que a Oficina Musical tocava, percebi que eram 17 horas, que todos os números tinham ido embora. Estava só. Era tarde. Em redor, pululava um deserto de vidro mergulhado no amarelo do sol. Vi, como que refletidas na água, as paredes invertidas, reluzentes, suspensas dum céu de vítreo e eu próprio suspenso no meio deles, ridículo, de cabeça para baixo.

Tinha que ir imediatamente, naquele mesmo instante, ao Posto Médico, pedir um atestado de doença, senão eu seria detido… O que não seria pior: ficar ali e esperar calmamente que dessem por mim e me levassem para o Departamento Operacional. O melhor era acabar de vez com tudo e redimir tudo de uma vez por todas.

Um ruído: lá estava à sombra em forma de S. Sem olhar, senti a violência com que as duas verrumas de aço verde se espetavam em mim. Fiz um esforço terrível para sorrir e disse (alguma coisa eu teria que dizer): — Vou… Tenho que ir ao Posto Médico…

— Então por que é que não vai? Que está a fazendo aqui?

Corado de vergonha, com a sensação de estar absurdamente suspenso de cabeça para baixo e pernas para o ar, não respondi.

— Siga-me — disse-me S-, carrancudo.

Fui andando, com os braços pendentes, como se pertencessem a outro. Não conseguia levantar os olhos; e ao mesmo tempo ia atravessando aquele mundo cruel, de pernas para o ar: aqui estavam umas máquinas invertidas, as pessoas caminhavam antipaticamente pelos tetos e o céu baixo era pavimentado com vidro igual ao do solo. A coisa mais humilhante, agora me recordo, era ver pela última vez na minha vida tudo invertido e não

como era na realidade. Mas não podia olhar para cima.

Paramos. À minha frente havia uma escadaria. Mais um degrau e veria algumas figuras de bata branca cirúrgica, a enorme Campânula de Vidro…

Com um violento esforço, como por ação de uma mola interna, arranquei os olhos do chão envidraçado e bateram-me em cheio no rosto as letras do Posto Médico.

Porque me tinha ele guiado até ali, em vez de me levar para o Departamento Operacional, porque me teria poupado…? Não me ocorreram naquele momento estas interrogações. Saltei vários degraus de uma só vez, fechei a porta com toda a força atrás de mim e… Suspirei. Como se, desde manhã, os meus pulmões não tivessem respirado e o meu coração não tivesse batido, como se tivesse respirado só naquele momento e naquele momento se tivesse aberto uma comporta dentro do meu peito.

Tinham na minha frente dois números médicos: um extremamente baixo, com umas pernas baixas e grossas como os postes de ferro que ladeiam as estradas e com uns olhos que pareciam despedaçar os doentes, assim como um touro que despedaça a vítima com os cornos; o outro era magríssimo, o mais magro que se possa imaginar, e tinha por lábios um par de tesouras reluzentes e um nariz que era a lâmina duma faca: o mesmo tipo que tinha visto da outra vez. Avancei para ele como se fosse um parente chegado, avancei resolutamente para as três lâminas, murmurando qualquer coisa a respeito de insônias, sonhos, uma sombra, um universo todo amarelo. O dos lábios de tesouras brilharam num sorriso.

— Está mesmo mal. Tudo indica que se formou uma alma dentro de si.

Uma alma? Palavra singular, antiga, há muito olvidada…

Ocasionalmente ainda se diziam expressões como desalmado, alma danada, desalmadamente, mas quem, nos dias de hoje, diria a palavra alma, assim, nua e crua?

— Será… Grave? — balbuciei.

— Incurável — atalhou o dos lábios de tesouras.

— Mas, afinal… Do que se trata? De certo modo, eu…Não consigo perceber o que seja…

— Repare… Como é que eu lhe hei de lhe explicar? É matemático, não é?

— Sou.

— Então suponha um plano, uma superfície… Pode servir este espelho. Eu e você estamos aqui nesta superfície, está vendo? Fechamos os olhos por causa do reflexo do sol, temos aqui a faísca elétrica da lâmpada e há também a sombra deste aero carro que vai a passar.

Tudo isto se viu na superfície do espelho e tudo num segundo. Suponha agora que, por ação do fogo esta superfície impenetrável começava a amolecer e que as coisas, em vez de deslizarem, começavam a penetrar, entravam no mundo do espelho que nós em pequenos contemplávamos com tanta curiosidade… E posso garantir-lhe que as crianças não são tão parvas como as pessoas julgam. O plano transformou-se em massa, num corpo, num mundo, e aquilo que está dentro do espelho está dentro de si: o sol, o torvelinho formado pelo propulsor do aero carro e os seus lábios trêmulos… e os lábios de alguém mais…

Percebe? Um espelho frio reflete, rejeita, ao passo que o meu suposto espelho absorve e conserva para sempre vestígios de todas as coisas que o afetaram. Vimos uma vez uma ruga quase imperceptível na cara de alguém… E essa ruga fica dentro de nós para sempre; captamos uma vez o som duma pinga de água a cair no meio do silêncio… E ouvimos esse mesmo som neste momento.

— Sim, sim, é isso!

Agarrei-lhe a mão. Estava de fato a ouvir: o som, no meio do silencio, dos pingos de água caindo lentamente da torneira dum lavatório. Ele sabia que tal som ia perdurar a vida inteira. Apesar disso, porém, por que uma alma, assim, sem mais nem menos? Vivi sem ela durante tanto tempo… E, assim, de repente… Como é que ninguém teve isso e logo eu haveria de ter?…

Apertei ainda mais a mão descarnada, assustava-me o poder vir a perder o meu cinto de segurança.

— Como é que havia de ser? Como é que perdemos as penas, as asas, e ficámos com as omoplatas, as bases das asas? Porque presentemente não precisamos de asas; foi inventado o aero, as asas senis, um empecilho. As asas servem para voar e nós nem sequer temos para onde voar. O nosso voo terminou, descobrimos tudo quanto procurávamos. É assim ou não é?

Acenei que sim, meio-ausente. Ele olhou-me e desatou a rir em gargalhadas desabridas. O outro número médico ouviu-o, firmou-se nas pernas-estacas de ferro, esfrangalhou o médico magro com as pontas dos cornos do olhar, esfrangalhou-me depois a mim.

— O que é que temos? O quê, uma alma? Falou em alma? Que diabo! Não tarda que regresse a cólera, já lhe tenho dito (e espetou mais o olhar-cornada no doutor magro). Já lhe tenho dito que é necessário fazermos uma fantasiotomia, uma fantasiotomia geral. A imaginação terá que ser extirpada. Só a cirurgia poderá nos valer, só a cirurgia, nada mais…

Pôs uns descomunais óculos Röntgen e começou a andar à minha volta, inspecionando cuidadosamente o meu crânio, examinando o cérebro e tomando notas num caderno.

— Curiosíssimo… Curiosíssimo! Ouça: consente em…ser conservado num frasco de álcool! Seria muito curioso para o Estado Único… Ajudava-nos a evitar uma epidemia. A não ser que ponha alguma objeção…

Noutros tempos, provavelmente, eu teria dito: «Sim, estou de acordo», sem hesitar. Desta vez calei-me. Fitei o perfil esguio do outro médico, implorante…

— Ê que, sabe? — objetou o magrinho —, o número D-503 é o construtor do INTEGRAL e seria, certamente, um grande transtorno…

— Ah — mugiu o outro, encaminhando as pernas-estacas para o gabinete donde tinha saído.

Ficámos sós. A mão de papel segurou ligeira e amavelmente o meu; o rosto, todo ele perfil, debruçou-se para mim:

— Vou confiar-lhe um segredo — cochichou. — O seu caso não é único. O meu colega

tem boas razões para falar de epidemia. Puxe pela memória: não notou nada semelhante… Muito semelhante muito parecido com isto numa certa pessoa…?

E fitou-me com mais insistência… De que falava ele? De quem falava? Estaria a insinuar que… Era possível?

— Alto aí! — disse eu, saltando da cadeira, mas ele tinha já mudado de conversa e prosseguia em voz alta: — Para essas insônias, para esses sonhos, só tenho um conselho para lhe dar: ande a pé o mais que puder. Comece já amanhã, faça uma excursão… Por que não dá uma fugida até à Casa da Antiguidade, hein?

O olhar dele tornou a trespassar-me, com um sorriso quase imperceptível. E pareceu-me ver com toda a nitidez uma palavra, uma letra, um nome, no tecido impalpável daquele sorriso… Ou então era fantasia minha.

Esperei impacientemente que escrevesse o atestado de doença para aquele dia e para o seguinte, apertei-lhe de novo a mão com força, sem dizer palavra, e saí a correr.

O meu coração tinha a leveza, a rapidez dum aero carro e transportava- -me para as alturas, cada vez mais alto.

Sabia que o dia seguinte me reservava alegres boas novas. Que boas novas seriam?

Décima Sétima Entrada

O OUTRO LADO DO VIDRO

MORRI

CORREDORES

Estou profundamente intrigado. Ontem, no momento em que julgava tudo solucionado, descobertos todos os X da questão, surgiram na minha equação novas incógnitas.

Todas as coordenadas desta história têm o ponto de partida na Casa da Antiguidade, evidentemente. De lá irradiam os eixos dos X. dos Y e dos Z sobre os quais se alicerça o meu mundo nos últimos tempos. Eu ia caminhando pelo eixo dos X (a Avenida 59) direito ao ponto de partida das coordenadas. Os acontecimentos de ontem eram dentro de mim um turbilhão de cores numerosas: as casas invertidas e as pessoas, as mãos que dolorosamente deixavam de ser minhas , o dos lábios-tesouras reluzentes, o pinga-pinga torturante da água no lavabo — coisas que tinham acontecido em um dia! E tudo isto, laceravam me a carne, lavrava agora impetuosamente sob a superfície amolecida onde se alojava a alma.

Para fazer o que o médico me receitou, escolhi deliberadamente um caminho que seguia os dois lados do triângulo, não a hipotenusa. Encontrava-me no segundo lado: a estrada em arco de círculo que ladeava o Muro Verde. Do vastíssimo mar de verde que para além do Muro se estendia, desciam sobre mim vagas furiosas de raízes, flores, ramos, folhas; mugia por cima de mim, prestes a esmagar-me e, de homem que era, de mecanismo perfeito e exato que era, transformar-me-ia em…

Mas, felizmente, entre mim e o furioso oceano verde erguia-se o vidro do Muro! Ah, a imensa, a divinal sabedoria dos muros, das barreiras que servem de limites! O muro é, talvez, a maior de todas as invenções.

O homem deixou de ser selvagem no dia em que construiu o Muro Verde, no dia em que isolámos o nosso mundo mecânico e perfeito do mundo irracional e horroroso das árvores, das aves, dos bichos…

Do lado de lá do rio observa-me, estúpido, amedrontado, o focinho chato dum bicho qualquer; tem uns olhos amarelos que se fixam insistentemente numa ideia para mim incompreensível. Durante muito tempo, olhámo-nos nos olhos, esses túneis que, do mundo superficial, conduzem ao mundo que se encontra abaixo da superfície. E dentro de mim começou a formar-se uma ideia: « E se esta criatura de olhos amarelos, que vive a sua vida não programada, entre montes de folhas imundas e ridículas, fosse mais feliz do que nós?» Ergui o braço: os olhos amarelos fecharam-se, afastaram-se para trás, desapareceram entre os ramos. Mísera criatura! Que absurdo pensar que pode ser mais feliz do que nós! Mais feliz do que eu, é possível, mas é porque eu sou uma exceção: estou doente. E, mesmo assim…

Avistei ao longe as paredes e as janelas negras da Casa da Antiguidade… e a boca gentil

da velha cujos lábios parecem cada vez mais mirrados. Corro para ela, ansioso: — Ela está aqui?

Entreabriu os lábios cada vez mais mirrados: — E quem vem a ser ela?

— Hã , quem haveria de ser? E-, evidentemente. Ainda outro dia eu e ela aqui viemos num aero…

— Ah. sim, sim! É isso, é isso!

Sou profundamente traspassado pelos raios-rugas daquela boca, pelos astutos raios daqueles olhos amarelos. E acrescentou:

— Está muito bem, ela apareceu há pouco tempo.

Estava lá. Vi, junto da velha, alguns pés de absintos prateados (o pátio da Casa da Antiguidade tinha tanto de museu como a casa em si e era ciosamente conservado no seu estado pré-histórico). A planta tinha um ramo que se erguia à altura da mão da velha e ela acariciava- -Ihe as folhas sedosas. O sol desenhava lhe no avental alguns traços amarelos. Por momentos, eu, o sol, a velha, o pé de absinto, os olhos amarelos éramos uma só coisa; estávamos estreitamente unidos uns aos outros por uma rede de veias e através destas corria o mesmo sangue, tempestuoso, magnificente. (Sinto vergonha de escrever isto, mas prometi ser franco até ao fim. Pois bem; debrucei-me e beijei aquela boca mirrada, mole, musguenta. A velha limpou os beiços e deu uma gargalhada.)

Corri pelas salas familiares, escuras, povoadas pelo eco, dirigindo-me, nem sei bem porquê, para o quarto de dormir. Só quando cheguei mesmo ao pé da porta e ia rodar o manipulo é que me ocorreu: «E se ela não estiver só?» Parei e escutei. O que ouvi foi apenas as pancadas do meu próprio coração… Não dentro de mim, mas algures nas redondezas. A cama enorme, intacta. Um espelho. Um outro espelho no guarda-roupa e, na fechadura deste, uma chave com uma argola antiquada. E ninguém no quarto.

— E-? Está aqui? — chamei baixinho e depois mais baixo ainda, Inchando os olhos, contendo a respiração, como se estivesse já de joelhos aos pés dela. — E-! Querida!

Silêncio total. Exceto a água a pingar rapidamente da torneira para a bacia branca. Na altura não consegui explicar os motivos, mas aquele pinga-pinga desagradou-me. Fechei violentamente a torneira e sai do quarto. Ela não estava, era evidente. Significava isso que estava noutra divisão.

Desci uma escada larga, sombria, tentei abrir uma porta, outra, mais outra. Todas fechadas. Estavam todas fechadas, exceto um dos quartos, o nosso quarto, e aí não estava ninguém.

Mesmo assim, fui para lá outra vez, não sei explicar porquê . Caminhava devagar, com dificuldade, as solas dos sapatos pesavam como se fossem, de chumbo.

Lembro-me distintamente de ter pensado: « A ideia de que a força da gravidade é constante não está certa. Por consequência , todas as minhas fórmulas…»

Nesse momento, um estrondo: uma porta bateu, no rés-do chão. Passos rápidos nas lajes do pavimento. Tornei-me leve, pairei no ar, agarrei-me ao corrimão, com a intenção de me debruçar e de exprimir tudo o que sentia num único grito, numa só palavra: «Tu!»

Tive um arrepio de frio. Lá em baixo, emoldurada pela janela escura, com as orelhas cor-de-rosa abertas, desenhava-se a cabeça de S-.

Uma clara conclusão se me impôs subitamente, uma conclusão sem premissas (ainda hoje não sei quais eram as premissas): «Ele não me pode ver, em circunstância alguma». Em bicos de pés, contra a parede, corri para o quarto que estava aberto.

Fiquei uns segundos à porta. O indivíduo subia a escada, vinha direito pra mim. Se ao menos aquela porta não me traísse. Fiz uma súplica à porta, mas ela era de pau, rangeu, chiou. Qualquer coisa vermelha, qualquer coisa verde, o Buda amarelo: tudo passou por mim num turbilhão; vi-me no espelho do armário, vi nele a minha cara pálida, os meus olhos, os meus lábios ansiosos. Entre as pancadas do coração, ouvi de novo a porta ranger. Era ele… Ele…

Levei a mão à chave do guarda-roupa e… a argola da chave começou a rodar. O que me fez recordar. E tirar mais uma conclusão clara, sem premissas… ou , mais corretamente, o começo duma conclusão: «Da outra vez, quando E-…» E abri rapidamente a porta; uma vez lá dentro, no escuro, fechei a porta. Um passo… o chão faltou-me debaixo dos pés. Lenta, suavemente, deslizei, escorreguei , caí… tudo escureceu diante dos meus olhos; morri.

Mais tarde, quando se tratou de registrar estes acontecimentos estranhos, espionei na memória e nos livros. Agora já percebo: foi um estado de morte temporária, um estado conhecido pelos antigos, mas, tanto quanto julgo saber, totalmente desconhecido entre nós.

Não faço ideia de quanto tempo estive morto (entre cinco e dez segundos, provavelmente), mas ao fim de algum tempo voltei à vida e abri os olhos. Estava escuro e sentia-me descer, descer… Procurei agarrar-me e estendi a mão: o muro de superfície rugosa esfacelou- -me; um dos dedos deitava sangue… Não se tratava de uma fantasia da minha imaginação. Mas então o que era…

Sim, o que era?

Senti que me faltava o ar, vacilei (com vergonha o confesso; era tudo muito inesperado e incompreensível).

Passou um minuto, depois outro e outro: continuava a descer. Acabei por chocar com qualquer coisa: o chão que me escapava sob os pés acabou por se imobilizar. No escuro, apalpei e a minha mão encontrou um manipulo.

Empurrei, abriu-se uma porta, a luz era débil. Vi então atrás de mim uma pequena plataforma quadrada, subindo lentamente, la a correr para ela, mas era tarde: estava isolado ali… ali , onde?… não sabia.

Um corredor. Num silêncio esmagador, com mil toneladas de peso. No teto abobadado, pequenos globos elétricos, numa fileira interminável, bruxuleante. Havia certa semelhança com um túnel dos nossos metropolitanos, mas este corredor era consideravelmente mais estreito e construído não com o nosso vidro mas com materiais de antigamente. Fazia lembrar as catacumbas onde, ao que se diz, as pessoas procuravam refúgio na altura da Guerra dos Duzentos Anos. Fosse ou não fosse isso, havia que seguir em frente.

Devo ter andado durante uns vinte minutos. Virei à direita: o corredor tornou-se mais largo; os pequenos globos elétricos iluminaram- -se. Ouvi um rumor vago.

Podia ser uma máquina, podiam ser vozes, não tinha certeza. Só sabia que me encontrava diante duma porta pesadíssima e que era detrás dela que vinha o barulho.

Bati de novo, com mais força. Serenou o barulho atrás da porta, ouviu-se um estalido. Pesadamente, lentamente, a porta abriu-se.

Não sei quem ficou mais paralisado de espanto: à minha frente perfilava-se o médico esguio com nariz de lâmina.

— Você? Aqui? — disseram os lábios-tesouras fechando-se.

E eu… foi como se desconhecesse a linguagem humana; deixei- -me ficar, sem dizer palavra, sem ouvir absolutamente nada do que me era dito. Dizia-me provavelmente que ia ter de abandonar o local, pois, logo a seguir, empurrou-me de leve com o abdómen chato de papel até ao recanto mais iluminado, onde me deu uma pancada nas costas.

– Permita-me… Desejava… Pensei que ela… que a E-330…mas estou a ser seguido por alguém…

— Deixe-se ficar aí — atalhou o médico, desaparecendo de imediato.

Finalmente! Finalmente, ela estava por perto, estava ali; mas o onde era o que menos me importava. A seda amarelo-açafrão tão familiar, o sorriso-dentado, os olhos de pálpebras cerradas… Os meus lábios, as minhas mãos, os meus joelhos tremiam e pela minha cabeça passou a ideia mas tola: «As vibrações são sonoras. As tremuras «em demasia produzem som, porque será que não se ouve nada?»

Os olhos dela abriram-se de par em par e eu entrei neles.

— Eu não podia aguentar mais. Onde é que você estava? Porque foi…

Sem tirar os olhos dela, falava como num delírio, depressa, sem nexo… Possivelmente era só em pensamento, sem falar de fato…

— Sou perseguido por uma sombra… morri… ao sair pela porta do armário… Porque aquele médico seu…disse com as tesouras dele que eu tenho alma… e que é incurável…

— Uma alma incurável! Meu pobrezinho!

E-começou a rir e a aspergir-me com o seu riso; foi-se o delírio, os charcos do riso reluziam, brilhavam por todo o lado e tudo era perfeito, tudo… Perfeitíssimo…

O médico voltou a sair do seu canto, o médico magrinho, esplêndido, espantoso.

— E então? — perguntou aproximando-se dela.

— Não foi nada, nada! Conto-lhe tudo depois. Chegou aqui por acaso. Diga-lhes que eu volto logo… dentro de quinze minutos, mais ou menos.

O médico desapareceu na esquina. Ela esperou. A porta fechou-se. Aí, E-, lenta, lentamente, mergulhando mais e mais na agulha afiada e deleitosa do meu coração, encostou o ombro dela ao meu, o braço, e tornámo-nos ambos um só…

Não me lembro da altura em que nos embrenhámos no escuro e, As escuras, em silêncio,

começámos a subir uma escada interminável. Não via nada mas sabia que ela caminhava tal e qual como eu: de olhos fechados, como um cego, de cabeça atirada para trás, mordendo os lábios e ouvindo música… a música do meu quase imperceptível tremor.

Ao voltar a mim, encontrava-me num dos muitos recantos do pátio da Casa da Antiguidade; havia uma espécie de cerca, um muro em ruínas, com o esqueleto e os dentes à mostra, emergindo da terra. Ela abriu os olhos. Disse: «Depois de amanhã às 16», e abalou.

Será que tudo isto aconteceu? Não sei. Saberei… depois de amanhã. Ficou um único vestígio real: a pele esfolada da ponta dos dedos da mão direita. Mas hoje, no INTEGRAL, o Adjunto afirmou ter-me visto tocar por acaso uma pedra de afiar com os mesmos dedos. Deve ter sido isso. Se calhar, não foi. É o mais plausível. Não sei. Não sei de nada.

Décima Oitava Entrada

AS SELVAS DA LÓGICA
FERIMENTOS E UM EMPLASTRO
NUNCA MAIS

Ontem me deitei e… mergulhei logo no fundo do mar do sono, como um navio que por excesso de peso vai a pique. Esmagando uma mole imensa de água verde que se afastava para eu passar. E lentamente subi e vim à tona, abrindo os olhos. Estava no meu quarto; a manhã era ainda verde, congelada. Bateu-me nos olhos um reflexo de sol no espelho da porta do guarda-roupa. Era um impedimento ao cumprimento exato das horas de sono ordenadas nas Tábuas dos Mandamentos Horários.

O melhor era abrir a porta do guarda-roupa, mas sentia-me a modos que envolto em teias de aranha, teias que me lapavam também os olhos; não tive forças para me levantar.

Mas lá consegui levantar-me, abrir o guarda-roupa e, de súbito, detrás da porta, libertando-se do vestido, surgiu a rósea E-. Naquele momento, eu estava tão habituado às coisas mais improváveis que, tanto quanto me lembro, não me mostrei surpreendido, não fiz qualquer pergunta.

Sem perda de tempo, entrei no guarda-roupa, fechei a porta e, ofegante, apressado, às cegas, sôfrego, uni-me a E-. Vejo agora como tudo se passou: um fino raio de sol penetrou através duma fresta da porta e, no escuro, como um relâmpago, ziguezagueando, bateu no chão, depois numa das paredes, daí subiu mais e a sua lâmina cruel e reluzente penetrou no pescoço nu de E-; fiquei tão apavorado que não suportei mais; dei um grito e, mais uma vez, abri os olhos.

Estava no meu quarto. A manhã ainda era verde, congelada. No espelho da porta do guarda-roupa batia um raio de sol. Eu estava na cama… É então que… sonho.

Mas o meu coração batia ainda descompassadamente, estremecia, oscilava, doíam-me as pontas dos dedos, os joelhos. Disso não tinha eu dúvidas. Naquele momento não distinguia entre o sonho e a realidade. A irrealidade atravessava tudo o que era sólido, habitual, tridimensional e, em vez de superfícies firmes e lisas, tudo à minha volta era inchado, peludo…

Tinha ainda bastante tempo antes de a campainha tocar; deixei-me ficar a pensar… e diante de mim desenrolou-se uma cadeia lógica extremamente curiosa. No nosso mundo de superfície, cada equação, cada fórmula tem uma curva ou um sólido que lhe corresponde. Para a fórmula irracional, para a minha E-não se conhece sólido correspondente; nunca se viu. Mas o horror todo é que tais sólidos, embora invisíveis, existem, inevitável, inelutavelmente, porque nas matemáticas, como numa tela, passam diante de nós sombras fantásticas, caprichosas — fórmulas irracionais. Ora as matemáticas e a morte não erram nunca. E se não vemos tais sólidos no nosso universo, à superfície, o certo é que existe — tem necessariamente que existir algures — o universo deles, sob a

superfície.

Saltei da cama sem esperar pelo toque da campainha e comecei a correr de um para o outro lado do quarto. As minhas matemáticas, até ali a única ilha firme e inabalável, no mar da minha vida agitada, desagregavam-se também, andavam à deriva, rodopiavam num turbilhão. Quereria isto dizer que a tal alma ridícula era tão real como o meu uniforme, as minhas botas, botas que aliás não via naquele momento (estariam atrás da porta fechada do armário?). Mas se as botas não eram uma doença como é que a alma o era?

Procurava escapar desta selva lógica, mas não conseguia.

Esta selva era em tudo parecida com as florestas desconhecidas, impenetráveis e horrendas que se estendiam para além do Muro Verde… e, ao mesmo tempo, tais florestas eram seres extraordinários, incompreensíveis que falavam sem palavras. Parecia-me estar vendo, através de um vidro grosso uma , infinitamente grande e ao mesmo tempo infinitamente pequena, escorpióide, em que o aguilhão era aquele sinal menos, oculto mas sempre sentido. Talvez ele fosse afinal a minha alma que, tal como o lendário escorpião dos antigos, espetava o aguilhão em si próprio até…

A campainha. É dia. Tudo isso, sem morrer, sem se desvanecer, ia ficar tapado pela luz do dia, da mesma forma que os objetos visíveis, não morrendo, ficam, quando escurece, tapados pelo negrume da noite. A minha cabeça estava cheia de uma neblina leve e incerta.

Da névoa emergiam compridas mesas de vidro; cabeças esféricas, mascando, lenta, silenciosa, ritmicamente.

Através da neblina, de um ponto distante, chegava até mim, o matraquear dum metrónomo. Tal como os outros, maquinalmente, contei baixinho até quinze: as quinze mastigações regulamentares antes de engolir. Depois, marcando maquinalmente o compasso, desci a escada e dei o meu nome no registro dos que saíam (como todos os outros). Eu sentia, porém, estar a viver uma existência à parte, só, rodeado por um muro suave, auto-absorvente, dentro do qual se encontra o meu universo.

Mas há um problema: se este mundo é só meu, porquê falar dele nestas notas? A que vêm estes dramas absurdos, estes armários, esses corredores sem fim? Com muita pena dou conta de que, em vez de um poema bem construído e rigorosamente matemático, em honra do Estado Único, estou a fazer um romance de aventuras fantásticas. E se ele fosse realmente um romance fantástico e não a minha vida presente, cheia de X, de ”-1 e quedas?

Talvez, afinal, isto seja bom para mim. Muito provavelmente os meus desconhecidos leitores são crianças, quando comparados conosco. Nós fomos, vendo bem, engendrados pelo Estado Único e, portanto, alcançámos o ponto mais alto que um homem pode atingir. Como crianças que são , vão ter que ingurgitar muita coisa amarga que eu lhes vou ministrar, depois de bem embrulhada no xarope espesso da aventura…

Noite

Conhecem a sensação de estar num aerocarro que sobe a toda a velocidade numa espiral de azul?… A janela está aberta, o vento é desabrido, assobia, bate-nos na cara, a terra sumiu-se, esquecemos a teria, a terra fica tão distante como Saturno, Júpiter, Vénus… É

exatamente assim que eu estou a viver agora: bate-me na cara um vento forte e esqueci-me da terra, esqueci-me da rósea e querida 0-. Mas nem por isso a terra deixa de existir; mais tarde ou mais cedo teremos que aterrar e eu fecho os olhos para não ver a data apontada sob o nome dela (o nome 0-90) no meu Horário Sexual.

Esta noite, a terra remota veio-me à lembrança.

Para dar cumprimento à receita do médico (estou sinceramente interessado em me curar) passo duas horas a percorrer as avenidas desertas retilíneas e vidradas.

Todos os números, conformando-se com as Tábuas dos Mandamentos Horários, se aglomeravam nos auditórios, enquanto eu… Falando claro, não é natural o espetáculo que estou a dar. Imagine-se um dedo decepado da mão…um dedo humano, correndo, aos saltos, de bruços, pulando e arrastando-se ao longo do passeio de vidro, sozinho. Eu era aquele dedo. E o mais estranho, o menos natural, é que aquele dedo não tinha vontade nenhuma de voltar para a mão, de se juntar aos outros dedos; o dedo queria ou continuar como estava, sozinho, ou então… Não, não tenho nada para esconder: ou então estar com ela, com aquela mulher, fundir-me nela, penetrar nela através do ombro, dos dedos entrelaçados…

Só voltei para casa quando o sol se punha. As róseas cinzas do entardecer pairam sobre o vidro dos muros, sobre o pináculo da Torre Acumuladora, sobre as vozes e os sorrisos dos números com que me cruzo. Não digam que não é estranho: os raios do sol no ocaso formam um ângulo igual àquele que os raios do sol formam ao amanhecer, mas tudo é diferente, o tom róseo é de natureza diferente; ao pôr-do-sol é mais suave, sem dureza alguma, ao passo que de manhã é agressivo, efervescente.

No vestíbulo, a controladora U-percorreu o maço de envelopes pela luz rosada do poente, tirou dele uma carta e me entregou. Trata-se (repito) de uma mulher respeitabilíssima e tenho a certeza de que me trata com toda a consideração. Apesar disso, todas as vezes que olho para aquelas bochechas pendentes, que a tornam parecida com um peixe, sinto-me mal disposto.

Ao estender-me a carta com a mão ossuda, U-suspirou.

Mas aquele suspiro mal conseguiu fazer oscilar ao de leve a cortina que me separava do mundo. Fiquei perfeitamente absorto a olhar para o envelope que tinha na mão e que (não duvidava) tinha dentro uma carta da E-.

Seguiu-se outro suspiro, mas desta vez sublinhado, tanto que ergui o olhar do envelope, podendo ver; entre as bochechas de peixe, abrangendo as janelas pudicamente cerradas dos seus olhos, um sorriso terno, protetor, acariciante:

— Pobrezinho — suspirou e desta vez o suspiro foi triplamente sublinhado, ao mesmo tempo que apontava para a carta, carta cujo conteúdo naturalmente conhecia, porque era dever dela ler todas as cartas.

— Mas, por que… o que a leva a afirmar isso?

— Não, meu amigo… Conheço-o eu melhor a si do que você se conhece. Tenho-o observado com atenção e sei que precisa de alguém que tenha estudado a vida durante muitos anos, alguém que lhe dê a mão e o guie ao longo da vereda da vida…

Senti-me acariciado pelo sorriso dela; era uma espécie de emplastro aplicado a todos os ferimentos que, em poucos momentos, me tinham sido infligidos pela carta que tinha na mão. E através das pudicas gelosias, mansamente, continuou:

— Vou pensar nisso, meu caro… Vou pensar nisso. E pode ter a certeza de que tenho força bastante para…Mas não, não, vou ter que pensar um pouco primeiro…

Oh Grande Benfeitor!… Estarei eu destinado ao… que ela quis dizer com isto que…

Os meus olhos estavam ofuscados pela luz… milhares de luzes sinusóides; a carta caiu das minhas mãos.

Aproximei-me mais da luz, aproximei-me da parede. O sol esmorecia e, pouco a pouco, as cinzas rosadas, tristes, caíam no chão, em cima de mim, das minhas mãos, da carta.

Rasguei o envelope; procurei logo a assinatura e logo aí se abriu a primeira ferida. A carta não era de E-, não era.

Foi O quem a escreveu. Ou ferida: no canto inferior direito do papel tinha caído um borrão, uma mancha de qualquer coisa. Manchas, eu não suporto, sejam elas do que forem, de tinta ou de… não interessa o que era. Sei que, noutros tempos, me seria desagradável; os meus olhos, ter-se-iam sentido ofendidos com uma mancha daquelas. Sim, aquele borrão esverdeado, naquele canto, uma espécie de nuvem, porque terá ele começado a ficar cada vez mais cor de chumbo? Seria a minha alma a manifestar-se?

A carta dizia o seguinte:

> *Deve saber — ou talvez não saiba — que não sei escrever bem. Mas não interessa nada… Agora já sabe que sem você não tenho de meu um só dia, uma só manhã, uma só primavera. Porque para mim R- é apenas… mas para si nada disso importa. Seja como for, estou-lhe muito grata a ele, sem ele teria eu estado muito só nos últimos dias, não sei o que seria de mim. Durante estes dias e estas noites, foi como se tivesse vivido uns dez, senão uns vinte anos. E é como se o meu quarto não fosse quadrado mas redondo e ando à volta dele, sem parar, sempre na mesma, de um para outro lado e não encontro uma única porta.*
>
> *Sem você é impossível, porque o amo. Porque vejo, compreendo: que não precisa de ninguém neste mundo, ninguém a não ser ela, a outra… e deve compreender que é porque o amo que tenho que…*
>
> *Preciso de mais dois ou três dias para reparar os estragos, para tornar a ser algo parecido com o que 0-90 foi…*
>
> *Depois irei notificá-los de que retiro o seu nome do meu registro e vai ser melhor para você , vai ser ótimo.*
>
> *Esqueça-me; nunca mais o molestarei.*

Nunca mais. Será melhor assim, ela tem razão. Mas então porque é que… porque…

Décima Nona Entrada

UM INFINITESIMAL DE TERCEIRA ORDEM
UM OLHAR CARREGADO
DO PARAPEITO

Lá naquele corredor estranho com aquela fila de lâmpadas pequenas, baças, bruxuleantes… ou… não , não era lá; mais tarde, quando estávamos já num recanto do pátio da Casa da Antiguidade, disse-me ela- «Depois de amanhã». Depois de amanhã é hoje, e todas as coisas têm asas e levantam voo; o dia voa e o nosso INTEGRAL já tem asas; acabamos com a instalação do motor do foguete e hoje fizemos experiências com cargas simuladas. Magníficas e potentes salvas essas que •aos meus ouvidos soavam como saudações em honra dela, da mulher única, e em honra deste dia.

Durante a primeira experiência (= explosão), uma meia-dúzia de números que trabalhavam no local estavam demasiado perto da válvula de escape: nada sobrou deles a não ser fragmentos não identificados e um pouco de fuligem. Orgulhosamente observo aqui que o ritmo do nosso trabalho não foi minimamente afetado por esse fato, nenhum homem pestanejou, nós continuámos e os nossos tornos a executar os mesmos movimentos retos ou circulares com igual precisão, como se nada tivesse acontecido. Dez números representam quando muito 1/100 000 000 do nosso Estado Único; em termos de cálculo prático, é um infinitesimal de terceira ordem. A piedade baseada na ignorância aritmética é uma coisa só conhecida dos antigos, digna das nossas gargalhadas.

Digno igualmente de riso me parece o que ontem me passou pela cabeça sobre um pobre borrão de tinta esverdeada… e que fui ao ponto de referir nestas notas.

Foi apenas mais um «amolecimento da superfície», duma superfície que devia ser dura como diamante, dura como as nossas paredes (um rifão antigo fala em «arremessar ervilhas contra uma parede»).

Dezesseis horas. Não fui ao passeio suplementar. Quem sabe? Ela pode ter a ideia de aparecer exatamente a essa hora, quando o calor do sol é de rachar… Praticamente, estou sozinho no prédio. Através das paredes batidas pelo sol, vejo tudo, à direita, à esquerda e em baixo…

Vejo os quartos vazios, suspensos no ar, repetindo-se catatotricamente uns aos outros. Pela escada azulada, onde cai alguma sombra, sobe lentamente um vulto magro, cinzento. Ouço ruído de passos e vejo — sinto —através da porta que se me estampou no semblante um sorriso-emplastro; o vulto passa adiante e desce mais uma escada.

Ruído no mostrador. Não são só os meus olhos, sou eu que me volto todo para o quadro branco e negro e ele informa-me de que se trata de um número masculino (as consoantes significam masculino e é uma consoante que aparece no mostrador). O elevador detém-se. Vejo-me diante de uma cara de testa franzida, a fazer lembrar a pala dum boné provocantemente enterrado, e com uns olhos… é muito estranha a impressão que me

causam aqueles olhos: parecia que o tipo falava pelos olhos, as palavras pareciam sair-lhe dos olhos.

— É uma carta dela para si — disse, tirando as palavras do embrulho, como se as tapasse com um toldo. — Pediu que procedesse como diz a carta, sem falhar nada.

Sempre de toldo nos olhos, de sobrolho carregado, olhou ao redor.

— Não há aqui ninguém, absolutamente ninguém. Deixe ver isso!

Tornou a olhar ao redor, deu-me a carta e foi-se embora.

Fiquei mais uma vez só. Não… Só, não fiquei: o envelope continha um cupom cor-de-rosa e um perfume quase imperceptível. Era ela que enviava a carta; ela viria, viria ter comigo. Vou sem mais demora ver a carta, lê-la com os meus próprios olhos, para acreditar de vez…

O quê? Não devia ser assim. Leio a carta uma vez mais, saltando algumas linhas: «O cupão… e não deixes de baixar as persianas como se eu realmente aí estivesse… É para mim absolutamente necessário fazer com que eles pensem que… Sinto-me muito triste, muito…»

Rasgo a carta em pedacinhos. Vejo no espelho mais uma vez o meu sobrolho distorcido partido ao meio. Pego no cupom para lhe fazer o que fiz à carta… «Pediu que procedesse como diz a carta, sem falhar nada».

Não tenho força nas mãos. Deixo cair o cupom na mesa.

Ela era mais forte do que eu e, pelo visto, ia ter que fazer o que ela desejava. Mas… de fato, não sei… Veremos; ainda faltam umas horas até ao entardecer… O cupom continuava em cima da mesa.

O espelho refletia o meu sobrolho distorcido, partido ao meio. Porque não arranjar outro atestado médico para hoje, de modo a poder sair, passear, passear indefinidamente, a toda a volta do Muro Verde, e cair depois na cama, afundar-me no oceano dos sonhos… Mas não: a gente é obrigada a ir ao Auditório 13, sentar-se bem sentado, ficar lá duas horas sem sair do lugar…quando o que realmente eu queria era berrar, bater o pé com força…

A palestra. É muito estranho: a voz vinda da instalação sonora, em vez de ser metálica como habitualmente, é mole, peluda, musguenta. Uma voz de mulher… Imagino o que terá sido a vida dela, como será agora: uma velha torta e curvada no gênero da que está de guarda à Casa da Antiguidade.

A Casa da Antiguidade… Em pensar nela faz com que tudo jorre como o repuxo duma fonte; tive de recorrer a todas as forças para me conter e não abafar com os meus gritos todos os sons do Auditório. Penetram em mim as vozes doces e peludas e, de tudo o que foi dito na palestra, só recordo que se falou de crianças, de puericultura. Sou uma espécie de chapa fotográfica: registro tudo em mim com uma exatidão insensível, automática, indiferente; registro que a luz formava uma foice dourada no alto-falante; sob este reflexo, para servir de exemplo, estava uma criança; ergue a mão para a foice refletida; mete na boca a bainha do uniforme microscópico; dobra o indicador e aperta com ele o polegar; vê- se lhe no pulso uma sombra leve e gorda, é o refego de carne que têm todas as crianças. Qual chapa fotográfica, registro também: o pezinho descalço pende da aba da

mesa; os dedos em forma de leque estão suspensos no ar… Não tarda, não tarda nada a criança em se esborrachar no chão…

E… o grito de mulher; agitando as asas diáfanas do uniforme, a mulher voa para o estrado, agarra no bebe, leva os lábios ao refego do pulso gorducho, chega o bebe para o centro da mesa e desce do estrado. Dentro de mim registro: uma boca que é um crescente rosado de pontas viradas para baixo; olhos azuis como dois pires cheios até ao borda. Era 0-. E eu, como se estivesse a estudar uma fórmula harmoniosa, sinto subitamente quanto esta ocorrência banal era inevitável e pré-determinada.

Estava sentada atrás de mim, um pouco para a esquerda.

Olho para trás; ela, submissa, desvia os olhos da mesa onde está o bebe, fixa-os em mim, no mais fundo de mim e, mais uma vez, ela, eu e a mesa que está em cima do estrado, constituímos três pontos ligados por três linhas, é uma projeção de determinados acontecimentos, inevitáveis, não percebidos ainda.

Regresso a casa, por uma rua verde, sombria, com tantos olhos quantas as luzes acesas. Escuto-me e sou um relógio que não para de bater. E os ponteiros que tenho dentro de mim estão prestes a indicar um determinado algarismo; vou fazer uma coisa da qual não poderei recuar. Ela achou necessário que alguém, alguém, pensasse que ela estava comigo. Conquanto ela me seja necessária, que terei eu a ver com as necessidades dela?

Eu não queria servir de disfarce para outrem; não queria e era disso que se tratava.

Atrás de mim, passos arrastados e familiares, como se o caminhante chapinhasse em charcos de água. (Desta vez não me volto para ver; sei que é o S-.) Vai seguir-me até à porta, provavelmente, ficará depois no passeio, a olhar para cima, com as verrumas dos olhos espetadas no meu quarto… até que as persianas caiam e ocultem o crime de alguém.

O Anjo da Guarda leva-me a pôr nisto um ponto final.

Decidi que ele não atingirá o objetivo. Está decidido.

Chegado ao quarto, acendo a luz e não posso acreditar no que vejo: O-está junto da mesa. Reparando melhor, parece que ela está ali abandonada como um vestido que alguém acabasse de despir; como se dentro do vestido não houvesse articulações; os braços, as pernas, estavam desarticulados; a voz dela pendia, desarticulada.

— Vim ver o que se passa com a minha carta. Recebeu? Sim? Preciso de uma resposta… preciso … hoje mesmo.

Encolhi os ombros. Ao contemplar aqueles olhos azuis, esbugalhados, penso divertir-me a fazer-lhe perguntas como se ela tivesse feito algum ato censurável. Deliciado, enterrando cada uma das palavras na carne dela, comecei:

— Você quer a resposta? Ora… você tem razão. Toda a razão. Tem razão em tudo.

— Quer dizer que… — sorriu ela, ocultando assim as tremuras dos lábios, mas eu percebi tudo. — Então está bem. Vou-me embora e… é já.

Continuava abandonada ao lado da mesa. Olhos, braços, pernas, tudo desarticulado. O cupão cor-de-rosa amarrotado da outra continuava em cima da mesa. Abri este manuscrito deste Nós e escondi entre as folhas o cupom (escondi-o porventura mais de mim próprio

do que da O-).

— Agora estou a escrever continuamente. Já tenho cento e setenta páginas. Vai ser bastante inesperado…

— Mas não esqueça — disse numa voz que era a sombra duma voz —… aquela vez… a vez em que deixei cair uma lágrima., na página sete do manuscrito, quando você…

Os pratinhos azuis transbordaram; as lágrimas silenciosas escorreram lhe pelo rosto:

— Não suporto mais… Vou-me já embora… Nunca mais… e não me importo. Mas quero uma coisa… a única coisa que eu quero… é ter um filho seu. Um filho seu e irei embora… irei embora!

Vi-a estremecer toda dentro do uniforme e senti eu também que a desejava, a todo o momento… Pus as mãos atrás das costas e sorri: — O quê? Está com vontade de ir para a Máquina do Benfeitor?

Tal como antes, as palavras jorraram sobre mim, como torrente que rompe as comportas: — Não me importa… Quero sentir… Vou sentir a criança dentro de mim. E, nem que seja por alguns dias…vou ver… verei , uma vez pelo menos o refego na carne, aqui assim… Exatamente como aquele bebe na mesa do auditório. Nem que seja por um único dia.

Três pontos: eu, ela, e ali, em cima da mesa, a mão fechada, rechonchuda com um refego no pulso.

Lembro-me daquela vez em que, criança ainda, fui levado juntamente com outros á Torre Acumuladora. Lá mesmo no alto, agarrei-me ao parapeito de vidro. Lá em baixo, as pessoas eram traços minúsculos e senti um baque delicioso no coração: «E se eu saltasse? …» E, ao pensar isto, agarrei-me ainda com mais força à grade. Hoje, saltei mesmo.

— Quer então levar isso adiante, sabendo perfeitamente que…

De olhos cerrados, como quando se olha de frente para o sol, com um sorriso úmido, refulgente, respondeu: — Sim, quero, sim!

Tirei do meio do manuscrito o cupom cor-de-rosa da outra e corri para a escada, direito à controladora de serviço. O-ainda me agarrou a mão para me dizer qualquer coisa que não percebi.

Voltei e encontrei-a sentada na beira da cama, com as mãos metidas entre os joelhos.

— Aquilo… aquilo era o cupom dela?

— Que diferença faz? É verdade, era o dela.

Ouve-se um estalido. Não deve ter sido nada, foi 0-que se mexeu ligeiramente. Continuava sentada, com as mãos entre os joelhos, sem dizer palavra.

— Bom, vamos lá depressa…

Agarrei-lhe brutalmente a mão e apareceram-lhe uns vergões vermelhos (amanhã serão nódoas roxas ou negras) nos pulsos, no sítio dos refegos dos bebés.

É a última coisa de que me lembro. Depois: a luz se apagou, as ideias que se somem, o escuro, um brilho, e eu a cair do parapeito.

Vigésima Entrada

A DESCARGA

MATERIAL PARA IDEIAS

A ROCHA ZERO

Uma descarga: é o termo apropriado. É agora evidente para mim que parecia exatamente uma descarga elétrica.

Nos últimos dias, as minhas pulsações são cada vez mais sacudidas, cada vez mais frequentes, cada vez mais tensas; os pólos opostos aproximavam-se cada vez mais; soou um rangido; mais um milímetro e foi a explosão, seguida de silêncio.

Tudo em mim está agora quieto e vazio, como um prédio donde todos saíram e onde só nós ficámos, sós, mal dispostos, a escutar distintamente o chocalhar metálico dos nossos pensamentos.

É muito possível que esta descarga me tenha curado finalmente daquela maldita alma, tornando-me agora igual aos outros todos. Pelo menos mentalmente, consigo agora sem dificuldade imaginar 0-nos degraus do Cubo, imaginá-la sob a Campânula Pneumática de Vidro. E se ela me denunciar no Departamento Operacional, não me importo nada: beijarei grata e devotadamente a mão primitiva do Benfeitor. Na minha relação com o Estado Único tenho o direito de ser castigado e não renunciarei a esse direito. Não há nenhum número que renuncie ou se atreva a renunciar a este seu direito individual e por isso precioso.

Serenamente, com a nitidez do metal, os meus pensamentos chocavam-se entre si; um aero imaterial leva-me até aos cumes azuis das minhas abstrações bem-amadas. E aí, no ar puríssimo e rarefeito, vejo o meu argumento sobre o «direito corrente» estourar como uma câmara pneumática. E vejo claramente que ele mais nosso é do que um arroto do absurdo preconceito dos antigos: a ideia de que tinham direitos.

Há ideias de argila e há ideias moldadas para todo o sempre em ouro ou então no nosso vidro precioso. E para se determinar a substância duma ideia, basta aplicar-lhe uma gota de ácido forte. Um desses ácidos era já do conhecimento dos antigos: reductio ad finem. Era assim que eles lhe chamavam, creio; mas tinham medo desse veneno. E preferiam antes ver uma espécie de céu (ainda que um céu de argila, de brincar) do que um nada azul.

Nós, porém, somos adultos — glória ao Benfeitor! — e não precisamos de brinquedos.

Bom… vamos então aplicar uma gota de ácido à ideia de direito. Mesmo entre os antigos, havia alguns mais maduros que sabiam ser a força a fonte do direito, ser o direito uma função de força. Suponhamos dois pratos duma balança. Num está um grama, noutro está uma tonelada; naquele, Nós; neste, o Estado Único. Não é nítido que a ideia de eu ter alguns direitos em relação ao Estado e a ideia de um grama poder contrabalançar uma

tonelada, não é nítido que essas duas ideias se reduzam à mesma única ideia. Há que distinguir: os direitos para a tonelada, os deveres para o grama e o percurso natural para se passar da nulidade à grandeza é esquecermo-nos de que somos um grama e sentirmos que somos a milionésima parte duma tonelada.

Daqui, do meu silêncio azul, ouço os vossos protestos, ó venusianos de corpo florido e faces rosadas, ó uranianos negros de fuligem. Mas há que entender uma coisa: tudo o que é grande é simples; há que entender que as únicas coisas inabaláveis e eternas são as quatro operações aritméticas. E só a moral alicerçada nestas quatro operações será grande, inabalável, eterna. É esta a última sabedoria. É este o pináculo da pirâmide ao qual os homens, cobertos de suor, cambaleando, esbaforidos, têm subido desde as idades mais remotas. E deste pináculo pode ver-se que, basicamente, tudo o que dentro de nós sobreviveu da selvajaria ancestral se resume a uma chusma de vermes insignificantes; vistos de cima, O-, a mãe ilegal, o assassino, o louco que ousou atacar em verso o Estado Único, são todos iguais. Igual é a sentença a que estão condenados: a morte prematura.

É esta a mesma divina justiça com que o povo das casas de pedra sonhava iluminado pelos róseos e ingênuos raios do alvorecer da história: o Deus deles punia da mesma forma a blasfêmia contra a Santa Igreja e o assassínio.

Severos e negros como os espanhóis da antiguidade que faziam autos-de-fé, os meus caros uranianos calam-se, estão aparentemente de acordo comigo. Mas dos róseos venusianos chegam até mim murmúrios a respeito de torturas, execuções, regresso aos tempos bárbaros. Meus queridos, como eu os lamento! São incapazes de pensar filosófico-matematicamente.

A história humana desenvolve-se em círculos, é como um aerocarro . Estes círculos mudam de cor, são dourados alguns, outros cor de sangue, mas não deixam de medir todos eles 360°. Partindo do zero, contamos 10°, 20°, 200°, 360° e vamos voltar de novo ao zero. Sim, vamos de novo ao zero. Mas, para o meu raciocínio matemático é claro que este zero é novo e diferente. Viemos do zero para a direita, vamos do zero para a esquerda e, portanto, temos, em vez de zero, menos zero.

Perceberam?

Encaro este zero como uma rocha taciturna, enorme, fina e afiada como a lâmina duma faca. No meio da escuridão feroz e peluda, soltamos as amarras e, ofegantes, largamos da negra e noturna Rocha Zero. Quais Colombos, navegamos sem parar; circu-navegamos pelo mundo inteiro e finalmente, terra! Subimos aos mastros, todos nós. Temos diante de nós o outro lado, o lado até ali desconhecido da Rocha Zero, iluminada pela aurora boreal do Estado Único, uma massa composta pelas cores do arco-íris, do sol… De milhares de sóis, de milhões de arco-íris…

Que importa se é a espessura duma lâmina que nos separa do outro lado, do lado negro da Rocha Zero? Uma faca é o mais substancial, o mais imortal dos objetos, a obra mais genial de todas as que o homem criou. A faca serviu de guilhotina, a faca é o modo universal de cortar todos os problemas intrincados e a vereda dos paradoxos fica no gume afiado duma faca, e é o único caminho digno dum espírito sem medo.

Vigésima Primeira Entrada

UM DEVER DO AUTOR
ENGROSSA O GELO
O AMOR MAIS DIFÍCIL

Ontem era o dia dela e mais uma vez ela faltou, e mais uma vez nu; enviou uma carta que nada explicava. Mas eu estou calmo, perfeitamente calmo. E se cumpro tudo o que a carta manda, se vou entrevir o cupom cor-de-rosa à controladora de serviço e, depois de fechar as persianas, me sento sozinho no quarto, não o faço, evidentemente, pela razão de não ter força para contrariar os desejos dela. Uma tal ideia que dá vontade de rir. Não se passa nada disso. É muito simples: primeiro, é porque, isolado pelas persianas de todos os sorrisos terapêuticos como emplastros, consigo escrever em paz estas notas.

Segundo, porque se perder E-, receio perder a chave de todas as quantidades desconhecidas (o incidente do guarda-roupa, a minha morte temporária, etc). E creio ser meu dever descobri-la, pelo menos enquanto autor destas notas; isto para não dizer que o desconhecido é, de um modo geral, inimigo do homem e o homo sapiens só é homem no sentido pleno da palavra quando a sua gramática acabar com os pontos de interrogação, ficando só com os pontos de exclamação, as vírgulas e os pontos finais.

Assim, guiado por aquilo que julgo ser o meu dever de autor, tomei um aerocarro às 16 horas de hoje e mais uma vez mais voei para a Casa da Antiguidade, nos dentes dum vento forte. O aero avançava com dificuldade através da selva aérea cujos ramos translúcidos zuniam, agitados. A cidade, por baixo de nós, parecia toda feita de blocos de gelo azul. De repente, uma nuvem negra cobriu tudo de sombra; o gelo tornou-se numa massa cor de chumbo que começou a engrossar. Acontece na primavera, quando nos quedamos à beira do rio, esperando que o gelo comece a quebrar, a inchar, a mexer-se, a deslizar rapidamente; mas os minutos passam e o gelo continua parado e sentimos que quem está a inchar somos nós, o coração bate ora mais devagar, ora mais depressa… mas por que estou eu a escrever isto, se afinal de contas não há quebra-gelo capaz de quebrar o mais translúcido, o mais sólido cristal da nossa vida…

Não tinha ninguém à porta da Casa da Antiguidade.

Contornei-a e encontrei a velha que servia de guarda postada em frente do Mufi Verde, com a mão em pala sobre os olhos, olhando para cima. Do lado de lá do Muro viam-se os triângulos agudos e negros de alguma ave a voar. Piando, lançavam-se contra o Muro, chocavam com a se fosse impenetrável de ondas elétricas e, uma vez repelidas, fugiam para regressarem logo a seguir.

[Por entre as sombras oblíquas que atravessavam o rosto envelhecido da velha, notei o olhar que me espiava.]

— Não tem ninguém aqui… Ninguém, ninguém! E não é costume do senhor aparecer por estes lados. Não é. j Onde queria ela chegar com este não é meu costume .E o

despropósito de me tratar como se eu fosse a sombra de alguém! Vocês é que são todos sombras minhas. Ou não fui eu que povoei com vocês estas páginas que ainda há pouco eram folhas brancas, quadrangulares e desertas? Se não fosse eu, alguma vez seria visto por aqueles que eu vou guiar através das veredas estreitas das linhas que escrevi?

Como é natural, não lhe disse nada disto a ela; sabia por experiência própria que não há nada mais doloroso do que insinuar num indivíduo a dúvida sobre a sua realidade, a sua realidade tridimensional. Limitei-me a dizer-lhe secamente que o dever dela era abrir a porta e deixar-me entrar para o pátio.

Vazio. Calmo. O vento soprava ao longe (atrás dos muros) como naquele dia em que, ombro contra ombro, os dois num só, emergimos daqueles corredores (se é que tudo isso aconteceu na realidade). Segui sob arcos de pedra e o som dos meus passos, depois de ecoar nas abóbadas, caía e vinha atrás de mim, dando-me a impressão de ter alguém me seguindo. As paredes amarelas, com erupções de tijolos vermelhos, espiavam-me através dos óculos quadrados das janelas, espiavam-me quando eu abria as portas rangentes das arrecadações, quando espreitava nas esquinas, nos becos e nas frestas. Um portão numa cerca e um espaço vazio: um memorial da Guerra dos Duzentos Anos. Erguendo-se do chão, os ossos descarnados de pedra, as queixadas risonhas das paredes, um fogão antigo com a chaminé vertical… Um navio petrificado para sempre no meio das vagas iradas de pedra amarela e tijolo vermelho.

Pareceu-me ter visto dentuças amarelas como estas noutra altura, como que submersas na água, e comecei a pensar quando terá sido. Caía em valas, tropeçava em pedras; patas ferrugentas atiravam-se contra o meu uniforme, da testa para os olhos escorriam-me gotas ácidas e salgadas de suor.

Não estava em parte nenhuma! Não conseguia descobrir a saída pela qual, da outra vez, tínhamos deixado os corredores. Não existe.

Mas talvez fosse melhor assim. Havia grandes probabilidades de tudo sair apenas um dos meus sonhos absurdos.

Fatigado, coberto de pó e teias de aranha, abri a porta que dava para o pátio. De repente, passadas hesitantes atrás de mim, e logo depois, à minha frente, os ouvidos-asas róseos e o sorriso em dupla curva de S-.

— Então, passeando? — perguntou piscando os olhos e espetando em mim as verrumas do olhar, e eu não respondi, sentia uma impressão nas mãos. — Que tal?…Sente-se melhor?

— Sinto, obrigado. Parece que voltei ao normal.

Ao deixar-me, ergueu os olhos. Atirou a cabeça para trás e… assim lhe vi pela primeira vez a maçã de Adão.

Por cima de nós, a pouca altura, cerca de cinquenta metros, roncavam os aerocarros . Reconheci-os pelo voo lento, a baixa altitude e pelos tubos de observação que faziam lembrar trombas negras de proboscídeos.

Reconheci logo que eram dos Guardas. Não eram dois ou três, como de costume, mas onze ou doze (lamento a inexatidão deste número).

— Por que é que hoje são tantos? — atrevi-me a perguntar.

— Porquê? Ah… Um verdadeiro médico deve começar a tratar um paciente que ainda está saudável mas que pode adoecer amanhã, ou daqui a uns dias…. ou daqui a uma semana. É o que se chama profilaxia.

Abanou a cabeça e continuou a andar pela piso do pátio, mas a certa altura voltou-se para trás e disse-me por cima do ombro:

— Tenha cuidado!

Estava só. Calma. Vazio. Sobre o Muro Verde rodopiavam as aves e o vento. Que quereria ele dizer com aquela frase?

O meu aero voava rapidamente no sentido do vento. Nas nuvens desenhavam-se figuras aqui leves ali pesadas; por baixo, as cúpulas azuis e os cubos de gelo de vidro formavam uma massa plúmbea cada vez mais avolumada.

Noite

Abri o manuscrito para introduzir nestas páginas algumas ideias que, julgo eu, serão úteis (aos meus leitores) e respeitantes ao grande Dia da Unanimidade, dia que está próximo. Mas concluí que naquele momento não era capaz. Escutava o vento que batia com as asas brancas contra as paredes de vidro, olhava à minha volta, esperava. Esperava o quê? Não sei. Quando a cara de peixe rósea acastanhada me apareceu no quarto, fiquei muito contente, digo-o com toda a sinceridade. Sentou-se, compôs pudicamente uma prega do uniforme entre os joelhos, lambuzou-me todo de sorrisos — um bocadinho de sorriso para cada um dos meus refegos — e eu Senti-me agradavelmente agasalhado.

—Sabe que hoje, ao entrar na sala de aula (ela trabalhava no Instituto de Educação Infantil), dei com uma caricatura desenhada na parede. Sim, juro que é verdade. Fizeram-me parecida com um peixe qualquer. Se calhar, sou mesmo parecida com um peixe.

—Não diga uma coisa dessas! — protestei de imediato (e é verdade que, vista ao perto, ela não tem qualquer semelhança com um peixe e é francamente despropositado o que atrás escrevi sobre a cara de peixe que ela teria).

— Afinal de contas, vendo bem, não tem importância. O que é grave é o ato em si. Como é evidente, chamei logo os Guardas. Gosto muito de crianças e tenho para mim que a crueldade constitui a mais difícil, a mais grandiosa forma de amor. Percebe?

Percebo perfeitamente! Tudo o que ela dizia estava de acordo com o que eu pensava. Não resisti a ler-lhe um trecho extraído da minha Vigésima Entrada que começa por: «ficámos a escutar distintamente o chocalhar metálico dos nossos pensamentos».

Sem para ela olhar diretamente, vi as suas faces morenas e rosadas crescerem e acercarem-se mais de mim e, logo a seguir, os dedos secos, duros, de certo modo espinhosos, tocarem nas minhas mãos.

— Me dê ele, por favor, me dê! Faço uma gravação que darei às crianças para que o aprendam de cor. Precisamos nós mais dele do que os venusianos… Nós, sim, hoje, amanhã, depois.

Olhou em volta e continuou em voz baixa: — Ouviu? Dizem que no Dia da Unanimidade…

— Sim? O que é que dizem? — perguntei, saltando da cadeira. — Que se passa com o Dia da Unanimidade?

As paredes acolhedoras deixavam de o ser. Vi-me de repente exposto, no meio da rua, onde o vento desabrido flagelava os telhados e as nuvens negras e oblíquas eram cada vez mais baixas e ameaçadoras. U-agarrou-me firmemente pelos ombros (e, ao mesmo tempo que racionalizava a minha agitação, percebi que os seus dedos finos tremiam).

— Sente-se, querido. Não se enerve. Que interessa o que se diz? Além do mais, se precisar de mim, estarei ao seu lado nesse dia. Largarei a escola, entregarei as crianças a outra pessoa e estarei ao seu lado, porque, para mim, você é uma criança que necessita de…

— Não, não! — protestei. — De maneira nenhuma!

Acabaria por me convencer de que sou uma criança, coisa que não sou… Não, de maneira nenhuma! (Confesso aqui que eram outros os meus planos para aquele dia.) Sorriu. Bem decifrado, o texto daquele sorriso significava, aproximadamente: «Mas que rapaz tão cabeçudo!»

Sentou-se. Cabisbaixa. As mãos ajustavam com modéstia a prega do unif que tinha decaído o ficado entre os joelhos. E continuava a falar: «Creio que é necessário tomar uma decisão… Para seu bem… Peço-lhe que não me obrigue a tomar uma decisão precipitada… Tenho que pensar melhor…

Não lhe dei pressa. Apesar de compreender que devia sentir-me feliz e que era uma grande honra ser a coroa de glória de alguém que chegava ao entardecer da vida.

… Toda a noite foi povoada por asas de toda a espécie, passei a noite a proteger-me daquelas asas, cobrindo a cabeça com os braços o com as mãos. Vi também uma cadeira. Não das modernas, mas de madeira, à moda antiga. A passo de cavalo (pata da frente direita e pata traseira esquerda, pata da frente esquerda e pata traseira direita) a cadeira vinha direita à minha cama e subia para cima dela; uma coisa incomoda, dolorosa… E amei aquela cadeira de madeira.

É muito estranho não ser possível encontrar maneira de curar esta doença dos sonhos ou de os tornar racionais…

Ou mesmo úteis, porque não?

Vigésima Segunda Entrada

ONDAS PARALISADAS
TUDO AINDA A ATINGIR A PERFEIÇÃO
SOU UM MICRÓBIO

Imaginem-se à beira-mar. As ondas levantam-se ritmicamente e, de súbito, quando atingem a altura máxima, congelam, ficam paralisadas. Foi um fenômeno tão arrepiante e sobrenatural como esse o que presenciamos quando o nosso passeio, estatuído pelas Tábuas dos Mandamentos Horários, descambou inesperadamente numa tal confusão que foi logo interrompido. Relatam as nossas crônicas que aconteceu o mesmo há 119 anos, quando caiu um meteorito no meio dos passeantes, com grande estrondo e muita fumaça.

Andávamos nós a passear segundo o modo costumado —ou seja, como os guerreiros que marcham, pintados nos monumentos assírios: mil cabeças, duas pernas perfeitamente sincronizadas, dois braços balançando em sincronia. Do fundo da longa avenida — onde zumbe suavemente a Torre Acumuladora — veio direita a nós uma formação em quadrado: guardas à cabeça, dos lados e na retaguarda, e no centro um grupo de três números cujos uniformes não ostentavam já as placas douradas com os algarismos. Tudo era horripilantemente claro.

O relógio enorme que encimava a Torre era uma cara que esperava, na maior das indiferenças, coroada de nuvens e escarrando segundos. Às 13.06 em ponto, no interior da formação, gerou-se algum tumulto. Tudo aconteceu muito perto de mim; era fácil ver tudo em pormenor e recordo nitidamente um homem de pescoço esguio, que tinha numa das têmporas uma rede intrincada de pequenas veias azuladas, quais rios num mapa dum pequeno mundo desconhecido… E este pequeno mundo era, aparentemente, jovem. Tinha, pelo visto, reparado em alguém que caminhava nas nossas fileiras: pôs-se então nos bicos de pés, esticou o pescoço e parou. Um dos guardas atingiu-o com a centelha azul do seu chicote elétrico; o transgressor soltou um grito lancinante, como dum cachorrinho a ladrar; sucederam-se novas chicotadas de três em três segundos, seguidas de novos gritos; uma chicotada seca, um grito.

Nós continuávamos a andar ritmicamente, à assíria, como antes e, perante o espetáculo das centelhas em ziguezague, pensei: « Tudo na sociedade humana está a atingir uma perfeição infinita… E é seu dever atingi-la.

Que horroroso instrumento era o antigo chicote e: quanta beleza a deste!…»

Mas neste momento, como uma porca de parafuso solto duma ro-; da lançada a grande velocidade, saiu das nossas fileiras uma figura’ elegante e flexível de mulher, gritando: «Basta! Não se atrevam!» e avançando para a formatura quadrangular. O que se passou só em paralelo com a queda do meteoro há 119 anos: ficámos todos paralisados e as nossas fileiras transformaram-se em soturnas cristas dei ondas que um frio súbito congelasse.

Olhei durante uns momentos para ela, tal como fizeram todos os outros. Ela já não era um

número; era somente uma criatura humana, existia apenas enquanto substância metafísica do insulto que acabava de ser cometido contra o Estado Único. Mas um simples movimento (que ela fez rodando as pernas para a esquerda) fez-me ver que conhecia aquele corpo dúctil como um chicote; os meus olhos, os meus lábios, as minhas mãos conheciam-na, tinha disso a firme certeza.

Adiantaram-se dois guardas, procurando cortar lhe o passo. As trajetórias deles e dela iam cruzar-se na calçada vítrea, clara, espelhada. O meu coração engoliu em seco, estacou e, sem pensar se tal ato era permitido ou proibido, absurdo ou ajuizado, avancei para o local. Senti em cima de mim dezenas de olhos, esbugalhados de medo, mas isso deu uma força ainda mais desesperada ao ser bárbaro de mãos peludas que de mim se libertou e deu em correr cada vez mais rápido. Tinha eu dado um ou dois passos em frente quando ela se voltou…

À minha frente estava um rosto tremulo, semeado de sardas, com umas sobrancelhas ruivas… Não era… não, não era a E-!

A alegria desesperada abandonou-me. A vontade que me deu foi gritar: «Detenham-na!» ou «Apanhem-na!» mas o que chegou aos meus ouvidos foi o murmúrio dos meus lábios. Entretanto, senti no ombro uma mão pesada. Fui levado, detido, ao mesmo tempo que procurava explicar-lhes: «Ouçam, compreendam, eu julgava que era…»

Mas como podia eu explicar-me, como explicar-lhes a minha doença, tal como o fiz nestas páginas? Além do mais, estava extenuado, segui-os obedientemente. Uma folha da árvore, devido a um vendaval inesperado, vai caindo docilmente e, ao cair, rodopia, prende-se às ramarias familiares, aos galhos, aos nós dos troncos; de igual modo, eu agarrava-me a cada uma daquelas cabeças esféricas sem fala, ao gelo transparente das paredes, à agulha azul da Torre Acumuladora que penetrava nas nuvens.

Neste momento, quando uma pesada cortina estava prestes a cair entre mim e todo aquele mundo resplandecente, vi não muito longe uma cara conhecida e enorme com asas-orelhas cor-de-rosa, flutuando sobre o espelho do pavimento e ouvi-lhe a voz conhecida e grave: —Julgo ser meu dever testemunhar que este número D-503 não está em condições de controlar a emoção. Tenho a certeza de que foi arrastado por uma indignação natural…

— Sim, sim! — confirmei, agarrando-me a esta tábua de salvação. — Até lhes gritei que a detivessem!

— Não gritou coisa nenhuma — disse alguém atrás de mim.

— Não, mas tive a intenção, juro pelo Benfeitor que tive!

Por momentos, as verrumas cinzentas, frias e pequenas dos olhos de S-penetraram em mim. Não sei se via dentro de mim a verdade (ou quase) do que eu afirmava ou se tinha alguma razão secreta para me poupar por mais algum tempo. Certo é que escreveu um bilhete breve que entregou a um dos guardas que me seguravam e logo trataram de me restituir à liberdade, isto é, às cerradas e infindas fileiras assírias.

A formação quadrangular, com a cara sardenta e as têmporas semelhantes a um mapa geográfico de pequenas veias, desapareceu na esquina, para sempre.

Nós seguimos em frente, como um só corpo com milhões de cabeças e dentro de cada um

de nós reinava a suave alegria que constitui, provavelmente, a vida das moléculas, dos átomos, dos fagócitos. No mundo antigo, os cristãos (nossos únicos predecessores) compreendiam bem o que isso era: a modéstia é uma virtude, o orgulho é um vício; compreendiam também que Nós viemos de Deus, ao passo que o Eu vem do Diabo.

Lá ia eu, pois, caminhando a passo como todos, mas, apesar de tudo, isolado deles. Tremia ainda no seguimento das perturbações recentes, tal como treme a ponte sobre a qual passou um comboio daqueles de antigamente. Tinha consciência de mim mesmo. Ora o conhecimento de si, o reconhecimento da própria individualidade só o têm o olho onde acaba de cair um grão de pó, o dedo esfolado, o dente com dores. Quando sãos, o olho, o dedo, o dente não têm existência alguma.

Não prova isto claramente que a consciência de si é de fato uma doença?

É possível que eu não seja um fagócito que, calma e cuidadosamente, devora micróbios (de caras sardentas e têmporas atravessadas por veias azuis); é possível que eu seja um micróbio e, repito, é possível que no meio de nós haja agora milhares de micróbios que se imaginam fagócitos, como eu pretendo sê-lo.

E se tudo o que se passou (e, propriamente falando, pouca importância tem), se tudo isto for apenas o princípio, apenas o primeiro meteorito de toda uma série de pedras em fogo, uivantes, que o Infinito vai lançar sobre o nosso paraíso de vidro?

Vigésima Terceira Entrada

SUPERIORES

DISSOLUÇÃO DUM CRISTAL

«SE AO MENOS… »

Há (diz-se) flores que florescem uma única vez em cem anos. Por que não haveria também flores que florescessem apenas uma única vez em mil anos… ou uma única vez em dez mil anos? É possível desconhecermos o fato por essa única-vez-em-mil anos nos calhar hoje, precisamente.

Ora, ia eu, feliz e contente, a descer a escada, ao encontro do controlador de serviço e tudo à minha volta, diante dos meus olhos, oram botões a desabrochar rápida e silenciosamente; as cadeiras de braços, os sapatos, as placas douradas, as pequenas lâmpadas elétricas, os olhos pretos e penugentos de alguém, os facetados balaústres da escadaria, um lenço caído nos degraus, a pequena mesa da funcionária e, atrás dela, as faces cor de pastel às pintas de U-, tudo isso tinha um ar benfazejo.

Tudo era extraordinário, novo, terno, róseo, úmido.

U-pegou no meu cupom cor-de-rosa e, através do vidro da parede, via-se, pairando sobre a sua cabeça, suspenso de um ramo invisível, uma lua azulada e olorosa. Apontei solenemente para ela e disse: — A lua… compreende?

U-olhou para mim, depois para o cupom e pude ver o movimento familiar, encantadoramente casto, com que ajeitou o uniforme entre os joelhos esguios.

— Está com um ar estranho, doente, querido… Até porque estranho e doente são uma e a mesma coisa. Anda a arruinar-se a si próprio e não há ninguém, ninguém, que lhe diga!

Aquele ninguém era, evidentemente, uma alusão ao número do cupom: E-330. Que maravilhosa, que querida, aquela U-! Estás cheia de razão: eu não sou nada prudente, ando mal disposto, ando aflito por causa da alma, sou um micróbio. Mas o florescimento não é uma indisposição, vendo bem? O desabrochar do botão não traz mal-estar? E não achas que o espermatozoide é o mais horrendo dos micróbios’

Subi para o meu quarto. E-estava sentada no cálix aberto da cadeira, ao pé da cama. Eu abraçava-lhe as pernas, reclinava a cabeça nos seus joelhos. Estávamos calados.

Calma; o galope das pulsações. E eis que me tornei num cristal e me dissolvi nela, em E-. Senti com perfeita clareza as arestas polidas que me definiam no espaço fundirem-se, dissolverem-se completamente. Desvanecia-me, dissolvia-me nos joelhos dela, nela; ia-me tornando pequeno, cada vez mais pequeno… E ao mesmo tempo crescia, expandia-me mais e mais, tornava-me incomensurável. Ela tinha deixado de ser ela para ser todo o universo. Por momentos, eu e aquela cadeira extaticamente trespassada éramos uma só coisa. E a velha que se desfazia em sorrisos na Casa da Antiguidade, e as florestas selvagens e impenetráveis do lado de lá do Muro Verde, e certas ruínas de prata sobre

fundo negro, sonolentas como a velha, e a porta que se fechava lá muito ao longe — tudo isso estava dentro de mim, tudo estava unido a mim, escutando as pulsações e levantando voo naquele segundo de felicidade…

Com palavras absurdas, confusas, submersas, tentei dizer-lhe que era cristal e que por isso havia uma porta dentro de mim e que por isso sentia quão feliz era a cadeira. Mas resultava tudo num discurso tão sem sentido que, envergonhado, me calei, para, de repente, lhe dizer depois:

— Querida E-, me perdoa-. Não consigo entender…digo tantos disparates…

— Mas porque hás de tu pensar que o disparate não é uma coisa boa? Se, ao longo dos séculos, tivéssemos cuidado e alimentado a tolice, tal como cultivámos a inteligência, é possível que o resultado fosse algo de muito precioso.

— Sim…

Achei que era verdade; mas também naquele momento, poderia ela dizer alguma coisa que o não fosse?

— Pelas tuas tolices… por aquilo que fizeste ontem durante o passeio… por isso eu te amo cada vez mais…

— Mas então porque me torturas; porque não vieste; porque me devolveste os cupons cor-de-rosa; porque me obrigaste a…?

—E se eu tivesse necessidade de te pôr à prova? E se eu tivesse necessidade de saber que tu fazes tudo quanto eu te mando… que és completamente meu?

— Sim, sou teu… Todo teu.

Segurou-me a cabeça com as duas mãos e ergueu-a: — E as tuas «obrigações de número honesto»? Diz lá.

Dentes doces, afiados, brancos; um sorriso. No cálix aberto da cadeira tinha o ar duma abelha… Não lhe faltava o ferrão… Nem o mel.

As obrigações, sim. Mentalmente, rememorei as páginas das últimas entradas; vendo bem, não havia nelas ideia alguma sobre a obrigação de…

Calei-me. Arrebatado (provavelmente, atoleimado), sorria, fitava as pupilas dela, ora uma, ora a outra, vendo-me nelas refletido. Eu, minúsculo, milimétrico, aprisionado naqueles torreões minúsculos, iridicentes. E, ao mesmo tempo, aqueles lábios de abelha, a deleitosa dor da florescência.

Em cada um de nós, números, há um metrônomo que mal se vê e mal se ouve; sem termos que olhar para qualquer relógio, sabemos as horas, mais minuto, menos minuto. Mas o meu metrônomo nessa altura estava avariado e eu não sabia há quanto tempo ela se encontrava ali comigo e, assustado, tirei de debaixo do travesseiro a minha placa com relógio. Louvado seja o Benfeitor: tinham decorrido apenas vinte minutos! Mas aqueles minutos tinham sido tão escassos que davam vontade de rir; eram curtos, fugiam, e eu tinha ainda tanta coisa para contar. Tinha que lhe contar tudo, tinha de me entregar todo no que ia contar-lhe; dar-lhe conhecimento da carta de 0-e daquela horrível noite em que lhe fiz um filho; e, não sei bem porquê, ia ter de lhe contar a minha vida desde a mais tenra

idade: falar do matemático Plyappa, da Unanimidade, de quando desatei a chorar amargamente nesse dia de festa, e outra vez por causa do —1 e por me ter caído no uniforme uma nódoa de tinta.

E-levantou a cabeça, reclinando-a no cotovelo. Os dois traços finos que tinha aos cantos dos lábios e os ângulos negros das sobrancelhas formavam uma cruz.

— Talvez naquele dia… — começou, mas deteve-se logo, carregando ainda mais o sobrolho, apertando-me a mão, posto o que prosseguiu: — Responde-me: não vais esquecer-te de mim? Vais recordar-te sempre de mim?

— Porque me dizes isso? Aonde queres chegar, querida E-?

Não respondeu, mas os olhos dela, fitando-me, trespassaram-me, remotos. De súbito, ouvi o vento bater as asas enormes contra o vidro (é claro que ele rugia há já muito tempo, mas eu só então o ouvi) e, não sei bem porquê, recordei os pios agudos das aves sobre o Muro Verde.

E-abanou a cabeça, como a libertar-se de ideias sombrias. Mais uma vez, por instantes, o corpo dela entrou em contato com o meu… assim como quando um aerocarro toma contato momentâneo com o solo antes de aterrar.

— Bom, me passa aí as meias, depressa.

As meias dela estavam em cima da minha mesa, sobre este manuscrito, aberto na p. 193. Precipitando-me, bati no manuscrito, as páginas espalharam-se por todo o lado e não me sinto capaz de as pôr de novo por ordem e, ainda que conseguisse, não seria a verdadeira ordem…Deveria haver certas lacunas, alguns hiatos, alguns X.

— Não suporto que as coisas continuem assim — avisei — Estás aqui ao meu lado, mas tenho a impressão de que estás atrás de uma daquelas paredes opacas da antiguidade; ouço ruídos e vozes do outro lado desse muro e não percebo nada do que se diz, não sei o que está a acontecer. Não suporto isso. Dizes tudo por meias palavras; nunca me disseste onde é que eu estive, na Casa da Antiguidade, nem qual era a função daqueles corredores, nem como aquele médico foi parar lá… Ou será que nada disso aconteceu?

E-pousou as mãos nos meus ombros; lentamente, fitou-me nos olhos: — Queres saber tudo?

— Quero, sim. Preciso, saber.

— E você não terá receio de me seguir para onde quer que eu vá, até ao fim, para onde quer que eu te leve?

— Irei para qualquer lado!

— Perfeito. Está prometido: assim que terminar a festa da Unanimidade, se… ah, sim, e o INTEGRAL? Nunca me lembro de te perguntar… ele está quase pronto?

— Não. Continua falando: o quê tem isso? Queres verte livre de mim outra vez? Ou o quê?

Já perto da porta, disse:

— Verás por ti próprio.

Fiquei só. Ela não deixou atrás de si coisa alguma a não ser uma fragrância quase imperceptível, assim como o pólen seco e doce de certas flores que crescem do outro lado do Muro Verde. Isso e determinadas interrogações prendiam-se a mim obstinadamente, como aqueles ganchos de que os antigos se serviam para pescarem peixes (há alguns expostos no Museu Pré-histórico).

…Porque me terá ela feito aquela pergunta sobre o INTEGRAL?

Vigésima Quarta Entrada

LIMITES DUMA FUNÇÃO

PÁSCOA

DESTRUÍ TUDO

Sou uma espécie de máquina forçada a rodar excessivamente: os eixos estão ao rubro; mais um minuto e o metal quente começará a derreter, ficará tudo desconjuntado. Depressa: que é da água da lógica?

Despejo alguns baldes da água da lógica sobre a máquina, mas ela, assobiando ao contato com o metal, sobe no ar em forma de vapor fugidio e branco.

Pois é: para se atingir o verdadeiro significado da função, é preciso ter em consideração quais os seus limites. E é evidente que a absurda «dissolução no universo» ontem referida, será a morte, se for levada até ao limite. Até porque a morte é precisamente a nossa dissolução total no universo. Ergui, se Amor for A e a Morte for M, teremos: A = f(M), ou seja, amor e morte…

Sim, é isso mesmo! E é por isso que eu tenho medo de E-, é por isso que luto contra ela, é porque não quero morrer. Mas porque é que, simultaneamente, quero e não quero? Aí é que está o horror, em sentir que quero aquela bendita morte por que passei ontem; o horror está precisamente, agora mesmo, no fato de, apesar de ter recuperado a função lógica e ser evidente que a morte é uma componente oculta de tudo isto, eu não deixar de desejar E-; os meus lábios, os meus braços desejam-na, deseja-a o meu peito, cada milímetro de mim…

Amanhã é o Dia da Unanimidade; ela vai aparecer por lá, evidentemente; vou vê-la, mas só de longe. De longe: vai doer, porque eu tenho que estar ao lado dela, porque sou irresistivelmente atraído por ela, para que as mãos, o ombro, o cabelo dela… Mas desejo também esta dor da distância. Que ela venha!

Que absurdo este, ó Grande Benfeitor! Desejar sofrer!

Quem não vê que as sensações dolorosas são quantidades negativas que, somadas, diminuem aquilo a que chamamos felicidade? E, consequentemente…

Mas deixemo-nos de consequentementes. Tudo é simples. Tudo é puro.

Noite

Um pôr-do-sol febril, ventoso, inquieto, visto através das paredes de vidro do prédio. Fiz girar a cadeira para não encarar de frente com o poente róseo e comecei a folhear este manuscrito, tendo então reparado num esquecimento: esqueço-me de que não estou a escrever para mim mas para os meus leitores desconhecidos, a quem muito quero e de quem tenho pena, que labutam, lá longe, nas idades remotas e submersas.

Falemos, pois, do grande Dia, do Dia da Unanimidade.

Sempre gostei dele, desde criança. Tenho a impressão de que ele é para nós uma festa parecida com a Páscoa que os antigos celebravam. Lembra- -me que, na véspera desse Dia, se estabelecia todo um calendário, hora a hora, e que, com exaltação, riscávamos depois cada hora que se cumpria: menos uma hora para tudo se consumar.

Juro: se tivesse a certeza de não ser visto por ninguém, fazia hoje mesmo um calendário desses, para ir riscando as horas que faltam para amanhã, porque amanhã vou vê-la, embora à distância…

(Uma interrupção: Vieram trazer-me um novo uniforme, vindo da fábrica, novo em folha. É costume distribuir por todos nós uniformes novos com vista ao dia de amanhã.

Passos no vestíbulo, exclamações de prazer, um ypy-ypy-urra.) Prossigo. Vou amanhã ver o espetáculo repetido ano após ano, mas que nos parece sempre novo: a imensa taça da harmonia, os braços erguidos reverentemente. Amanhã é o dia da eleição anual do Benfeitor. Amanhã confiaremos uma vez mais ao Benfeitor as chaves da inexpugnável cidadela da nossa felicidade.

Claro está que não há nisto a mínima semelhança com as eleições desordenadas que os antigos organizavam e (como é divertido dize-lo!) cujo resultado não era previamente conhecido. Edificar um Estado sobre acasos incalculáveis, às cegas: haverá coisa mais insensata? E todavia passaram séculos antes de se compreender um fato tão simples.

Será necessário dizer que numa ocasião destas, como em todas as outras, nada é deixado ao acaso, nada acontece que não seja previsto ou programado. As eleições têm um significado que é acima de tudo simbólico: recordam-nos que somos um organismo poderoso, com milhões de células, que somos (falando a linguagem do Evangelho dos antigos) a Única Igreja. Além do mais, a história do Estado Único não registra um único exemplo de vozes que tenham ousado violar a majestade do coro uníssono deste Dia solene.

Diz-se que os antigos faziam as eleições deles de maneira secreta, escondendo-se como salteadores, e alguns dos nossos historiadores dizem até que os antigos iam votar cuidadosamente mascarados (imagino um espetáculo fantasticamente soturno; noite; uma praça; figuras negras encapotadas cosidas com as paredes; tochas acesas, com chamas negras e rubras bailando ao vento). Não foi até hoje claramente definida a necessidade que eles tinham de tanto mistério; o mais provável será estarem estas eleições relacionadas com certos rituais místicos, supersticiosos, possivelmente criminosos. Pela nossa parte nada temos a esconder, não temos de que nos envergonhar; celebramos as nossas eleições abertamente, honestamente, à luz do dia; eu vejo como todos votam no Benfeitor e todos veem como eu voto no Benfeitor… Como poderia não ser assim, quando todos e eu somos um só Nós. Quanto mais nobre, sincero e sublime é isto do que aquele mistério covarde e suspeito dos antigos? E quanto mais expedita não é a nossa maneira de proceder! Ainda que acontecesse o impossível (como sejam certas dissonâncias na nossa monotonia habitual), lá estão os guardas, invisíveis, no meio de nós, e eles sabem determinar imediatamente quais os números que caem no erro, saberiam evitar-lhes maus passos, salvando assim o Estado Único. E, finalmente, há uma outra coisa…

Através da parede, à esquerda, vejo um número fêmea a desabotoar precipitadamente o uniforme. De relance, vejo-lhe os olhos, os lábios, dois botões de rosa eretos.

Fecha-se depois a persiana; todos os acontecimentos de ontem vêm bruscamente ao meu encontro e não sei qual é aquela outra coisa a que me queria referir e não quero escrever sobre ela… Não quero! Só quero uma coisa, uma única: E-. Quero que ela, sempre, a todo o instante, esteja comigo e só comigo. E aquilo que atrás escrevi sobre a Unanimidade, tudo é desnecessário, não está nada certo; sinto que quero desfazer tudo, fazer tudo em pedaços, esmagar tudo. Até porque sei (é blasfêmia mas é verdade) que essa festa só será festa se for com ela, se ela estiver ao meu lado, ombro a ombro comigo. Sem ela, o sol de amanhã será um disco de lata e o céu será uma folha de lata pintalgada de azul, e eu próprio…

Pego no auscultador do telefone: — És tu, E-?

— Sou eu, sim. Porque é que me telefonou a estas horas?

— Talvez não seja tarde. Queria só pedir-te… Quero que passes comigo o dia de amanhã. Querida…

Disse querida baixinho. E, não sei porquê, veio-me então à memória uma coisa que esta manhã se passou no estaleiro de construção do INTEGRAL. Alguém, para se divertir, tinha colocado um relógio sob um martelo de cem toneladas…. Um movimento do martelo, um vento no rosto e, suavemente, o contato de cem toneladas com o relógio frágil.

Pausa. Tive a impressão de ouvir alguém murmurar lá no quarto de E-. E ouvi então a voz dela: — Não, não posso fazer isso. Compreendes certamente que eu própria… Não, não posso? Você verá amanhã.

É noite.

Vigésima Quinta Entrada

DESCIDA DO CÉU
A MAIOR CATÁSTROFE DA HISTÓRIA
CHEGOU AO FIM O CONHECIDO

Quando, na abertura das celebrações, todos se puseram de pé, quando centenas de tubos da Oficina Musical e milhões de vozes humanas estenderam o Hino sobre as nossas cabeças, como um dossel ondulante e imponente, esqueci durante alguns segundos tudo o mais; esqueci o que E-tinha me dito sobre o dia de hoje; esqueci até, creio, a própria E-. Naquele momento, fui de novo o miúdo que noutros tempos chorava por ter uma mancha no uniforme, uma mancha tão insignificante que só ele a via. Muito embora ali à minha volta ninguém visse as manchas negras e indeléveis que agora me cobriam, ou sabia perfeitamente que para mim, criminoso que era, não havia já lugar entre aqueles semblantes francos e abertos. Ah, se eu pudesse erguer-me e, com a voz embargada, libertar o peito, confessando, aos gritos, tudo o que tenho aqui dentro! Que tudo acabe depressa…

Mas, por momentos, gostaria de me sentir puro, com o espírito sem nuvens, como este céu limpo e azul.

Todos os olhos se levantaram para o ponto em que, no azul puro e imaculado da manhã, úmido ainda das lágrimas da noite, aparecia a sombra quase imperceptível, ora negra, ora iluminada pelos raios do sol.

Era Ele, o novo Jeová, no Seu aerocarro, quase tão sábio e tão cruelmente bondoso como o Jeová dos antigos, era Ele que do céu descia até nós. Aproximava-se cada vez mais e milhões de corações erguiam-se ao encontro dele.

Todos estávamos diante dos Seus olhos e, mentalmente, eu contemplava tudo quanto os olhos dele viam lá do alto: os círculos concêntricos (marcados por uma linha azul descontínua) das tribunas, semelhantes aos círculos duma teia de aranha semeada de sóis microscópicos (isto é, o sol refletido nas nossas placas de identificação). E no centro da teia uma Aranha branca e sábia prestes a aterrar: o Benfeitor vestido todo de branco, Aquele que sabiamente nos envolveu a todos, nos atou de pés e mãos, no casulo, nas malhas benéficas da felicidade.

Mas terminou a magnificente descida dos céus; o clangor do Hino calou-se, e todos se sentaram. E de repente percebi tudo: a teia de aranha era de uma fragilidade extrema, toda ela estremecia e esticava, não tardaria a acontecer o imprevisível…

Só erguendo-me um pouco, olhei em volta e o meu olhar encontrou olhares amavelmente inquietos, passando de rosto em rosto. Aí, um número levantou a mão e, movendo imperceptivelmente os dedos, assinalou qualquer coisa a outro que, em resposta, fez com os dedos outro sinal. E juntou-se- lhes um terceiro…

Compreendi o que se passava: eram todos guardas.

Compreendi também que estavam alarmados com qualquer coisa: a teia de aranha estava tensa, vibrava. E, dentro de mim, como num rádio regulado para o mesmo comprimento de onda, houve uma vibração.

Num estrado, um poeta recitava uma ode pré-eleitoral, mas eu não ouvia uma única palavra, ouvia apenas o balançar do pêndulo hexamétrico e pensava que, a cada uma das suas oscilações, se aproximava mais e mais a hora aprazada. Percorri febrilmente todos os semblantes das nossas fileiras, como se cada rosto fosse uma folha escrita, mas não conseguia encontrar a única, aquela que procurava, e era absolutamente necessário encontrá-la o mais depressa possível, porque o pêndulo ia soar muito em breve e então…

Era ele… tinha que ser ele. Lá em baixo, atrás do estrado, deslizando pelo vidro reluzente, passaram as róseas orelhas; o corpo fugaz tinha a forma duma dupla curva negra como a letra S. Procurava lugar numa das passagens labirínticas entre as tribunas.

Entre S-e E-havia um vínculo qualquer; tenho a certeza de que há um vínculo, só não sei de que natureza é, mas há- de chegar o momento de o descobrir. Não tirei os olhos dele: ele era uma bola em movimento e levava atrás de si o fio… Parou ali…

Senti-me trespassado, embrulhado em mim próprio, atingido por uma descarga de alta voltagem. Na nossa fila, a uns quarenta graus de mim, S-parou e fez uma vénia. Vi E-e, logo ao lado dela, R-13, com os beiços repelentemente negroides, sorrindo.

A minha primeira ideia foi correr para ela e gritar-lhe: «Porque é que estás hoje com ele? Porque não me quiseste a mim?» Mas eu estava amarrado de pés e mãos dentro duma benéfica teia de aranha e não me pude mexer; cerrando os dentes, fiquei sentado, como se fosse de ferro, sem tirar os olhos do grupo. Recordo, como se fosse agora, a dor física, pungente, que então senti no coração. Lembro-me de ter pensado de mim para mim: «Se uma dor física pode ter causas não-físicas, é evidente que…»

Infelizmente, não tive tempo para tirar a conclusão. Só me recordo de que me passou pela cabeça a ideia de alma e um dito dos antigos, a alma a cair aos pés de alguém. Contive a respiração.

Tinham-se calado os hexâmetros. la começar outra coisa… O quê?

Havia um intervalo de cinco minutos antes da eleição, era um costume estabelecido. O período pré-eleitoral de silêncio era um costume estabelecido. Mas o silêncio não era respeitoso, piedoso, como das outras vezes; era como no tempo dos antigos, nos dias em que se desconheciam as Torres Acumuladoras, em que o céu, ainda indomado, era frequentemente abalado pela borrasca. Naquele momento, reinou a calma que antecede a tempestade, tão conhecida dos antigos.

A atmosfera era de ferro transparente em fusão. Dava vontade de respirar com a boca toda aberta. O ouvido, tão tenso que doía, registrava um sussurro inquietante, como o de um rato a roer. Sem levantar os olhos, continuei a observar os dois, E-e R-, um junto do outro, ombro contra ombro, enquanto um par de mãos peludas, mãos que me eram alheias, que eu abominava, tremiam em cima dos meus joelhos…

Todos os números seguravam na mão as placas-relógios.

Um. Dois. Três… Cinco minutos se passaram. No estrado fez-se ouvir uma voz arrastada e metálica: — Quem for a favor… queira levantar a mão.

Desejei olhá-Lo nos olhos como noutros tempos e dizer-Lhe firme e devotadamente: «Aqui estou. Sou todo teu. Aceita -me!» Mas não me atrevi. Foi com esforço, como se tivesse todas as articulações atrofiadas, que levantei a mão.

Milhões de mãos se levantaram. Ouviu-se um «Ah» abafado e senti que tinha começado qualquer coisa, que alguma coisa se tinha virado do avesso, mas não entendi o que fosse, e faltava-me energia, faltava-me coragem para olhar…

— Quem é contra?

Este era sempre o momento mais importante da celebração: todos permaneciam sentados, imóveis, felizes, cabisbaixos sob o beneficente jugo do Número dos Números. Mas naquele instante, horrorizado, ouvi um rumor, um rumor débil, como um suspiro, mas mais ruidoso do que as trombetas de cobre do Hino. É assim, quase inaudível, o suspiro derradeiro do homem, quando os rostos dos que o rodeiam empalidecem e as frontes se lhes cobrem de suor frio.

Ergui os olhos… e…

Foi tudo num centésimo de segundo, com a espessura dum fio de cabelo. E vi: milhares de mãos no ar, como asas, levantadas, contra. Que se baixaram. Vi: o rosto pálido de E-, marcado por uma cruz, e a mão dela levantada. Tudo à minha frente ficou às escuras.

Outra espessura de cabelo; uma pausa; tudo calmo; o pulso a latejar. E então… em todas as tribunas, como se um estranho maestro tivesse dado o sinal, barulho, gritos, num turbilhão de uniformes em fuga, guardas a correr de um para outro lado, tacões de sapatos não sei de quem voando mesmo diante dos meus olhos… e juntamente com os tacões a boca escancarada de alguém soltando um grito inaudível.’ E, não sei porquê, gravadas profundamente na minha memória, milhares de bocas abertas em gritos inaudíveis, uma espécie de filme mudo projetado numa tela enorme.

E, tal como num tela, mais perto de mim, por momentos, um plano dos lábios sem cor de 0-. Estava cosida contra a parede, numa das passagens, protegendo o ventre com as mãos cruzadas. E dessa o -1 pereceu logo a seguir…sumiu-se… ou então fui eu que me esqueci dele, porque…

Não era já numa tela, era dentro de mim próprio, no meu coração apertado, dentro das minhas têmporas, que começava a latejar. De repente, R-13 saltou para uma bancada, acima da minha cabeça, à esquerda, afogueado, congestionado, com os lábios úmidos. Levava nos braços E-, pálida, com o uniforme rasgado entre o ombro e o seio e com a roupa interior manchada de sangue.

Agarrava-se toda a ele que, dando grandes saltos de banco para banco, repugnante e ágil como um gorila, a levava para o ponto mais alto das bancadas.

Tal como acontecia nos incêndios dos tempos antigos, tudo á minha frente se tornou vermelho, vermelho-escuro, e assaltou-me uma única ideia: correr atrás deles, segui-los. Não consigo nem mesmo agora explicar a mim próprio onde foi buscar energia, mas é um fato que rompi pelo meio da multidão como um aríete, pulei de bancada em bancada, pus

o pé nos ombros de não sei de quem…consegui assim chegar junto deles e agarrar R-pelo colarinho:

— Não te atrevas! Não te atrevas! Já te disse! Saia…

Felizmente, não se ouvia a minha voz, estavam todos ocupados com os seus gritos, corria cada um por onde podia.

— Quem é? Que se passa? O que é que… — disse R-, voltando- -se para trás, com os lábios úmidos, trémulos, provavelmente convencido de que tinha sido agarrado pelos guardas.

— O quê? Já disse o que é… Não permito… Não quero nada disto! Trata de largar ela já!

Ele limitou-se a fazer um barulho com os beiços, meneou a cabeça e seguiu em frente. Nessa altura (sinto vergonha em escrevê-lo, mas creio que tenho obrigação, obrigação absoluta, de o escrever, para que os meus desconhecidos leitores estudem a minha enfermidade até ao fim), nessa altura recuei e dei-lhe um murro na testa. Perceberam?

Dei-lhe um murro. Lembro-me perfeitamente. E recordo-me igualmente de uma sensação de libertação, de bem-estar, em todo o meu corpo, em consequência desse murro.

E-libertou-se então lepidamente nos braços dele.

— Vai-te embora! — disse ela a R-. — Já viste que ele…Vai embora, R-, saia!

R-, mostrando uma dentadura branca como a de um negro, cuspiu algumas palavras na minha cara, virou costas e desapareceu. Eu tomei E-nos braços, estreitei-a contra o peito e levei-a dali.

O meu coração batia com força. A cada pancada, eu sentia subir em mim qualquer coisa como… uma vaga desenfreada, quente, radiosa. Que se me dava a mim que tudo lá em baixo se desfizesse em mil pedaços?… Não me importava nada! O que me importava era levá-la dali, levá-la comigo, nunca a largar…

Na mesma noite (22 h)

Mal consigo segurar a caneta… Tão fatigado me sinto dos acontecimentos vertiginosos desta manhã. Será possível que tenham ruído os salutares e centenários muros do Estado Único? Será possível que estejamos outra vez sem proteção, na selvagem condição da liberdade, como o estiveram os nossos remotos antepassados? Será possível que já não exista o Benfeitor? Contra, contra, no Dia da Unanimidade. Estou envergonhado, dolorido, apavorado.

Mas então quem são eles? E quem sou eu, eu próprio?

Estou com os eles ou com os nós? Como posso eu saber?

Ela estava sentada no banco, ao sol ardente, no alto da tribuna superior para onde eu a tinha levado. O ombro direito e o alto da curva maravilhosa, incalculável, que se seguia, estavam desnudos e, sobre a carne, ondeava a mais fina das serpentes, uma serpente rubra de sangue.

Pelos vistos, ela não se deu conta do sangue, pelo ferimento no peito… Ou, mais grave ainda: via perfeitamente, mas era disso que ela precisava e, se o uniforme estivesse

abotoado, tê-lo-ia rasgado à pressa, por certo…

— Mas amanhã — dizia ela, ofegante, por entre os dentes finos, cerrados, luminosos — … O quê? Ninguém sabe o que vai acontecer amanhã. Entendeu?… Não sei, ninguém sabe… ignoramos tudo ! Já percebeste que chegou ao fim o conhecido? Daqui para a frente, será o novo, o impossível, o prodigioso!

Lá em baixo a multidão agitava-se, corria, gritava. Mas tudo isso era para mim distante, cada vez mais distante, porque ela estava a olhar para mim e, lentamente, puxava-me para dentro de si, através das douradas janelas das suas pupilas. Assim nos quedámos muito tempo, em silêncio. Não sei porquê, lembrei-me de uma vez ter visto, atrás do Muro Verde, umas pupilas amarelas e incompreensíveis, enquanto as aves pairavam por sobre o Muro (a não ser que tenha visto as aves numa outra altura).

— Ouve: se amanhã não acontecer nada fora do normal, vou te levar lá… entendeu?

Não, não entendi. Mas, sem abrir a boca, respondi que sim. Estava desfeito, não passava de um ponto geométrico, infinitesimal… Vendo bem, esta condição de ponto tem a sua lógica, a lógica deste dia: um ponto possui em si mais desconhecido do que outra coisa qualquer. Basta-lhe mover-se, deslocar-se, para se transformar em centenas de corpos sólidos, em milhares e milhares de curvas.

A ideia de me deslocar assusta-me: vou transformar-me em quê? Quer-me parecer que todos receiam tanto o movimento quanto eu o receio. Agora mesmo, enquanto escrevo, os números estão todos presos nas suas jaulas de vidro, acocorados, à espera. Não se ouve o zumbido do elevador, habitual a esta hora; não se consegue ouvir um riso, um passo. De vez em quando ouço números, dois a dois, a andar no corredor, espreitando por cima do ombro, sussurrando…

Que irá acontecer amanhã?

Que vai ser de mim amanhã?

Vigésima Sexta Entrada

O UNIVERSO EXISTE

ERUPÇÃO

QUARENTA E UM GRAUS CENTÍGRADOS

Manhã. Através do telhado vê-se o céu tão firme, redondo, rubicundo como sempre. Creio que teria ficado menos espantado se tivesse visto um sol diferente, quadrado, ou as pessoas vestidas com peles berrantes de animais, ou as paredes feitas de pedra opaca. Quererá isto dizer que o universo, o nosso universo, ainda existe?

Ou será um fenómeno de inércia: o gerador parou, mas a roda continua a girar… Uma volta, duas voltas… à quarta, será o fim…

Sabem o que é acordar de noite, abrir os olhos no escuro e sentir de repente que estamos perdidos? Começamos então, o mais rapidamente possível, a tatear à nossa volta, á cata de qualquer coisa familiar e sólida… uma parede, um candeeiro, uma cadeira… Foi essa exatamente a sensação que tive ao procurar na Gazeta do Estado único, tão depressa quanto possível, e ao descobrir isto:

O Dia da Unanimidade, tão impaciente e universalmente esperado, celebrou-se ontem. O mesmo Benfeitor que tantas e tantas vezes provou a sua inegável sabedoria, foi unanimemente eleito pela 48? vez. A cerimónia foi marcada por alguns distúrbios provocados pelos inimigos da felicidade, que com tal façanha se privaram do direito de ser pedras dos alicerces do edifício, ontem renovado, do Estado Único. É para todos os números evidente que ter em consideração os votos destes delinquentes seria tão absurdo como incluir numa sinfonia magnífica e heroica a tosse de alguns enfermos que casualmente se encontravam na sala do concerto.

Oh Sapientíssimo! Será possível que, no meio de tanta coisa, estejamos salvos? Será então possível pôr objeções ao mais cristalino dos silogismos?

Mais adiante, estas poucas linhas: Hoje, às 12h, realiza-se uma sessão conjunta dos Postos Médicos e Administrativos e do Posto dos Guardas. Está prevista a saída dum decreto importante referente ao Estado Único.

Mas então os Muros continuam de pé; cá estão eles, posso até tocar-lhes com os dedos. E não há já aquela sensação de me ter perdido, de estar ninguém sabe onde, de ter perdido o rumo, não acho nada estranho que o céu seja azul, o sol redondo, ou que toda a gente saia —como de costume — para ir trabalhar.

Caminhando ao longo da avenida, os meus passos eram particularmente firmes, sonoros… E parecia-me que todos caminhavam com firmeza igual à minha. Mas ao chegar ao cruzamento onde tinha de virar, vi que todos passavam para outra rua, vi as pessoas a afastarem-se do edifício, como se tivesse arrebentado um cano e dele caísse água fria, tornando o passeio intransitável.

Andei mais cinco, dez passos, e a água fria molhou-me, afastando-me para fora do passeio. Na parede, a uma altura de uns dois metros, mais ou menos, estava um quadrado de papel e, nele, estas letras incompreensíveis, de um verde venenoso:

M E P H I

e aqui em baixo vi umas costas curvas em forma de S e umas orelhas- -asas que se agitavam com transparente irritação. Com o braço direito no ar e o esquerdo descaído para trás, como se fosse uma asa ferida, S-fazia esforços para arrancar o papel, não o conseguindo por pouco.

É provável que à mente de todos quantos passavam ocorresse a mesma ideia: «Se, entre todos os números, for eu o único a aproximar-me, ele pode pensar que sou culpado e que é por isso que quero auxiliá-lo…»

Confesso que também eu pensei isso. Mas lembrei-me das muitas vezes em que ele tinha sido o meu Anjo-da-guarda, das muitas vezes em que me tinha socorrido e, cheio de coragem, aproximei-me, estendi a mão e arranquei o papelinho.

S-voltou-se imediatamente e espetou logo as verrumas dos olhos em mim, espetou-as até ao fundo e extraiu de mim não sei o quê. Abriu depois a sobrancelha esquerda e piscou o olho, como que a apontar para a parede onde tinham estado presas as letras MEPHI. E vi a cauda do seu sorriso abanar, parecendo-me (o que me espantou) que era desta feita um sorriso de contentamento. Mas que havia nisso de espantoso? O médico prefere sempre uma erupção e uma febre de 40° centígrados a uma temperatura que sobe lentamente, em período de incubação. A temperatura alta, pelo menos, deixa bem clara a natureza da doença. Aquele MEPHI que esta manhã surgiu nas paredes é uma erupção. Compreendia-se que ele sorrisse.

A escadaria que levava ao metro. Sob os meus pés, no vidro imaculado dos degraus, uma pequena folha branca: MEPHI. E no muro do cais de embarque, num banco, num espelho da carruagem (escritos, evidentemente, à pressa, descuidada e tortuosamente): por todo D lado a mesma borbulhagem branca e assustadora.

No silêncio, o guincho distinto das rodas era uma espécie de san-ijue a latejar em febre. Um número a quem tocaram no ombro teve um sobressalto e deixou cair um maço de papéis. Um outro número, à minha esquerda, lia a mesma linha do jornal, não tirava os olhos da mesma linha, e o jornal tremia imperceptivelmente. Senti o pulsar de tudo: das rodas, das mãos, dos jornais, das pálpebras, tudo latejava a olhos vistos e é possível que hoje, quando me encontrar com E-naquele lugar, a temperatura tenha subido até 39°, 40°, 41° que o termômetro assinala com traços negros.

No estaleiro do INTEGRAL reinava o mesmo silêncio, zumbindo como um propulsor distante e invisível. As máquinas permaneciam em silêncio, pareciam amuadas.

Só os guindastes, quase inaudíveis, se moviam como em bicos de pés, baixando-se, apanhando com as garras blocos azuis de ar congelado e colocando-os nos depósitos do INTEGRAL. Preparávamos um voo experimental.

— Então, conseguimos carregá-lo numa semana?

Fiz a pergunta ao Adjunto. Este tem uma cara de faiança, decoraria com florinhas azuis e

cor-de-rosa clarinho (os olhos, os lábios), mas hoje apresentavam-se murchas, de certo modo apagadas. Fazíamos cálculos em voz alta sobre os cubos de ar gelado quando, subitamente, a meio duma palavra, parei, ficando de boca aberta: vi um papel branco quase imperceptível sob um bloco azul de ar congelado que um guindaste tinha recolhido, exatamente sob a cúpula. Senti um estremecimento no corpo todo, provavelmente de riso. Sim, era riso: ouvi as minhas próprias gargalhadas. (Já experimentaram a sensação de ouvir as próprias gargalhadas?) — Ouça uma coisa — ousei dizer. — Imagine que está num avião daqueles antigos; o altímetro marca 5000

metros; partiu-se uma das asas, está a cair como um pombo de asas partidas e a gente, ao mesmo tempo que ele vai caindo, você faz contas à vida: «Amanhã, entre o meio-dia e as duas vou ter que fazer isto e isto… das 2 às 6, isto e aquilo… às 6 é o jantar…» Diga lá se lhe parece ridículo ou não.

Vigésima Sétima Entrada

NÃO HÁ SUMÁRIO — IMPOSSÍVEL!

Eu estava sozinho nos corredores infindos, os mesmos corredores, de cimento armado. Algures pingas de água na pedra. A porta conhecida, opaca e, atrás dela, um ruído abafado.

Tinha-me dito que se encontrava comigo às 16h em ponto. Mas passam já cinco minutos, dez, quinze minutos, e não veio ninguém. Por instantes, fui o meu outro eu, o que ficava assustado quando a porta ia abrir-se. Mais cinco minutos, e acabou-se, se ela não vier…

Algures pingas de água na pedra. Ninguém apareceu.

Bastante contente, sinto que estou salvo. Procuro sair do corredor, devagar. A linha trémula das lâmpadas elétricas dispostas no teto torna-se cada vez mais pálida.

De repente, atrás de mim, uma porta bateu ruidosamente e soa-iam passos rápidos, que ecoam na abóbada, nas paredes: era ela, voando para mim, sem fôlego.

— Eu sabia — disse ela —, sabia que estavas aqui, que tinhas vindo! Eu sabia que tu… tu…

Abria-me as persianas dos seus olhos, deixando-me entrar e… Como poderei eu descrever os efeitos deste rito antigo, absurdo, maravilhoso, quando os lábios dela tocam nos meus? Que fórmula me permitirá exprimir este turbilhão que da minha alma varre tudo quanto não seja ela? Da minha alma, sim… riam -se de mim, se quiserem.

Lentamente, com esforço, abriu os olhos e disse com dificuldade, lentamente:

— Não, já chega… Depois… Agora, eu tenho que ir.

Abriu-se uma porta. Uma escada a descer, antiga.

Uma barulheira insuportável. Silvos. Uma luz ofuscante…

Passaram quase vinte e quatro horas; tive tempo para refletir, mas continua a ser dificílimo dar uma descrição sequer aproximada do que aconteceu. Foi como se tivesse havido uma explosão na minha cabeça; e junto a mim acumulam-se bocas abertas, asas, gritos, folhas, palavras, pedras, tudo em monte, em cadeia. Lembro-me da primeira coisa que me ocorreu: «Para trás, depressa, à desfilada!»

Porque era para mim evidente que, enquanto esperava no corredor, ‘ eles tinham aberto ou demolido o Muro Verde, e que tudo quanto havia do outro lado tinha avançado, como uma vaga, e inundado a nossa cidade, até ali imunizada contra o mundo inferior. Devo ter contado a E-qualquer coisa assim.

— Nada disso! — respondeu ela, rindo à gargalhada. —Muito simplesmente, passámos para o outro lado do Muro Verde.

Abri então os olhos e vi-me face a face, na realidade, com tudo quanto até ali os seres viventes tinham visto milhares de vezes, mas reduzido, esbatido pelo vidro turvo do Muro.

O sol… não era nada o nosso sol, racionalmente distribuído sobre a superfície espelhada das ruas; este sol consistia numa espécie de fragmentos vivos, de manchas movediças que nos cegavam e nos punham a cabeça à roda. E as árvores pareciam candeeiros erguidos para o céu, aranhas de patas retorcidas, acocoradas na terra, fontes mudas com repuxos verdes… E tudo isto mexia e rumorejava; aos meus pés surgiu uma bola eriçada de pêlos. Estaquei, colado ao chão; sentia-me incapaz de dar um passo, porque o chão onde punha os pés não era plano, não, não era plano, era uma coisa repugnante, mole, movediça, viva, verde, elástica.

Fiquei atordoado, sufocado (deve ser este o termo).

Agarrei-me com ambas as mãos a um ramo de árvore.

— Isso não é nada… não é nada! Sente-se isso é só no inicio… depois passa. Há que ter coragem!

Ao lado de E-, tendo como pano de fundo uma rede verde e bamboleante, erguia-se o perfil de alguém, o mais exíguo dos perfis, feito de papel recortado à tesoura. Este alguém era afinal alguém que eu conhecia. Lembrava-me: era o médico. Sim, sim, já estava a perceber tudo. E também compreendi quando ambos me agarraram no braço e, rindo, começaram a puxar por mim. Tropeço, dou pulos. Afogo-me num mar de ruídos, musgo, ramos, rebentos, troncos, asas, folhas, silvos…

As árvores tornam-se mais raras. Uma clareira. Na clareira… gente… ou… não sei como exprimir isto… talvez seja mais correto, de fato, chamar-lhes criaturas. Aqui vem a parte mais difícil. Ultrapassa todos os limites do verosímil. Tornou-se agora clara para mim a razão que levou _E-a guardar silêncio sobre tudo isto. Eu não teria acreditado nela. É muito possível que amanhã não acredite sequer em mim próprio… nem, nestas linhas que estou a escrever.

Na clareira um ajuntamento de trezentas ou quatrocentas… pessoas (deixem ficar a palavra pessoas, tenho dificuldade em usar outra palavra) faziam grande algazarra em redor dum rochedo nu, semelhante a uma caveira. Da mesma forma que entre as numerosas caras que surgem nas bancadas, só notamos, à primeira vista, as que nos são familiares, assim, no primeiro momento, eu vi apenas os que vestiam uniformes verde-azulados.

Mas, passados instantes, entre os unifs, distingui perfeita e claramente pessoas (pessoas, sim, pelo visto) negras, ruivas, douradas, pardas, arruçadas, brancas. Todos estavam nus, todos se apresentavam cobertos de um pêlo curto e luzidio, como o do cavalo empalhado que pode ser visto no Museu Pré-histórico. As caras das mulheres eram exatamente iguais — sim, exatamente iguais — às das nossas mulheres, delicadamente rosadas e sem pêlos; os seios — grandes, firmes, com formas esplendidamente geométricas — eram também desprovidos de pêlos. Quanto aos machos, só uma parte da cara é que não era hirsuta, eram parecidos com os nossos antepassados.

Tratava-se de uma coisa tão inverossímil, tão inesperada, que eu me deixei ficar a olhar, calmamente (calmamente, digo e repito), tome-se uma balança, carregue-se um dos pratos com um peso excessivo; a partir de um certo peso, não faz diferença colocar mais ou menos, o fiel da balança não se move.

De repente vi-me sozinho. E-tinha-me deixado… Não vi como nem para onde se tinha afastado. À minha volta, só havia aquelas… criaturas de pêlo luzidio que reluzia ao sol. Deitei a mão a um ombro quente, vigoroso, negro: — Ouça, por amor do Benfeitor: saberá por acaso dizer-me para onde ela foi? Agora mesmo, há um minuto…

Virou para mim um sobrolho peludo: «Chiu! Mais baixo!» e, com o olhar, peludamente, acenou para o ponto central, onde estava a caveira de pedra amarela.

Lá estava ela, rodeada de cabeças, no alto, acima de todos os outros. O sol, atrás dela, batia-me nos olhos e, por isso, ela desenhava-se no azul do céu, era uma silhueta negra, negra sobre azul. Um pouco acima dela deslizavam as nuvens e dava-me a impressão de que não eram elas que se moviam, mas sim o rochedo, e ela, e a turbamulta; e a clareira andava também, tudo deslizava em silêncio, como um barco, e a terra sem peso fugia-nos sob os pés…

— Irmãos (era ela a discursar)… irmãos! Na cidade que fica dentro dos Muros, está a ser construído o INTEGRAL.

E, como sabeis, é chegado o dia de derrubarmos o Muro — todos os muros — para que o vento verde sopre sobre a terra inteira, de um ao outro extremo. Mas o INTEGRAL destina-se a transportar estes muros lá para cima, para os milhares de mundos cuja luz esta noite virá conversar convosco, por entre as ramarias, no escuro…

Vagas, espuma, vento bateram contra a rocha:

— Abaixo o INTEGRAL! Abaixo!

— Nâo, irmãos, nada de «abaixos». O INTEGRAL pode passar para as nossas mãos. No dia em que ele levantar ferro e se erguer nos ares, nós iremos a bordo. Porque o Construtor do INTEGRAL está conosco. Ele atravessou o Muro. Veio até aqui comigo e está no meio de vós. Um viva para o Construtor!

Num segundo… fiquei acima de todos; aos meus pés só via cabeças, cabeças, bocas abertas num clamor, mãos que se erguiam e se baixavam. Tudo extraordinariamente estranho, embriagante; sentia-me ! Superior a todos, eu era eu, todo um mundo, tinha deixado de ser um item, como sempre tinha sido, passava a ser um INTEGRAL.

E então, todo amarrotado, mergulhado em felicidade, esfrangalhado como se fica depois dum amplexo de amor, pousaram-me no chão, junto da rocha. Sol, vozes, o sorriso de E-. Uma mulher de cabelo dourado (e toda ela brilhava como o ouro e a seda e tinha o aroma das ervas) segurava uma taça que me pareceu ser de madeira; os seus lábios vermelhos beberam da taça que logo a seguir me foi entregue… e eu, fechando os olhos, bebi sofregamente, apagando o fogo que me incendiava por dentro. Bebi as centelhas doces, picantes, frias. E nesse momento o meu sangue e todo o universo correram mil ; vezes mais velozes; a terra girava com a leveza duma pena. E todas as coisas se tornaram para mim leves, simples, claras.

Vi então na própria rocha as conhecidas e enormes letras MEPHI e… não sei porquê, percebi que assim tinha que ser; tratava-se de um vínculo que unia todas as coisas. Vi (talvez gravada na mesma rocha) uma pintura grosseira: um jovem alado com um corpo transparente, e, no lugar habitualmente ocupado pelo coração, uma brasa ardente rodeada por um resplendor vermelho-escuro. E eu compreendi , aquela brasa… Ou não, não é bem

isso; senti tal como sentia, sem de fato as ouvir, todas as palavras proferidas por E- (ela falava do alto do rochedo), tal como sentia que todos ali estavam a respirar em uníssono e todos iam voar para qualquer lado, todos, como se fossem um só, como tinham feito aquelas aves, daquela vez, sobre o Muro…

Lá de trás, do meio daquela massa de corpos que respiravam em uníssono, ergueu-se então uma voz estentórica:

— Mas é uma loucura!

E pelo visto fui eu… sim, acho que era eu e não outro…

que de um salto subi ao rochedo, e lá do alto pude ver o sol, cabeças, uma cordilheira verde recortada no azul, e gritei:

— Sim, exatamente! E todos temos que enlouquecer, é imperioso enlouquecermos… O mais depressa possível! É imperioso… Tenho a certeza!

E-estava ao meu lado; o sorriso dela eram dois traços escuros que nasciam nos cantos da boca, e dentro de mim tinha uma brasa acesa, que me tinha penetrado instantaneamente, facilmente, quase sem dor, deliciosamente.

E do que veio a seguir só me ficaram na memória fragmentos dispersos, cacos: uma ave em voo baixo, lento. Percebi que estava viva, tanto quanto eu; virava a cabeça ora para a direita, ora para a esquerda, como faz um homem, e os seus olhos pretos enterraram-se em mim profundamente.

Mais: umas costas cobertas de pêlo luzidio, cor de marfim velho. Um inseto de cor preta com asas frágeis e transparentes, a passear nas ditas costas; costas que para se verem livres do inseto fizeram um movimento sacudido e depois outro.

Mais: a sombra das folhas entretecidas, reticuladas.

Pessoas deitadas à sombra mastigando o que parecia comida igual à dos antigos; uma das mulheres pôs-me na mão um fruto amarelo comprido e um pedaço duma coisa negra, e eu achei a coisa divertida, antes de saber se a comeria ou não.

E mais ainda: a turba, cabeças, pernas, braços, bocas. E caras que se mexiam para desaparecerem dentro de momentos, para se desfazerem como bolhas de ar. E por instantes (a não ser que tenha sido tudo sonhado) umas orelhas-asas translúcidas, voando.

Agarrei com quanta força tinha a mão de E-. Ela olhou-me por cima do ombro: •

— O que foi?

— Ele está aqui.

— Ele, quem?

— S-, ali, agora mesmo, na multidão.

Olhos negros arregalados até às têmporas: o triângulo agudo do sorriso dela. Para mim não era claro o motivo daquele sorriso: como ora possível que ela sorrisse?

— Não percebes, E-. Não percebes o que significa ele estar aqui, ele ou outro como ele.

— Você é cômico! Então passa pela cabeça de alguém, do outro lado do Muro, que nós

estamos aqui? Pense bem; tu, por exemplo… Alguma vez poderias imaginar que era possível? Perseguirem-nos até aqui… deixa-os lá! Estás a delirar.

Sorriu, leviana, jovial, e eu sorri também; inebriada, alegre, leve, a terra deslizava, deslizava…

Vigésima Oitava Entrada

ELAS AMBAS

ENTROPIA E ENERGIA

PARTE DO CORPO OPACA

Vejamos: se o nosso mundo é semelhante ao mundo dos nossos antepassados remotos, vamos imaginar que, um dia, por acaso, se descobre num sexto (ou num sétimo) continente, uma Atlântida ou outra coisa do género e que aí aparecem cidades labirínticas, pessoas que se erguem no ar sem recorrerem a asas (ou mesmo a aeroscarros), pedras que levitam por ação dum olhar, em suma, coisas que nunca vos ocorreram, nem sequer no decurso de sonhos doentios. Ora foi isso o que ontem me aconteceu a mim. Porque (compreendam-me) nenhum de nós tinha passado para o lado de lá do Muro Verde desde os tempos da Guerra dos Duzentos Anos, sobre a qual já falei atrás.

Sei, meus amigos desconhecidos, que é meu dever descrever com iodas as minúcias este mundo estranho e surpreendente que ontem me foi revelado. Mas não me sinto em condições de voltar a pegar no assunto. Estão a acontecer mais e mais coisas novas, parece uma chuva de acontecimentos e não me sinto capaz de os agarrar a todos… estendo as mãos e as abas do meu unif e vejo-os cair fora do meu alcance, enquanto nestas páginas só consigo recolher alguns pingos. A primeira coisa que ouvi, vinda de além das paredes do meu quarto, foram umas vozes, entre as quais a dela, a voz de E-, sonora, metálica, e uma outra, inflexível, como uma régua de madeira, a voz de U-. Abriu-se então a porta com fragor e entraram ambas disparadas no meu quarto. Exatamente: entraram disparadas no quarto.

E-pôs a mão nas costas da minha cadeira e sorriu para a outra, só com os dentes e por cima do ombro. Eu não suportaria que me mostrassem um sorriso assim.

— Vê lá — disse-me E- — esta mulher, pelo visto, tem na vida o objetivo de te guardar de mim, como se fosses uma criança. Deste-lhe autorização?

A outra, de mandíbula trémula, ripostou: — Deu, sim, e é uma criança. Sim, sim. É por isso que não vê o que andas a fazer com ele, só para… não vê que isto é tudo uma comédia. Sim, é o meu dever…

De relance, vi no espelho a linha quebrada e tortuosa do meu sobrolho. Pus-me de pé e, contendo com muita dificuldade o outro tipo, o dos punhos peludos e frenéticos, medindo bem as palavras que, sibilando, abriam passagem entre os meus dentes cerrados, gritei para a das mandíbulas de peixe: — Fora daqui… Já! Fora!

As mandíbulas ficaram inchadas, vermelhas, mas voltaram logo ao normal, cinzentas. Abriu-se lhe a boca como se fosse falar, mas, acabou por sair sem dizer nada, batendo com a porta. Avancei para E-: — Nunca perdoarei a mim próprio… Nunca perdoarei a mim próprio o que aconteceu. Ela atreveu-se a fazer-te uma coisa destas? E tu deves estar a pensar que eu penso que… que ela… Tudo aquilo do porquê dela se inscrever para

recorrer aos meus serviços, e eu…

— Felizmente, não vai ter tempo para se inscrever.

Podia, de resto, haver mil como ela, que eu não me importava. Sei que não confiarás nesses mil, só confias em mim. Porque, depois do que aconteceu ontem, eu sou o teu futuro, até ao fim, como tu querias. Estou nas tuas mãos; sempre que queiras, podes…

— Posso o quê, sempre que queira? — perguntei, mas percebi logo o que era e o sangue subiu-me aos ouvidos, às faces, e gritei: — Não é preciso dizeres… Nunca mais precisas de o dizer! Deves ter percebido que era o meu outro eu que falava, mas agora…

— Quem sabe como tu és? O homem é como os romances: só na última página é que se sabe o final! Se assim não fosse, também não valia a pena lê-los…

E-acariciava-me a cabeça. Eu não lhe via a cara, mas, pela voz, podia perceber que o olhar dela fitava um ponto longínquo; os olhos dela estavam fixos numa nuvem que deslizava, silenciosa e lentamente, não se sabe em que direção.

De súbito, afastou-me de si, firme, ternamente: — Ouve. Estou aqui para te dizer que podemos estar vivendo os últimos dias da nossa vida. Sabias que, a partir desta noite, não podem ser proferidas palestras nos auditórios?

— Não?

— Não. Passei por lá e vi que se prepara qualquer coisa nos edifícios dos auditórios. Há umas mesas especiais, médicos de branco.

— Que significa isso?

— Não sei. Ninguém sabe nada. E o pior é isso. Só sei que foi acionado o interruptor, que a faísca viaja ao longo dos fios e que, se não for agora, vai ser amanhã… Mas é possível que não vão ter tempo.

Tinha deixado há muito tempo de saber quem eles eram e quem nós éramos; também não percebia bem se queria ou não queria que eles tivessem tempo. Para mim só uma coisa era clara; E-tinha atingido o extremo limite e, a todo o momento…

— Mas isso é uma loucura — tornava eu. — Tu… contra o Estado Único. É o mesmo que pores a mão na boca duma arma, julgando que assim impedes o disparo. É a mais completa loucura!

Sorriu:

— «Todos temos que enlouquecer… O mais depressa possível.» Alguém disse isso ontem. Lembras-te? Foi lá…

Sim, até tomei apontamento. Portanto, tinha acontecido tudo na realidade. Fiquei a olhar para ela em silêncio: a cruz negra era agora particularmente visível no rosto dela.

— Minha querida E-, antes que seja tarde… Se assim o desejares, deixarei tudo, esquecerei tudo, e iremos, tu e eu, para o outro lado do Muro, ter com aqueles… não sei quem eles são…

Abanou a cabeça. Pelas janelas negras daqueles olhos, olhei para dentro dela, profundamente, e vi uma fogueira acesa, chispas e línguas de fogo lambendo montes de

lenha seca e resinosa. E tornou-se para mim evidente que era tarde demais e que as minhas palavras não iriam adiantar nada. Estava de pé… preparava-se para sair.

Talvez estivéssemos a viver os últimos dias… Talvez os derradeiros minutos. Agarrei-lhe na mão: — Não! Fica, só mais um pouco… fica, por amor de…de…

Lentamente, levantou a minha mão até à luz, esta mão peluda que eu tanto detestava. Eu queria retirá-la, mas ela segurou-a com mais força.

— A tua mão… Não deves saber… mas houve muitos homens que… acontece que algumas das mulheres da cidade amaram homens de lá do exterior. E é muito provável que no teu sangue haja umas gotas que amem o sol e a floresta. É talvez por isso que eu…

Silêncio. Estranha coisa: durante este silêncio, este vazio, este nada, o meu coração batia apressado. Pus-me a gritar:

— Ah, não vás já embora! Não te vás antes de me falar daquela gente, porque tu ama-los… e eu nem sequer sei quem são, donde vieram…

— Quem são? São a metade que nós perdemos. Nós temos H2 e O, mas, para termo H20 — rios, mares, quedas de água, ondas, tempestades — é necessário que as duas metades estejam unidas.

Recordo distintamente todos e cada um dos movimentos dela. Recordo como pegou no triângulo de vidro que estava em cima da mesa, e, enquanto eu falava, o encostava à face onde então lhe apareceu um risco branco; afastando depois a aresta do triângulo, o risco branco tornou-se rosado, antes de desaparecer. É estranho, não consigo! lembrar-me das palavras dela, principalmente das primeiras, mas somente de algumas imagens, de cores.

Sei que, para começar, falou da Guerra dos Duzentos Anos. E era assim: o vermelho sobre o verde das folhas, na argila escura, no branco azulado da neve, poças de sangue que não secavam nunca. Depois as folhas amarelas queimadas pelo sol; homens amarelos, já nus, com os cabelos eriçados acompanhados de cães de pêlo também eriçado, à mistura com cadáveres inchados, cadáveres de cães, cadáveres de homens… Isto, evidentemente, fora dos Muros, porque a cidade cantava já vitória: a cidade possuía já o alimento que hoje comemos, derivado da nafta.

E, entre o céu e a terra, riscando o espaço, colunas negras de fumo pairando sobre florestas, sobre aldeias, colunas de fumo deslizando lentamente. Gemidos abafados: filas negras, intermináveis de pessoas, arrastadas para a cidade, onde seriam salvas á força e aprenderiam a ser felizes.

— Sabias de tudo isso?

— Sim, quase tudo.

— Mas não sabias, e poucos então sabiam, que havia um pequeno grupo deles que, apesar de tudo, sobreviveram lá atrás do Muro. Partiram, nus, para a floresta. Lá aprenderam a conhecer as árvores, os animais, os pássaros, as cores, o sol. Tornaram-se peludos, mas com isso puderam preservar o calor, o sangue vermelho. Foi pior o que aconteceu convosco. Os algarismos cobriram-vos e pululam nos vossos corpos, como piolhos. Deveis libertar-vos de tudo isso e regressar à floresta, nus. Aprender a tremer de medo, de alegria, de fúria frenética, de frio; rezar ao fogo. E nós, Mephis, queremos…

— Mephis? Um momento. O que vem a ser isso dos Mephis?

— Mephi? É um nome antigo. Mephi é aquele que…

lembras-te do jovem desenhado naquele rochedo?… Não, vou ter que falar na vossa linguagem; será mais fácil de entender. Repara: há neste mundo duas forças, a entropia e a energia. A primeira leva ao quietismo beatífico, a um equilíbrio venturoso; a outra, à destruição do equilíbrio, ao movimento dolorosamente perpétuo.

Era a entropia que os nossos — melhor dizendo, os vossos — antepassados cristãos adoravam como um deus. Mas nós somos anticristãos, nós…

Naquele momento soou na porta uma pancada, um toque quase inaudível. E logo o homem achatado, com a testa descaída sobre os olhos, que mais de uma vez me tinha entregue mensagens de E-, surgiu no quarto.

Correu para nós, estacou, arfando como uma bomba de ar… e não disse uma única palavra; a corrida tinha-lhe consumido todas as forças.

— Anda, fala! Que aconteceu? — perguntou E-, agarrando-lhe nas mãos.

— Eles… vêm lá! — fez finalmente a bomba. — A patrulha… e com eles… aquele … aquele número…baixo, corcovado…

— S-?

— Sim, esse! Está na casa ao lado. Logo a seguir vêm para cá… Depressa, depressa!

— Deixa, temos tempo — disse E-, rindo e lançando dos olhos chispas, pequenas línguas de fogo.

Era absurdo, irracional… ou então havia em tudo isto qualquer coisa que eu ainda não percebia.

— E-, em nome do Benfeitor… Vê se compreendes que isto é…

— Em nome do Benfeitor? — disse ela com o sorriso triangular.

— Ou então peço te… por mim!

— Ah, tenho ainda mais uma coisa para te dizer… Não, não vale a pena. Digo-te amanhã.

Acenou, contente (sim, contente); piscando-me o olho, sob a testa descaída, o outro despediu-se também. Fiquei só.

Sentei-me à mesa e não perdi tempo. Espalhei pela mesa as folhas deste manuscrito e peguei na caneta, para que eles me encontrassem a trabalhar em proveito do Estado Único. E, subitamente, todos os cabelos da minha cabeça ficaram vivos, isolados, horripilantes: «E se lhes passasse pela cabeça a ideia de lerem uma destas páginas… uma das mais recentes?» Sentei-me à mesa, imóvel, e vi as paredes tremerem, e a caneta a tremer-me na mão e as letras a contorcerem-se, enredando-se umas nas outras…

Escondê-las? Mas aonde? À minha volta só havia vidro.

Queimá- las? Seria visto por quem estivesse no corredor e na sala contígua. E, além disso, era incapaz, não tinha coragem para martirizar a parte mais preciosa de mim próprio.

Mas no corredor ouviam-se já vozes distantes, passos. Só tive tempo para meter um maço de folhas debaixo de mim, ali ficando colado à cadeira, que tremia convulsivamente em todos e cada um dos seus átomos, ao mesmo tempo que o chão era o convés dum navio, balançando, desgovernado…

Todo encolhido, escondido atrás da minha própria testa, vi (um tanto furtivamente, pelo canto do olho) como eles passavam revista aos quartos, a começar no extremo direito do corredor e aproximando- -se cada vez mais.

Alguns dos ocupantes esperavam, sentados tão catalepticamente como eu; outros (os mais felizes!) iam, pressurosos, ao encontro dos inspetores, abrindo-lhes as portas de par em par.' Quem me dera poder fazer o mesmo!

«O Benfeitor é um desinfetante que atingiu o ponto mais excelso da perfeição, que é indispensável à humanidade e, consequentemente, não há no organismo do Estado Único outra contração peristáltica…» Foi com uma caneta saltitante que dei à luz esta barbaridade, cada vez mais debruçado sobre o papel, ao mesmo tempo que na minha cabeça soavam marteladas demenciais e ouvia (nas minhas costas) rodar o manipulo da porta. Fui envolvido por uma lufada de ar, por baixo de mim a cadeira bailava…

Só então, com dificuldade, comecei a despregar-me da folha e a voltar-me para os que tinham entrado (como é difícil representar uma comédia… mas quem foi que hoje mesmo me falou em comédia?). S-estava à minha frente, com os olhos silenciosa, soturna, perfurantemente espetados em mim, na minha cadeira, nas folhas que me faziam cócegas nas mãos. Aí, de repente, vi umas caras familiares, que via todos os dias na portaria, e uma delas isolou-se prontamente das restantes: a que tinha as feições palpitantes e róseas dum peixe. Rememorei tudo o que naquele quarto aconteceu uma hora antes e tornou-se- me evidente que ela ia a todo o instante, ela ia… Todo o meu ser convergia e pulsava na parte (felizmente) opaca do meu corpo que protegia o meu manuscrito.

U-acercou-se dele, do S-, por trás, tocou-lhe cuidadosamente na manga e disse-lhe baixinho: — Este é o D-503, o construtor do INTEGRAL. Ouviu falar, não é verdade? Está sempre sentado à mesa, assim como está agora… nunca transige consigo próprio.

As coisas que eu tinha pensado dela! Que mulher maravilhosa, espantosa… S-deslizou na minha direção, debruçou-se por cima do meu ombro, observando a mesa. Coloquei o cotovelo de forma que ficasse visível o que tinha escrito, mas ele, em voz alta e sonora, ordenou: — Devo pedir-lhe que me mostre imediatamente o que tem aí!

Corado de vergonha, dei-lhe o papel. Leu-o e vi saltar-lhe dos olhos um sorriso que lhe escorregou pelas faces e, de rabinho a abanar, se lhe aninhou no canto direito da boca:

— Um tanto ou quanto ambíguo, mas, mesmo assim…bom, vamos embora, não tornaremos a incomodá-lo.

Como se patinhasse em charcos de lama, dirigiu-se para a porta e, a cada passo que ele dava, eu sentia os meus pés, mãos e dedos voltarem gradualmente a mim; a alma ia-se distribuindo proporcionadamente por todo o meu corpo; recuperei de novo o fôlego…

Enfim, D-arranjou maneira de continuar no quarto, avançou para mim, baixou-se e suspirou-me ao ouvido: —A sua sorte foi eu… Não percebo. Que quis ela dizer com aquilo? Mais tarde, já noite, soube que tinham detido três números. Mas ninguém refere o

fato em voz alta, tal como ninguém fala em voz alta dos últimos acontecimentos (por onde se prova a influência educativa dos guardas que, invisíveis, estão sempre presentes no meio de nós). As conversas, geralmente, são sobre a rápida descida do barómetro e a mudança do tempo.

Vigésima Nona Entrada

FILAMENTOS NA CARA

REBENTOS

UMA COMPRESSÃO POUCO NATURAL

Estranho: o barómetro desce, mas não há vento; predomina a calma. Lá por cima começou já a tempestade que continua a não se ouvir. As nuvens negras deslizam a toda a velocidade. Por enquanto, não são muitas… Apenas uns farrapos isolados. É como se toda uma cidade estivesse a ser arrasada e as muralhas e torres estivessem a cair aos bocados com uma rapidez vertiginosa, tornando-se cada vez maiores aos nossos olhos, mas faltam ainda alguns dias para, percorrido o azul infinito, desabarem em cima de nós.

Por enquanto, tudo está calmo. No ar flutuam uns fios…fios inexplicáveis, tão finos que são quase invisíveis.

Todos os anos pelo Outono eles nos chegam do outro lado do Muro. Pairam no ar, vagarosos, mas, de repente, sentimos uma substância invisível e estranha na cara; queremos ver-nos livres dela e não conseguimos. Os fios abundam principalmente nas proximidades do Muro de Vidro onde me desloquei esta manhã. E-tinha-me dito para ir ter com ela à Casa da Antiguidade, aos nossos «aposentos».

Estava já bastante perto do enorme, sólido e rubro edifício da Casa da Antiguidade quando ouvi alguém atrás de mim, respirando ruidosamente e aproximando-se a passos largos. Voltei-me e vi que era 0-, a tentar alcançar-me. Pareceu-me especialmente redonda, com os contornos nitidamente definidos. Os braços, as taças invertidas dos seios, todo o corpo dela que eu tão bem conhecia, eram redondos e enchiam completamente o unif que não tardaria a rebentar, expondo tudo ali, ao sol, á luz. Via todo o quadro na minha frente: lá nas florestas virgens, na Primavera, os rebentos procuram esforçadamente romper a terra dura, ansiosos por desabrochar em ramos e, tão depressa quanto possível, em folhas e, tão depressa quanto possível, em flores. Por momentos, os olhos dela derramaram a sua luz azul sobre o meu rosto; mas não tardou a dizer: — Vi-o lá… no Dia da Unanimidade.

— Também eu a vi.

E logo me recordei de a ter visto apertada contra a parede, numa passagem estreita protegendo o ventre com as mãos. Involuntariamente, procurei com o olhar o ventre redondo que crescia sob o unif.

Ela deu pelo meu olhar e tornou-se esfericamente vermelha; até o sorriso dela se ruborizou ao dizer: — Estou tão feliz! Estou grávida, grávida até mais não, percebe? E vou andando por todo o lado, mas não ouço nada do que se passa à minha volta. Passo o tempo todo a escutar o que se passa dentro de mim, no interior de mim própria…

Fiquei calado. Tinha a tal substância pegada à cara, incómoda, não conseguia ver-me livre dela. E, de súbito, inesperadamente, com o olhar mais intensamente azul do que das outras

vezes, ela pegou-minha mão e senti nesta o contato dos lábios. Em toda a minha vida, não tinha nunca passado por uma experiência destas. Era uma espécie de carícia antiga que até ali ignorava, e foi tal a vergonha e a aflição que retirei bruscamente a mão, com uma rudeza nada habitual em mim.

— Está completamente fora de si. E não há motivo para isto… no geral, você… Que razões tem para estar tão contente? Esqueceu-se do que a espera, não esqueceu?…

Não perde pela demora. Se não for agora, é daqui a um mês, dois meses…

Apagou-se por completo; todas as curvas desincharam, murchas; quanto a mim, senti uma contração desagradável (para não dizer dolorosa), à mistura com um Senti-mento de piedade, no mais fundo do coração (o coração não passa de uma bomba ideal e falar de compressão, de contração, referidas à sucção dum líquido por uma bomba, é tecnicamente um absurdo; por aqui se vê até que ponto esses amores, piedades, etc., etc., que provocam a dita compressão, são essencialmente absurdos, pouco naturais, doentios).

Regressou a calma. À esquerda, o vidro nebulosamente verde do Muro. Em frente, o edifício vermelho-escuro da Casa da Antiguidade. E as duas cores, assim postas lado a lado, deram-me uma ideia que me pareceu brilhante.

— Espere! Já sei como a posso salvar. Vou poupá-la à situação de ver por momentos o seu filho e morrer logo a seguir. Vai poder criá-lo, compreende, vai vê-lo desenvolver-se, crescer, tomar forma, como um fruto, ao mesmo tempo que o embala nos braços.

Estremeceu, agarrou-se a mim, estreitou-me a si.

— Recorda-se daquela mulher? — continuei. — Já há uns tempos, uma vez em que dávamos o nosso passeio coletivo? Ela está ali, neste momento, está na Casa da Antiguidade. Vamos ter com ela, garanto-lhe que tudo se há- de arranjar, sem demora.

Com os olhos do espírito, vi-me, na companhia de E-, a conduzir O-através dos corredores. Ela estava ali mesmo, do outro lado do Muro, no meio das flores, folhas, ervas.

O-largou-me; os cominhos do seu crescente róseo estremeceram e descaíram para o queixo.

— É a tal mulher? — perguntou.

— Ora… — gaguejei, embaraçado, não sei porquê. — É, de fato… É ela mesma.

— E quer que eu vá ter com ela, que lhe peça, quer que… Não se atreva a pedir-me uma coisa dessas. Nunca!

Afastou-se a correr. Mas, como quem se tivesse esquecido de qualquer coisa, voltou-se e gritou: — Antes a morte, sim, eu prefiro morrer! E o problema não é seu… Para você, não é tudo igual (não é a mesma coisa)?

Mantém-se a calma. Por cima de mim chocam entre si os bocados de torres e muralhas que, a uma velocidade terrível, se vão tornando maiores; mas estavam destinadas a chocar entre si durante horas infindas, talvez dias. E os fios invisíveis continuavam a voar no ar, vagarosos, pegando-se às caras… E era impossível vermo-nos livres deles, desembaraçarmo-nos deles.

Fui andando sem pressa para a Casa da Antiguidade. No meu coração senti uma contração absurda, dolorosa.

Trigésima Entrada

O ÚLTIMO NÚMERO

O ERRO DE GALILEU

NÃO SERIA MELHOR SE…

Eis a conversa que tive ontem com E-, na Casa da Antiguidade, no meio do ruidoso clamor das cores vermelha, verde, amarelo-bronze, branco, laranja, tão berrantes que abafavam o fluir lógico dos pensamentos.

E, durante toda a conversa, tivemos sempre conosco o marmóreo sorriso daquele antigo poeta do nariz arrebitado.

Reproduzirei textualmente esta conversa porque, tanto quanto me parece, será de enorme, de decisiva importância para o destino do Estado Único e, o que é mais, de todo o Universo. E os meus desconhecidos leitores poderão encontrar aqui a minha justificação.

E-começou a falar abruptamente, sem preâmbulos: — Sei que depois de amanhã vais fazer a primeira experiência de voo do INTEGRAL. Nós vamos apoderar-nos dele nesse dia.

— Quê? Depois de amanhã?

— Sim. Senta-te, não te excites. Não há um minuto a perder. Há doze Mephis entre as centenas que os guardas prenderam. E se deixarmos passar dois ou três dias, estão todos perdidos.

Não respondi uma só palavra.

— Está combinado que vão enviar-te eletrotécnicos, mecânicos, físicos, meteorologistas, para observarem a experiência. Ao meio-dia em ponto, nota bem, quando tocar a campainha para o almoço e todos estiverem no refeitório, nós ficamos no corredor, fechamos as portas…e o INTEGRAL é nosso. Vai ter que ser assim, dê por onde der. Nas nossas mãos, o INTEGRAL será uma arma que ajudará a acabar com tudo de uma vez, rapidamente, sem dor. Quanto aos aeroscarros deles, deixa lá, não passarão de uma chusma de mosquitos atacando um falcão. E, se tiver que ser, viramos os exaustores do motor para baixo e basta isso para…

— Isso é impensável — respondi, sobressaltado. — É absurdo. Não vês que estás a preparar uma revolução.

— Uma revolução, sim. Mas porquê absurdo?

— É absurdo porque não pode haver revolução nenhuma. Porque a nossa revolução — sou eu que o digo e não tu — foi a última. Não pode haver mais nenhuma revolução. Toda a gente sabe que…

— Meu menino, tu és matemático — tornou-me ela, fazendo com o sobrolho ângulos agudos de escárnio. —És até mais, és filósofo- -matemático. Vamos: diz-me o último

número.

— Que é isso? Não… não percebo. Que último número?

— Ora essa! O último, o supremo, o maior de todos os números.

— Isso é absurdo, E-. Se o número dos números é infinito, que número é que tu queres que seja o último?

— E que revolução é essa que tu dizes ser a última? Não há última revolução. As revoluções são infinitas em número. A última revolução é coisa de crianças. O infinito assusta as crianças e é necessário que elas de noite tenham um sono descansado…

— Mas, pelo Benfeitor, que sentido… que sentido é que há em tudo isto? Que sentido faz, se toda a gente é feliz?

— Suponhamos… muito bem, suponhamos que é verdade. E depois? O que é que vem depois?

— Que engraçado! A pergunta é extremamente infantil. Conta-se uma história a uma criança, conta-se tudo, e mesmo depois de se acabar, elas perguntam sempre: «E depois? E porquê ?»

— As crianças são os únicos filósofos ousados. E os filósofos ousados são todos necessariamente crianças. E não podemos deixar de fazer a pergunta que fazem as crianças: « E depois?»

— Depois, não há mais nada. Acabou-se. Por todo o universo, em todo o lado, há um fluxo uniforme de…

— Ah… Uniforme, em todo o lado! Aí está ela, a entropia… A entropia psicológica. Para ti, matemático, não é claro que a vida está só nas diferenças —diferenças! —, na temperatura, apenas nos contrastes térmicos? E se por todo o lado, em todo o universo houver apenas corpos uniformemente quentes (ou uniformemente frios), há que afastá-los do caminho…Para que possam ser fogo, explosão, Gehenna! E o que nós vamos fazer é afastá-los do caminho.

— Mas, tens de compreender, E-, que os nossos antepassados fizeram isso, exatamente, durante a Guerra dos Duzentos Anos.

— E com razão o fizeram… Estavam cheios de razão. Mas cometeram um erro e foi o de crerem que era o último número que afinal… não existe… pura e simplesmente não existe na natureza. O erro deles foi o erro de Galileu: tinha razão quando afirmava que a Terra gira à volta do Sol, mas não sabia que o sistema solar gira todo ele à roda dum determinado centro; não sabia que a órbita real da Terra — não a relativa mas a real — não é de modo nenhum um círculo ingénuo…

— E quanto a vocês?

— Quanto a nós, sabemos que o número último não existe. Talvez um dia o esqueçamos. Não, não é talvez, vamos de certeza esquecer quando formos velhos, como acontece com tudo o mais. E aí vamos deixar-nos cair, tal como caem das árvores as folhas outoniças e, depois de amanha, tu… Não, não, querido, não tu! Porque tu és dos nossos… és dos nossos.

E, ardente, ciclônica, ofuscante (nunca a tinha visto assim), abraçou-me, envolveu-me todo, desapareci nela…

Por fim, olhando-me firme e fixamente nos olhos, disse: «Não te esqueças, ao meio-dia», e eu respondi: «Não, não me esqueço.»

Partiu. Fiquei sozinho no meio do agitado e discordante clamor dos azuis, vermelhos, verdes, amarelos-bronze, vermelhos-alaranjados… Sim, ao meio-dia… E de repente a absurda sensação da tal substância estranha que se me agarrava à cara e que não conseguia retirar. E de repente os acontecimentos de ontem de manhã, de U-e de tudo o que ela lançou em rosto a E-, da outra vez… Porque me recordei eu disso? Que absurdo…

Apressei-me a sair e corri, corri para casa o mais depressa que pude! Lá para trás ficaram os pios agudos das aves pairando sobre o Muro, enquanto à minha frente, como se fossem feitas de fogo cristalizado cor de framboesa, se erguiam os globos das cúpulas, os enormes edifícios cúbicos, a espiral da Torre Acumuladora, autêntico relâmpago congelado no céu. E eram todas essas coisas, toda esta Impecável beleza geométrica, era tudo isso que eu queria destruir com as minhas mãos! Não haveria outra alternativa, outro caminho?

Passei por um auditório (não me lembro do número dele). Lá dentro, os bancos amontoavam-se contra as paredes. No meio, as mesas estavam cobertas com panos de nívea fibra de vidro; sobre a alvura duma delas o sol derramava manchas cor de sangue. E em tudo isto se escondia um desconhecido (e estranho) amanhã. É pouco natural que um ser pensante e dotado de olhar viva entre irregularidades, e quantidades desconhecidas. Seria, julgo, como se, de olhos vendados, nos obrigassem a andar, a cambalear, sabendo nós que estávamos mesmo à beira, mesmo por cima dum precipício: mais um passo, um só passo, e não passaríamos de um bocado de carne esmigalhada, desfeita… Não seria esta a situação em que eu me encontrava?… E se, agora já, se atirasse cada um para o abismo profundo, por sua própria iniciativa? Não seria o grande meio de se resolver tudo rapidamente e de forma asseada?

Trigésima Primeira Entrada

A GRANDE OPERAÇÃO

PERDOEI TUDO

COLISÃO DE COMBOIOS

Estou salvo! No momento derradeiro, quando parecia não haver tábua de salvação a que me agarrar, quando tudo parecia perdido para sempre… como se alguém que tivesse já subido à terrível Máquina do Benfeitor e estivesse já funéreamente coberto pela Campânula de Vidro pudesse, uma última vez na vida, ver rapidamente o céu azul… D de repente percebesse que afinal tudo tinha sido um sonho. O sol ora rubro, ridente; e a parede do meu quarto — que alegria poder passar a mão sobre a frieza daquela parede… e o travesseiro… ah que bom poder beber para sempre a beleza da depressão que a nossa cabeça faz no travesseiro branco!

O que aí fica é a tentativa de expressar o que senti quando esta manhã li a Gazeta do Estado Único. O pesadelo tinha sido pavoroso… mas tinha acabado. E eu, homem medroso, eu, homem de pouca fé, eu pensava já em pôr deliberadamente fim à vida. Corado de vergonha ao ler as últimas linhas que escrevi. Mas, não faz mal, deixá-las ficar, sim, deixá-las ficar como recordação do incrível acontecimento que se podia ter dado e que agora jamais se dará… Jamais!

Na primeira página da Gazeta do Estado Único flamejava um *REJUBILEMOS!*

> *Doravante sois perfeitos! Até ao dia de hoje, a vossa descendência, os vossos vários mecanismos, eram mais perfeitos do que vós, COMO ASSIM?*
>
> *Cada chispa dum dínamo é uma chispa da mais pura razão; cada movimento dum pistão é um silogismo imaculado. Mas então não se encontra também dentro de vós a mesma razão infalível?*
>
> *A filosofia dos guindastes, das prensas e das bombas é tão perfeita e clara como um circulo desenhado por um compasso, Mas então será menos circular a vossa filosofia?*
>
> *A beleza dum mecanismo vem-lhe de ser imutável e exato, como o ritmo pendular. Então e vós que fostes alimentados desde a mais tenra infância com o Sistema Taylor, não vos tornastes tão exatos como pêndulos?*
>
> *Há, todavia, uma pequena diferença: O MECANISMO NÃO TEM FANTASIA Alguma vez vistes algum sorriso piegas, insensato, sonha dor estampado na fisionomia do cilindro duma bomba enquanto trabalha? Alguma vez vistes um guindaste deitado na cama, a suspirar, durante as horas destinadas ao repouso?*
>
> *NÃO, NUNCA!*

Mas, todos os dias e cada vez mais (corei de vergonha!), 09 guardas têm entre vós visto desses sorrisos e ouvido desses suspiros. E (cobri o rosto!) os historiadores do Estado Único estão a pedir a demissão para não terem que registrar nos anais acontecimentos tão ignominiosos.

Mas a verdade é que não mereceis qualquer censura, por que se trata de uma doença. E o nome dessa doença é FANTASIA!

A fantasia é um verme que abre nas vossas frontes sulcos negros. A fantasia é uma febre que vos leva a correr cada vez mais em frente, ainda que esse mais em frente comece onde« acaba a felicidade. A fantasia é a última barreira no caminho da felicidade.

Apesar de tudo isso, REJUBILEMOS

Foi demolida essa barreira.

O caminho está livre.

A localização do Centro da Fantasia é a última descoberta da ciência no Estado Único. O dito centro é um mísero nódulo cerebral na região da Ponte de Varoli. Com uma tripla cauterização deste nódulo pelos raios X, fica curada a fantasia… PARA SEMPRE!

Sois perfeitos; tais e quais máquinas; o caminho para a felicidade a cem por cento está agora aberto. Correi, pois, todos vós, novos e velhos, correi a fazer a Grande Operação! Correi para os auditórios onde a Grande Operação está a ser feita.

Viva a Grande Operação!

Viva o Benfeitor!

Se leram tudo isto não aqui nas minhas notas, que têm todo o ar dum frenético romance da antiguidade, mas nas páginas do jornal, ainda a cheirar à tinta da impressão, tremulando nas vossas mãos tal como tremula nas minhas, se viram como eu vi que tudo isto é a mais atual das realidades (se não de hoje pelo menos de amanhã), sentiram com certeza o mesmo que eu sinto. Não sentem a cabeça girar, tal como eu sinto a minha neste mesmo instante? Não sentem nas costas e nos braços o mesmo calafrio estranho, deleitoso, gelado? Não se sentem verdadeiros Titãs, Atlantes, que, soerguendo- -se, tocam inevitavelmente com a cabeça no vidro do teto?

Peguei no telefone:

— E-330. Sim, 330! — pedi, começando logo a seguir, em voz alta: — Estás a falar de casa, não? Já leste…hum… aquilo no jornal, leste? É uma coisa extraordinária…

— Sim — respondeu e ficou depois longa e obscuramente silenciosa, a ponderar, ouvindo-se apenas o zumbido do auscultador. — Tenho que me encontrar hoje, sem falta, contigo. Sim, na minha casa, às 16. Sem falta.

Como ela é querida, o meu amor. Sem falta, disse ela, e eu percebi que sorria, que não podia deixar de sorrir e de arvorar este sorriso pelas ruas, como um lampião, bem erguido acima da cabeça!

Aqui fora, o vento precipitou-se contra mim. Rodopiava, assobiava, tirava-me o fôlego, mas não conseguiu arrancar-me a alegria. Sopra, assobia… não me importo…não vais conseguir derrubar o Muro. E as nuvens, que pareciam de chumbo negro, rolavam e despedaçavam-se por cima de mim: que rolem, que se esfarrapem, não conseguirão jamais ocultar o sol… nós já o amarramos bem amarrado ao zénite, para sempre… somos Josués, filhos de Nun!

Na esquina duma rua estava um ajuntamento de Josués, filhos de Nun, de cara colada ao vidro duma parede. Lá dentro, estava já um número deitado em cima duma mesa alvíssima. Viam-se-lhe os pé que formavam um ângulo amarelo sobre toda aquela alvura; de branco, os médicos debruçavam-se todos sobre o outro extremo da mesa uma mão branca entregava a outra mão branca uma seringa cheia de líquido.

— Então? E os outros, porque é que não entram? —perguntei, dirigindo-me a ninguém em especial… ou, mais exatamente, a todos eles.

— Ora, e porque não tu? — disse uma cabeça redonda que se, voltou para mim.

— Eu entro mais tarde. Tenho de tratar primeiro de alguns assuntos…

Afastei-me, um tanto confuso. Era verdade que tinha de me encontrar primeiro com a minha E-. Mas, primeiro, porquê ? Não encontrei explicação.

No estaleiro. O INTEGRAL cintilava e luzia, todo azul e gelo. Na sala dos motores o dínamo zumbia, repetindo carinhosa e interminavelmente a mesma palavra, uma única, uma palavra familiar, uma palavra que era minha.

Debrucei-me sobre o tubo longo e frio dum dos motores.

Que tubo aquele, oh tubo querido! Amanhã vais voltar à vida; amanhã, pela primeira vez na tua vida, vais ser percorrido por um arrepio, vais ser atravessado por um jato de fogo ardente…

Com que olhos teria eu, contemplado este monstro poderoso de vidro se tudo hoje continuasse a ser como era ontem? Se eu soubesse que amanhã, ao meio-dia, ia traí-lo… sim, iria trair…

Alguém, por trás de mim, me tocou no ombro e, voltando-me, vi a cara de louça do Adjunto: — Já sabe? — perguntou.

— O quê… a Operação? Como é que tudo isto… estas coisas aconteceram de uma maneira tão… súbita ? Não é verdade?

— Não me refiro a isso. A experiência foi adiada para depois de amanhã. Tudo por causa da Operação. Tanta pressa, tantos esforços, para nada, afinal…

Tudo por causa da Operação,.. Que tipo tão limitado, este. Não é capaz de ver para lá desta cara de louça. Se ele soubesse que, a não haver este adiamento por causa da Operação, ele estaria amanhã ao meio-dia na gaiola de vidro do INTEGRAL, na sala de jantar, a rastejar, a trepar pelas paredes…

Às 15.30 estava no meu quarto. Entrei e… vi U-. Estava sentada à minha mesa, ossuda, ereta, com a bochecha direita apoiada na mão direita. Há muito que devia estar à espera, porque, ao levantar-se para me saudar, as impressões dos quatro dedos e do polegar

demoraram algum tempo a apagar-se- lhe da face; por momentos, recordei a sós comigo aquela manhã infortunada: ali, ao pé da mesa, ela, a olhar, furiosa, para E-. Mas durou só um segundo, porque tudo foi varrido pelo sol de hoje, como quando, num dia claro, por distração, acionamos o interruptor, ao entrar no quarto: a lâmpada acende-se, mas parece não existir, tão ridícula e desnecessária ela é, coitadinha.

Sem hesitar, estendi-lhe a mão, perdoando-lhe tudo; ela agarrou-me nas mãos, com força, apertou-mas com os dedos nodosos, ao mesmo tempo que as bochechas, pendentes como berloques antigos, estremeciam: — Tenho estado à sua espera — disse. — Só um minutinho… Apenas para lhe dizer como estou feliz e contente consigo. Amanhã ou depois, compreenda, estará ótimo, nascerá de novo…

Vi que estavam em cima da mesa as duas últimas folhas que escrevi, a entrada de ontem; lá estavam, tal como eu as tinha deixado na noite anterior. E se ela tivesse deitado o olho ao que lá estava escrito? Não tinha importância, de fato; tudo passara à história; estava tudo tão ridiculamente longe como quando se olha através de uns binóculos invertidos.

— Sim — respondi. — Andei agora mesmo a passear pela Avenida, e caminhava à minha frente um homem e a sombra dele projetava-se no pavimento. Era uma sombra luminosa, percebe? E pareceu- -me — não, tenho mesmo a certeza — que amanhã deixará de haver sombras, toda e qualquer sombra, seja ela de seres humanos ou de simples coisas; a luz do sol passará através de tudo!

— Que fantasista! — exclamou ela, terna e energicamente. — Nunca permitiria aos meus alunos falarem nesses termos…

E começou a contar-me histórias passadas com as crianças e disse-me como tinha se pegado a elas, em todas elas, e as tinha levado à operação, e de como tinha sido preciso amarrá-las, e de quanto «é necessário amar-se sem piedade… sim, sem piedade», e que, portanto, decidira finalmente…

Compôs a prega que o faixa azul-cinza fazia entre os joelhos, envolveu-me num sorriso, em silêncio, e saiu.

Por felicidade, o sol não tinha deixado de brilhar neste dia; continuava a andar e eram já 16 horas. Batia à porta e o meu coração batia contra as costelas…

— Entra!

Prostrei-me no chão, ao pé da cadeira, abracei-me às pernas de E-, atirei a cabeça para trás de modo a poder olhá-la nos olhos, ora num, ora noutro, e vi-me em cada um deles, fechado em maravilhoso cativeiro… Mas lá atrás da parede uivava a tempestade, as nuvens cor de chumbo eram cada vez mais grossas e mais pesadas…

Mas, deixemo-las andar… Na minha cabeça atropelavam-se as ideias; as minhas palavras amotinavam-se, tumultuavam e, obediente a uma ordem dada em voz alta, voava a par do sol, numa direção desconhecida … ou não, naquele momento já sabíamos perfeitamente para onde íamos; seguiam-nos os planetas, uns envoltos em fogo e povoados de flores de lume, que cantavam, e outros planetas mudos, azuis, onde as pedras racionais se aglomeravam em sociedades organizadas, planetas que tinham, tal como a nossa terra, atingido o cume do absoluto, os cem por cento da felicidade…

E, por cima de mim, bruscamente, ela: — Mas não achas que o cume consiste precisamente nessas pedras unidas numa sociedade organizada? —perguntou, continuando depois, com o triângulo a tornar-se mais agudo, mais obscura: — Quanto à felicidade, digamos que, hoje, os desejos torturam, afinal… não achas? É evidente que a felicidade só começa a existir quando já não há desejos, nem um único desejo. Que grande erro, que preconceito absurdo termos colocado à frente da felicidade um sinal mais. Deveríamos antes colocar o menos — o divino menos! —, evidentemente.

— O menos absoluto é 273 graus — lembro-me de ter murmurado, distraído.

— Precisamente, menos 273 graus. Bastante frio, mas não será isso a prova de que atingimos o cume?

Noutros tempos, há muito, ela falava de certo modo em mim, através de mim, moldando as minhas ideias. Mas agora havia nisso qualquer coisa de tão horroroso que não consegui suportar e, com grande esforço, deixei escapar um não.

— Não — respondi. — Estás a… estás a gozar…

Riu à gargalhada, desatou a rir à gargalhada, atingiu o ponto mais alto do riso… e aí parou. Silêncio. Pousou-me as mãos nos ombros. Olhou deliberada, longamente, para mim, puxou-me para cima e nada mais ficou do que os lábios dela, ardentes, em brasa.

— Adeus!

Este adeus chegava de longe, lá do alto, e demorou a abater-se sobre mim… talvez um minuto, uns dois minutos.

— Adeus? Que queres dizer com isso?

— Tu estás doente; por minha causa cometeste crimes… não sofreste com isso? Agora vem a Operação que te curará de mim. Por tudo isso, adeus!

— Não — gemi.

O ângulo tornou-se impiedosamente agudo, negro sobre branco:

— Como? Não queres a felicidade?

Estalou-me a cabeça, foi cada fragmento para seu lado: houve uma colisão de dois comboios lógicos, embrulharam-se um no outro, tudo desfeito, tudo em monte, no meio dum ruído ensurdecedor.

— Vamos lá, estou à espera. Escolhe: a Operação e os cem por cento de felicidade, ou então…

— Não posso viver sem ti, é impossível viver sem ti —respondi, ou talvez o tenha só pensado, não sei, só sei que E-o captou.

— Sim, eu sei — replicou ela e, sem tirar as mãos dos meus ombros, continuou: — Então, até amanhã. Amanhã ao meio-dia. Lembras-te?

— Não, amanhã não. O voo experimental foi adiado. É só depois de amanhã.

— Melhor para nós. Então, ao meio-dia… depois de amanhã.

Caminhava sozinho pela rua, sob o sol-poente. O vento, em rodopio, empurrava-me,

levantava-me no ar, fazia-me voar como um papel; os pedaços do céu de chumbo entrechocavam-se; estavam destinados a pairar no infinito por mais um dia ou dois dias… Os unifs dos que passavam por mim roçavam pelo meu, mas eu caminhava sozinho. Era evidente que todos eles estavam salvos, só para mim não havia salvação: eu não queria ser salvo.

Trigésima Segunda Entrada

NÃO ACREDITO

TRATORES

UM POBRE DESTROÇO HUMANO

Acreditam que hão-de morrer? Claro: o homem é mortal.

Eu sou homem, ergo… Não, não é isso… Eu sei que já sabem isso tudo. O que eu pergunto é o seguinte: alguma vez tiveram ocasião de o acreditar, de o acreditar de forma definida, de o acreditar não com a mente mas com o corpo, de sentir que os dedos que seguram esta página ficarão um dia amarelos, gelados…

Isso já não acreditam, evidentemente… E foi por isso que ainda não saltaram da janela dum décimo andar, é por isso que até agora têm continuado a comer, a virar as páginas, a fazer a barba, a sorrir, a escrever…

É esse o meu estado atual… sim, é esse mesmo. Sei que este minúsculo ponteiro preto do meu relógio vai atingir um certo ponto à meia-noite, e recomeçará depois a descer, depois voltará a subir, lentamente, atingirá um certo traço final e… será amanhã. Sei isso; mas também não acredito, ou por outra, parece-me que essas vinte e quatro horas são vinte e quatro anos. E é por isso que ainda consigo fazer alguma coisa, correr de cá para lá, responder a algumas perguntas, pular até à escotilha que me leva a bordo do INTEGRAL. Consigo senti-lo a balançar na água e compreendo que tenho de me agarrar à balaustrada… e sinto sob as mãos o frio do vidro.

Compreendo como os guindastes translúcidos e vivos, curvando os pescoços, semelhantes aos das aves, e estendendo os bicos, vão fornecendo terna e cuidadosamente ao INTEGRAL a comida terrivelmente explosiva que os motores exigem. E lá em baixo, no rio, vejo claramente vistas as veias azuis e as erupções que o vento produz nas águas. Mas tudo isso está muito longe de mim, é-me estranho e chato como um projeto desenhado numa folha de papel.

E é estranho que a cara chata e esquemática do Adjunto me diga de repente:

— Então, que quantidade de combustível levamos? Para três horas de voo… Ou para três horas e meia, digamos…?

À minha frente, em projeção, está a minha mão segurando uma tábua de logaritmos e nela o número 15.

— Quinze toneladas. Não… é melhor meter antes cem…?

Eu sabia, afinal, que amanhã… E, pelo canto do olho, vi a mão que segurava a tábua de logaritmos começar a tremer, imperceptivelmente.

— Cem toneladas? Mas para quê esse combustível todo? Vai dar para uma semana inteira. Uma semana?

Até para mais do que uma semana.

— Nunca se sabe se alguma coisa vai correr mal…

Quem sabe?…

Eu sabia.

Assobiava o vento. O ar parecia saturado de qualquer coisa que não se via. Tinha dificuldade em respirar, dificuldade em andar… e, com dificuldade, lentamente, sem parar, o ponteiro lá ia rodando no relógio da Torre Acumuladora, lá ao fundo da Avenida… O pináculo da torre, entre as nuvens, preguiçoso e azul, absorvia, roncando, a eletricidade. Roncavam também os tubos da Oficina Musical.

Como sempre, os números passeavam em filas de quatro.

Mas as filas eram, de certo modo, instáveis e, talvez por causa do vento, ondulantes, oscilantes. Cada vez mais. A certa altura as filas colidiram com qualquer coisa, à esquina, começaram a recuar, para depois estacarem, petrificadas, como um feixe sólido, apertado, ofegante.

Todos eles, subitamente, ficaram com longos pescoços de ganso.

— Olhem! Olhem para ali… depressa!

— Lá estão eles! Eles e não outros!

— Ah, não faço uma coisa dessas, por nada deste mundo. Por nada. Prefiro meter a cabeça na Máquina do Benfeitor…

— Não fales tão alto. Estás maluco…

Na esquina, a porta do auditório estava escancarada e dela sala lentamente, uma grossa coluna de quinze homens. Mas a palavra homens não é a mais adequada: não tinham pernas, tinham uma espécie de rodas pesadas, forjadas e movidas por um mecanismo invisível.

Não homens, mas uma espécie de tratores humanoides.

Nas cabeças, agitadas pelo vento, traziam uma bandeira branca com um sol bordado a ouro e, entre os raios deste sol, a inscrição: SOIS OS PRIMEIROS! FOSTES JÁ OPERADOS! FAZEI COMO NÓS! TODOS E CADA UM!

Lenta e irresistivelmente, embrenharam-se na multidão…

E tornou-se evidente que, se em vez de nós, ali estivesse um muro, uma árvore, um edifício, eles não teriam deixado de avançar decididamente contra o muro, a árvore, o edifício. Tinham já chegado ao meio da avenida.

Presos uns aos outros pelos braços, formaram uma cadeia que se virou para nós. Enquanto nós, feixe apertado de cabeças arrepiadas, esperávamos. Pescoços esticados de ganso. Nuvens. Vento a assobiar. Bruscamente, os que estavam nos extremos da cadeia, à direita e à esquerda, dirigiram-se para o centro, formando uma curva e, a um ritmo estonteante, como uma máquina pesada a escorregar por uma encosta, a cadeia veio ao nosso encontro, cercou-nos completamente… e levou-nos até à porta escancarada, fez-nos entrar, meteu- -nos dentro do auditório…

—Vamos na rede! Fujam! — bradou alguém.

Todos de enxurrada. Junto à parede do edifício havia ainda uma passagem estreita: todos correram para lá, com as cabeças momentaneamente transformadas em cunhas, os cotovelos, as costelas, os ombros, os quadris afiados, abrindo caminho. Pés desencontrados, mãos agitadas, unifs, tudo era despejado e jorrava à minha volta, em repuxo, como a água que sai sob pressão de uma mangueira. Por momentos, um corpo duplamente curvo, em forma de S, com um par de orelhas-asas translúcidas, entrou-me pelos olhos dentro… mas desapareceu instantaneamente, caído por terra, e eu fiquei de novo só no meio de mil braços e pernas que apareciam para logo desaparecerem; comecei a fugir…

Descanso breve, para tomar fôlego, numa soleira, com as costas coladas à porta… e logo um despojo humano veio chocar comigo, como que impelido pelo vento…

— Tenho-o seguido… tenho vindo a correr todo o tempo atrás de ti, não tenho nenhuma daquelas coisas…percebe? Não tenho! Estou preparada para…

Mãos rechonchudas, pequenas, agarradas à minha manga, olhos redondos e azuis… era ela, era O-. E aí, escorregando ao longo da parede, caiu redonda no chão.

Enroscou-se toda, como se fosse uma bola minúscula e ficou assim nos degraus frios, e eu debruçado sobre ela, afagando-lhe o rosto, aquele rosto… e as minhas mãos ficaram molhadas. Era como se eu fosse enorme e ela extraordinariamente pequena, uma pequena parte de mim próprio. Foi uma emoção completamente diferente da que sentia por E-e tive nesse momento a noção de que podia ser assim, entre os antigos, a afeição pelos filhos.

Vindo de baixo, quase inaudível por causa dos dedos que lhe cobriam o rosto, escutei: — Todas as noites, eu… seria incapaz de suportar… se me operassem… Todas as noites, sozinha no escuro, penso no bebê, constantemente, em como ele vai ser, como é que vou criá-lo… Com a operação, não me ficaria nada a que eu pudesse me apoiar, percebe?… E você tem a obrigação, tem a obrigação de…

Uma sensação absurda, mas convenci-me de que sim, de que tinha obrigação. Absurda, porque esta minha obrigação era mais um crime. Absurda, porque o branco não pode ser ao mesmo tempo preto, porque obrigação e crime não podem coincidir. A não ser que na vida não haja nem branco nem preto e que a cor dependa apenas de uma premissa lógica básica. E se a premissa, neste caso, era eu ter- -Ihe feito ilegalmente um filho…

— Está muito bem; mas não se vai opor… não se deve opor — disse eu. — Compreenderá que tenho de te levar até E-, como já lhe disse da outra vez, para que ela possa…

— Sim — concordou ela, numa voz dócil, sem tirar as mãos do rosto.

Ajudei-a a pôr-se de pé. Caminhamos em silêncio através da rua estreita, pelo meio dos edifícios mudos, plúmbeos, aqui empurrados e ali puxados pela ventania, ela absorta nos pensamentos dela, eu absorto nos meus, se é que não pensávamos ambos na mesma coisa.

Num momento de maior tensão, apesar dos uivos do vento, ouvi atrás de mim passadas que me soaram como se o caminhante patinasse num charco lamacento. E, ao virar duma esquina, voltei-me para trás. No meio das nuvens que se refletiam no vidro fosco do pavimento, avistei S-. E logo os meus braços ficaram esquisitos, deixaram de balançar ao

ritmo certo e comecei a contar a 0-, em voz alta, que amanhã… sim, amanhã… seria o primeiro voo do INTEGRAL, que seria um acontecimento sem precedentes, belo, maravilhoso… 0-, embasbacada, arregalou os olhos azuis e redondos, reparou nos meus braços ruidosamente descompassados; eu não lhe dei oportunidade para abrir a boca, continuei a falar, a falar, a falar sem parar. Mas lá no fundo, febrilmente, sussurrava e martelava em mim uma ideia única: « Não podes… não podes levá-la até à E-! Tens que arranjar maneira de a afastar do teu caminho…»

Em vez de virar à esquerda, virei à direita. Uma ponte oferecia- -nos a todos três (a 0-, a mim e ao S-) o seu dorso dócil e servilmente curvado. As luzes dos edifícios da outra margem pulavam para a água e fragmentavam-se em milhares de centelhas irrequietas que a espuma branca raivosamente reduzia a pó. O vento, por cima de nós, zunia como uma corda esticada. A corda dum contrabaixo descomunal. E, entre estas notas baixas, patinando constantemente atrás de nós…

A minha casa, finalmente. À entrada, O-parou, começou a balbuciar qualquer coisa como: «Não, prometeu-me que…», mas eu não a deixei prosseguir, empurrei-a decididamente para a entrada e penetrámos no vestíbulo.

Por cima da mesa da controladora pendiam as bochechas familiares, em constante oscilação; rodeava-a um compacto ajuntamento de números, entregues a uma acalorada discussão; do patamar do segundo andar espreitavam algumas cabeças; pela escada desciam vários números, cada um por sua vez. Mas tudo isso fica para depois. Sem perda de tempo, deixei 0-num recanto bastante afastado da mesa da controladora, sentei-me de costas para a parede (via no escuro a sombra duma cabeça grande a perambular para um e outro lado, no passeio, do outro lado da parede) e saquei do bloco.

0-deixou-se cair lentamente na cadeira. O corpo dela parecia evaporar-se, desaparecer dentro do unif, ficando ela reduzida a pouco mais do que o fato vazio e o olhar vazio que me afogava no azul do seu vazio.

— Porque me trouxe para aqui? Quer enganar-me? —disse, exausta.

— Não… fale baixo! Olhe ali… vê aquilo ali atrás da parede?

— Uma sombra.

— Anda sempre atrás de mim. Não posso levá-la comigo. Tem de compreender, não é possível. Escrevo umas palavras, dou-lhe o bilhete e vai sozinha. Ele não vai sair daqui, tenho a certeza.

Dentro do unif, o corpo cresceu, animou-se de novo, o ventre recuperou as formas redondas e o rosto iluminou-se -lhe com as cores dum amanhecer. Meti-lhe o papel entre os dedos gelados, apertei-lhe a mão com força, os meus olhos beberam pela última vez a luz dos olhos dela.

— Adeus! Pode ser que algum dia…

Retirou a mão da minha. Toda curvada, vagarosamente, deu dois passos, voltou-se rapidamente para trás e, num instante, vi-a ao meu lado, outra vez. Mexeu os lábios… e os olhos, os lábios, tudo nela me dizia uma certa palavra, uma só e a mesma, uma e outra vez, e o sorriso dela era insuportável, e a dor pungente… E, ao pé da porta, o destroço humano,

curvado, minúsculo, passou a ser uma sombra do outro lado da parede, uma sombra pequena que, sem olhar para trás se afastava rapidamente.

Acerquei-me da mesa de U-. Abanando, muito excitada, as mandíbulas, dirigiu-me a palavra: — Veja lá: parece que todos perderam a cabeça!

Aquele número de lá de cima, por exemplo, afirma ter visto, com os seus próprios olhos, uma espécie de homem, junto à Casa da Antiguidade, todo nu, coberto de pêlo como um animal…

— Sim, vi. E repito mais uma vez: vi-o, sim. Vi mesmo!

— disse uma voz vinda do vácuo, escutada atentamente por todos.

— Que nome tem isto, sabe? Será delírio?

E esta palavra delírio era por ela dita com tanta convicção, num tom tão inflexível, que perguntei a mim próprio: «realmente, não será isso que acontece comigo e o que se passa à minha volta?» Mas olhei para as minhas mãos peludas e recordei o que E-tinha dito: «Muito provavelmente, há umas gotas de sangue da selva em ti… Talvez seja essa a razão por que eu…»

Não, felizmente, não era delírio. Não, infelizmente, não era delírio.

Trigésima Terceira Entrada

NÃO HÁ SUMÁRIO, SÃO APONTAMENTOS MUITO APRESSADOS; ESTA É A ÚLTIMA…

É chegado o dia.

Sem perda de tempo, fui ler a Gazeta. Que leram os meus olhos? (a expressão é exata: naquele momento os meus olhos eram assim como uma caneta, como uma régua, objetos que se agarram, que se sentem na mão; os meus olhos eram me estranhos, eram instrumentos).

A proclamação era escrita em letras tão grandes que ocupavam toda a primeira página:

OS INIMIGOS DA FELICIDADE NÃO DORMEM. AGARRAI A FELICIDADE COM AMBAS AS MÃOS. AMANHÃ SERÁ SUSPENSA TODA A ATIVIDADE. TODOS VÃO SER SUJEITOS À OPERAÇÃO. OS FALTOSOS SÃO CANDIDATOS Á MÁQUINA DO BENFEITOR.

Amanhã! Será possível, irá haver amanhã?

Com gesto rotineiro levanto a mão (um instrumento) até à prateleira da estante para colocar a Gazeta junto das outras, dentro duma pasta com ornatos dourados. E, ao fazer este gesto, ocorreu-me: « Para que serve isto? Que diferença faz? Se nunca mais vou entrar neste quarto…»

E deixei cair o jornal no chão. Mas pus-me de pé e olhei em redor do quarto, de todo o quarto, centímetro a centímetro; à pressa, febrilmente reuni numa capa invisível todas as coisas que lamentava deixar ali. Mesa.

Livros. Cadeiras. E-tinha estado sentada na cadeira, uma vez, enquanto eu me sentava no chão, aos pés dela… A cama.

E durante um ou dois minutos esperei não sei que milagre: talvez tocasse o telefone, talvez ela me dissesse que…

Não. Nenhum milagre.

Vou-me embora, direito ao desconhecido. São estas as últimas linhas que escrevo. Adeus, leitores meus desconhecidos, a quem amei, com quem vivi durante tantas páginas, a quem eu, que entretanto contraí a doença da alma, revelei tudo o que há dentro de mim, tudo, até o parafuso mais torto, até a mola mais escangalhada.

Vou-me embora.

Trigésima Quarta Entrada

OS LIBERTOS

UMA NOITE DE SOL

UMA VALQUÍRIA NA RÁDIO

Ah, se eu ao menos me tivesse esmagado e esmagado os outros, se ao menos me tivesse encontrado com ela algures do lado de lá do Muro, entre os animais ferozes de dentuça amarela arreganhada, se eu não tivesse voltado para aqui! Tudo teria sido milhares, milhões de vezes mais fácil. Mas agora, o que virá a seguir? Correr a arrancar a vida àquela… Mas serviria para alguma coisa?

Não, não, não! Tem mão em ti, D-503! Firma-te bem num eixo lógico; carrega por instantes com toda a força na alavanca e, tal como um escravo da antiguidade, faz girar as mós do silogismo, até teres compreendido tudo o que se passou.

Quando cheguei a bordo do INTEGRAL, estavam todos nos postos respectivos, todas as células daquele favo de vidro estavam ocupadas. Sob a coberta de vidro, viam-se as pessoas, pequenas como formigas, diante das aparelhagens telefônicas, dos dínamos, transformadores, altímetros, ventiladores, mostradores, bombas e tubos.

Na câmara grande viam-se alguns números (provavelmente designados pelo Gabinete Científico) debruçados sobre as tábuas e os apetrechos de medição, acompanhados pelo meu adjunto e pelos dois assistentes.

Tinham todos três as cabeças enfiadas nos ombros e pareciam tartarugas; mostravam semblantes cinzentos, outoniços, tudo menos radiantes.

— Então como é que se sentem? — perguntei.

— Assim, assim. Meio assustados — disse um dos três, com um sorriso amarelo, pouco satisfeito. — É possível virmos a aterrar sabe-se lá aonde. De um modo geral, tudo é desconhecido…

Não suportava ficar a olhar para aquele trio, que, uma hora antes, tive vontade de excluir das Tábuas dos Mandamentos Horários, que desejei arrancar ao regaço materno do Estado Único. Faziam-me lembrar Os Três Libertos, cuja história é conhecida por todos os nossos estudantes. A história fala de três números que foram dispensados do trabalho, a título experimental; foi dito a cada um deles que podia fazer o que lhe apetecesse, ir para onde quisesse. Os míseros ficaram-se pelo local de trabalho habitual, que observavam de olhos ávidos.

Durante horas e horas fizeram em público uma série de gestos que se tinham transformado para eles numa necessidade física: serraram e aplainaram, pregaram com invisíveis martelos pregos igualmente invisíveis. Por fim, no décimo dia de liberdade, deram as mãos e, ao som do Hino, entraram na água e avançaram por ali adiante, até que a água os submergiu, pondo fim aos seus sofrimentos.

Era opressivo, repito, olhar para aquele trio. A minha vontade era ir- -me embora.

— Vou verificar a sala das máquinas — anunciei — e depois descolamos.

Faziam-me perguntas: qual a voltagem necessária para a explosão; qual a quantidade de água que era preciso deitar no tanque da popa, a servir de lastro. Dentro de mim, havia uma espécie de máquina falante que respondia rapidamente e com precisão a todas as perguntas; mas, subliminarmente, de forma contínua, eu estava ocupado só com os meus próprios pensamentos.

E, de súbito, num corredor exíguo, o meu eu subliminar foi invadido por qualquer coisa… E foi desse momento em diante que, rigorosamente falando, tudo começou.

Caras cinzentas, cinzentos unifs aglomeravam-se no corredor e, por segundos, houve uma cara que se sobrepôs a todas as outras. O cabelo cobria-lhe a testa, como uma pala a cobrir-lhe os olhos: era o mensageiro de E-. Concluí que estavam ali os companheiros dele e que não havia possibilidade de eu escapar, quando faltavam apenas alguns minutos — poucas dezenas de minutos.

Todo o meu corpo foi atravessado por um tremor infinitesimal, molecular (tremor que não me abandonou até ao fim), como se me tivessem metido dentro do corpo um motor enorme e, como a constituição do meu corpo era demasiado delicada, as paredes, as divisórias, as traves, as luzes tremiam.

Ignorava se ela se encontrava a bordo. Mas já não era altura de ir verificar. Vieram dizer-me para subir à cabina de comando: era hora de decolar… Para onde?

Caras cinzentas, nada contentes. A água riscada de rugas tensas. Um céu de placas de chumbo sobrepostas. E foi para mim tão difícil pegar no microfone como se o microfone e as mãos fossem feitos de chumbo negro: — Subida, 45°.

Explosão surda. Um abanão. Uma montanha de água verde-esbranquiçada na popa. A coberta (maleável, como borracha) ressaltou do solo e tudo lá em baixo, tudo o que era vida, tudo se afastou. Para sempre. Num instante tudo ficou longe, muito longe, tudo se esvaiu como no gargalo dum funil, o solo vítreo da cidade, as cúpulas redondas, o dedo solitário e plúmbeo da Torre Acumuladora. Momentaneamente, uma cortina de nuvens, todas ia e algodão. Ultrapassámo-la, rumo ao sol, rumo ao céu azul. Segundos, minutos, milhas; o azul escuro passou a negro, as estrelas emergiram como gotas de suor frio, prateado.

Depois foi a noite, feérica, insuportavelmente clara, negra, estrelada com um sol que cegava. De repente, ficámos a modos que surdos: os tubos continuavam a roncar, mas só os víamos, tinham emudecido. E ao sol aconteceu a mesma coisa: emudeceu.

Era natural, era exatamente disto que estávamos à espera. Tínhamos deixado a atmosfera terrestre. Mas acontecia tudo tão rapidamente e, a bem dizer, tão opressivamente, que todos à minha volta estavam pasmados, incapazes de falar. No meu caso, sob aquele céu mudo, tudo me parecia mais fácil, como se, vencido o derradeiro espasmo, tivesse ultrapassado o limiar inevitável e, livre do corpo, viajasse através dum mundo novo onde tudo tinha que ser diferente, de pernas para o ar…

— Mantenham a rota! — ordenei eu ao microfone… ou talvez não fosse bem eu mas sim

a máquina que tinha dentro de mim; e foi esta mesma máquina que, com mão mecânica e articulada, entregou o microfone ao Adjunto, enquanto eu, estremecendo todo, das unhas dos pés à raiz dos cabelos, com umas tremuras moleculares de que só eu tinha consciência, me levantava e corria à procura de…

A porta da sala continuava aberta, só dali a uma hora seria fechada e trancada… Junto da porta estava um número que eu não conhecia, um baixinho com uma cara igual a centenas e milhares dessas caras que se perdem na multidão, mas com uns braços invulgarmente compridos, com as mãos a tocar nos joelhos, dando a impressão de terem sido tirados por engano aos pertences doutro ser humano qualquer… Um dos braços ergueu-se e obstruiu-me a passagem: — Onde é que deseja ir?

Era para mim evidente que ele não sabia que eu sabia de tudo. E talvez fosse preferível assim, de fato. Olhando-o com superioridade, disse-lhe num tom intencionalmente rude:

— Sou o construtor do INTEGRAL. Sou o responsável pelo voo experimental. Compreende?

Sala dos comandos. Cabeças debruçadas sobre os instrumentos, os mapas, cabeças cobertas de cabelos brancos e outras amareladas, calvas, carregadas de anos.

Um olhar rápido bastou para as reconhecer todas; depois saí, percorri todo o corredor estreito e voltei para a sala das máquinas, descendo a escotilha. Aí, os tubos incandescentes devido às explosões libertavam um calor e um ruído insuportáveis. As manivelas em brasa executavam uma dança bêbeda, desesperada, frenética; os ponteiros oscilavam com um tremor quase imperceptível mas incessante. E foi então que, ao pé do tacómetro, de pé, vi o tal da testa baixa, agarrado a um bloco:

— Diga-me uma coisa — gritei-lhe ao ouvido, no meio do ruído circundante. — Ela está aqui? Onde é que ela está?

— Ela? — perguntou ele, deixando nascer um sorriso sob a testa sempre baixa. — Está ali. Na sala da rádio.

Dirigi-me para lá. Estavam lá três, todos com uns auscultadores que mais pareciam asas, e ela pareceu-me mais alta do que de costume, assim alada, aureolada, esvoaçante, como uma dessas valquírias antigas, e tive a impressão de que as enormes chispas azuis libertas pelo rádio aérea emanavam dela e que dela emanava também o forte cheiro a ozono provocado pelas descargas.

— Alguém que… podes ser tu… — disse, apontando para ela, meio tonto, possivelmente por ter corrido demasiado. — Preciso de transmitir uma mensagem para a terra, para o estaleiro. Vamos, vou ditar-te…

Havia uma cabine do tamanho duma caixa de fósforos junto à sala da rádio. Sentámo-nos à mesa, lado a lado.

Peguei-lhe na mão e apertei-lha com força: — Então como é? Que é que vai acontecer?

— Não sei. Não achas que é maravilhoso isto de… voar sem destino conhecido… e sem cuidar de saber qual é.

Daqui a nada é meio-dia e ninguém sabe o que está para vir. E quando cair a noite…

aonde é que estaremos tu e eu, à noite? Na relva, talvez, numa cama de folhas secas…

Ela libertava chispas azuis e um cheiro a ozono, como quando se dá uma descarga, e dentro de mim as tremuras aumentavam de frequência.

— Toma nota — mandei eu em voz alta e ainda meio atordoado (tinha corrido demasiado). — 11.30horas, velocidade 6 800…

Por sob os auscultadores alados, suavemente, sem levantar os olhos do papel, informou-me: — Ela foi falar comigo a noite passada, com um bilhete escrito por ti. Sei de tudo, tudo, não digas mais nada. A criança é tua, não é? Mandei- -a ir; a estas horas já lá está, do outro lado do Muro. Vai sobreviver.

Voltei para a cabine de comando. Novamente, a noite delirante, o céu negro estrelado, o sol ofuscante, de novo o ponteiro do relógio, saltando lentamente de um minuto para o seguinte; tudo coberto de neblina e tudo tremulando quase imperceptivelmente (só para mim).

Não sei por que razão passou-me pela ideia que seria melhor se tudo se passasse não aqui mas lá mais em baixo, mais perto da terra.

— Alto! Gritei ao microfone.

O INTEGRAL continuou em frente, devido à inércia, mas afrouxando cada vez mais. A certa altura, como se um cabelo invisível o puxasse, estacou; mas logo a seguir o cabelo partiu-se e o INTEGRAL começou a cair como uma pedra, cada vez mais depressa. Durante minutos, algumas décadas de minutos. Conseguia ouvir o meu pulso a latejar; o ponteiro dos minutos ia-se aproximando velozmente das 12.00. Para mim era evidente: eu era a pedra e E-era a terra. Eu era a pedra atirada ao ar por alguém, uma pedra com uma necessidade imperiosa de cair, de se quebrar na terra, de se desfazer em bocados.

Mas e se… (o azul vivo das nuvens continuava a ficar lá muito em baixo) e se…

A máquina falante que tinha dentro de mim pegou no microfone, com um gesto articulado, infalível, e ligou um comando de redução da velocidade: a pedra afrouxou a rapidez da queda. Ficaram só quatro tubos a arfar, cansados, dois na popa e dois na proa, fornecendo apenas a energia necessária para o INTEGRAL ficar neutralizado, como se estivesse ancorado, a cerca de um quilometro da terra, quase paralisado, apenas com um ligeiro estremecimento.

Todos convergiram para a coberta (estava quase a dar o sinal para o almoço) e, debruçados no gradeamento de vidro, devoraram com os olhos, sofregamente, o mundo desconhecido do lado-de-lá-do-Muro que se estendia por baixo de nós. Âmbar, verde, azul: a floresta outonal, as planuras, o lago. No rebordo duma pequena taça azul erguiam-se umas ruínas, ossadas amarelecidas, e um dedo mumificado, ameaçadoramente espetado… restos, provavelmente, da torre duma antiga igreja que por milagre se mantinha de pé.

— Olhem, olhem! Além, um pouco mais para a direita!

Lá longe, no ermo verde, voava uma mancha ou sombra parda. Tinha comigo os binóculos e levei-os maquinalmente aos olhos: era uma manada de cavalos castanhos de caudas oscilantes, galopando na pradaria, levando nas garupas negras uns seres de cor morena, branca, negra…

— Se eu lhe digo que distingo uma cara — dizia alguém atrás de mim.

— Cale-se lá! Dizer uma coisa dessas em público!

— Mas então peguem nos binóculos, vá. Estão aqui.

Sumiram-se cavalos e cavaleiros. Ficou apenas o ermo sem fim. E, no meio dele, invadindo tudo, envolvendo-nos a mim e aos outros… soou o toque estridente da campainha, a convocar para o almoço. Faltava um minuto para o meio-dia.

Todo um microcosmos desfeito em bocados, momentaneamente. Tilintou no chão a placa metálica com o número de alguém, não me importei nada de o ouvir estalar debaixo dos pés. «Estou a dizer que distingui um rosto». Um retângulo negro: a porta da sala aberta de par em par. Dentes brancos cerrados, com um sorriso aberto. E quando o relógio, infinitamente lento, começou a dar as horas, respirando entre cada toque, e as primeiras filas começaram a andar, o retângulo da porta foi subitamente atravessado por dois braços meus conhecidos, anormalmente compridos: — Alto!

Senti uns dedos enterrados na palma da mão: era E-, encostada a mim:

— Quem é? Conhece-o?

— Mas… não é dos seus…?

Ele tinha já pulado em cima dos ombros de alguém. A cara igual a centenas, a milhares de caras, única todavia entre todas as caras, erguia-se agora acima de cem caras: — Em nome dos Guardas! Vós a quem falo… metei na cabeça que os guardas me escutam… estão todos a ouvir-me. E só vos digo isto: nós sabemos. Não sabemos os vossos números, nem por sombras, mas, apesar disso, sabemos tudo. O INTEGRAL nunca será vosso. O voo experimental irá até ao fim e vocês , que ninguém se atreva a mexer um dedo. Continuareis a trabalhar até final, até ao regresso. E só então se acabará tudo.

Silêncio. Os quadrados de vidro sob os meus pés eram moles, como lã ou algodão, e as minhas pernas eram também de lã ou algodão, moles. Ela, ao meu lado, sorria com um sorriso alvíssimo; desprendiam-se dela centelhas azuis, frenéticas. Murmurava-me ao ouvido, entre os dentes cerrados:

— Ah, foi você ? Cumpriste o teu dever? Está bem…

Desprendeu a mão da minha; estava já longe de mim, muito à frente a valquíria de asas nos auscultadores. Só, calado, gelado, segui para o salão, juntamente com os outros. «Não, não fui eu… não fui eu. Não discuti nada com quem quer que fosse, só falei disto com as minhas páginas brancas, mudas » — ia eu dizendo interiormente, em silêncio, desesperado, mudo. Ela estava sentada à mesa, diante de mim, mas não olhou para mim uma única vez. Ao lado dela estava uma cabeça velha, calva, amarela. Ouvi-a a dizer-lhe: — A nobreza de carácter? Meu caro mestre, basta uma simples análise filológica dessa expressão para se concluir que é um mero preconceito, um resquício de antigas eras feudais. Ao passo que nós…

Senti-me empalidecer e convenci-me de que todos deram por isso. Mas a máquina que tinha dentro de mim executava as quinze mastigações prescritas para cada garfada. Fechei-me dentro de mim, como numa casa opaca daquelas de antigamente; bloqueei com pedras a porta exterior, fechei as persianas das janelas.

A seguir: o microfone na mão, o voo, um aperto de melancolia, gélida, derradeira, através das nuvens, rumo à noite estrelada, fria, ao sol ofuscante. Minutos, horas. E, evidentemente, um motor lógico, que eu não conseguia ouvir, continuava a trabalhar constantemente dentro de mim, a uma velocidade febril. Porque, de repente, em certo ponto do espaço azul, perfilou-se a minha mesa e sobre ela debruçaram-se as bochechas de peixe de U-, e por baixo delas estão duas folhas deste manuscrito… As folhas que me esqueci de esconder. E era evidente que só ela podia ter denunciado. Para mim era evidente.

Ah, se eu ao menos pudesse ir à sala da rádio… se eu pudesse! Auscultadores alados, o cheiro do ozono dos relâmpagos azuis… Lembro-me de lhe ter dito alguma coisa em voz alta; recordo-me também de ela dizer, olhando através de mim como se eu fosse de vidro, com uma voz que vinha de remotas paragens: — Estou ocupada… estou a receber uma mensagem lá de baixo. Pode ditar-lhe a ordem a ela… — disse, apontando outro número feminino.

Na caixa de fósforos adjacente, ditei com firmeza, depois de ter refletido durante um minuto: — Horas: 14.30. Descida. Desligar motores. Tudo terminado.

Sala das rotas. O coração do INTEGRAL tinha parado; estávamos em queda e o meu coração não acompanhava o ritmo desta queda. Ficava para trás, continuava a subir, saía-me pela boca. Nuvens, e depois uma mancha verde ao longe, um verde cada vez mais vivo, mais distinto, vindo ao nosso encontro, como um turbilhão. Não tardaria o fim…

A cara torta, de louça branca, do Adjunto. Provavelmente foi ele que me empurrou com tanta força, que me fez bater com a cabeça contra qualquer coisa e ouvir muito em surdina:

— Tubo da proa. Velocidade máxima!

Um salto violento para cima. Não me lembro de mais nada.

Trigésima Quinta Entrada

UMA ARGOLA

UMA CENOURA

UM ASSASSÍNIO

Não dormi toda a noite. Pensei apenas numa coisa.

Por causa do que aconteceu ontem, tenho a cabeça toda atada. E tenho a sensação de que não são simples ligaduras, de que é um arco, um arco implacável de aço vítreo, forjado à volta da minha cabeça, e no meio deste arco um único e invariável pensamento: matar U-, matar U-e voltar depois para ela, para E-, e perguntar-lhe: «Agora, já acreditas em mim?» O pior é que matar é uma coisa depravada, atávica. A ideia de partir a cabeça àquela criatura traz-me à boca a sensação de uma coisa repugnantemente doce e não sou capaz de engolir a saliva; cuspo a todo o momento para o lenço; tenho a boca seca.

Tenho no armário um bocado de cilindros que se partiram depois do lançamento e cuja natureza tenho de analisar ao microscópio. Fiz um rolo com todas as folhas do manuscrito (para que ela as leia até à última letra), as coloquei no cilindro no rolo e desci. A escada era interminável, os degraus eram escorregadios, viscosos; evitei limpar a boca com o lenço.

Cheguei ao rés-do-chão. O coração batia cada vez mais forte. Parei, tirei o cilindro do papel que o envolvia e dirigi-me para a mesa.

Mas U-não estava lá. Apenas a mesa de tampo nu, gelado; lembrei- -me de que todo o trabalho tinha sido suspenso e todos os números tinham sido levados para a Operação, pelo que não havia razão nenhuma para ela estar ali; não havia ninguém para ela registrar.

Na rua. Vento. O céu parecia forrado de chumbo. E, tal como ontem, a certa altura, aconteceu: o universo fragmentou-se em pedaços isolados, individuais e cada um deles, na sua interminável queda, parava um instante, ficava imóvel por cima de mim e evaporava-se sem deixar vestígios.

Suponhamos que as letras negras e exatas desta página começavam bruscamente a contorcer-se e a fugir para um e outro lado, amedrontadas, não ficando no papel uma única palavra reconhecível, ficando apenas uma série de charadas, que amedrontam em vez de serem amedrontadas, como uma única palavra. Ora, a multidão espalhada pela rua era muito parecida com isso: tudo desalinhado, cada um a correr para seu lado, uns para a frente, outros para trás, uns de encontro aos outros, tudo às avessas. E, de repente, ninguém. Momentaneamente paralisados, num segundo andar, numa gaiola de vidro suspensa, um número masculino e um número feminino, beijando-se; separaram-se logo a seguir, como um todo que se parte em dois. Pela última vez, para sempre.

Numa esquina, um matagal movediço de cabeças. Sobre as cabeças, no ar, uma bandeira com as palavras: «ABAIXO A MÁQUINA DO BENFEITOR! ABAIXO A

OPERAÇÃO!» E, separado de mim, o meu eu, pensando continuamente: «Será possível que cada um de nós sofra de uma dor interior que só será extirpada se ao mesmo tempo nos extirparem o coração, será possível que todos nós tenhamos de fazer alguma coisa para…» E por momentos, em todo o universo, não existiu coisa alguma a não ser uma mão animalesca (a minha) transportando um bocado de ferro forjado…

A seguir, uma criança; tinha uma mancha na cara, sob o lábio inferior. Esta era arregaçado, parecia uma manga; todo o rosto era por isso deformado. Gritava e tentava fugir, correndo tanto quanto as pernas lhe consentiam…

Ouvi um tropel de passos correndo atrás dele.

— É verdade — concluí, ao vê-lo. — U-deve estar na escola; vou já para lá.

Corri para a primeira estação de metro. Ao descer o primeiro degrau, alguém me informou, enquanto se afastava rapidamente:

— Não há metro! Hoje não há metro! Está a acontecer não sei o quê lá em baixo…

Desci. Era o delírio geral. Sóis de cristal facetado acesos.

Uma plataforma repleta de cabeças. Um comboio paralisado nos carris. E, no meio do silêncio, uma voz.

Não a vi a ela, mas conheci logo de quem era aquela voz timbrada, maleável como um chicote, cortante; e lá avistei ao longe o ângulo agudo das sobrancelhas arrebitadas nas têmporas.

— Deixem-me passar — gritei. —Deixem-me passar! Tenho que…

Mas alguém me agarrou os braços, os ombros. E no silêncio uma voz:

— Não. Corram já para cima. Vão ser curados, e ficarão saciados da mais suculenta felicidade, saciados até mais não poder ser e, assim, com as barrigas cheias, dormirão em paz, organizadamente, ressonando com o ritmo certo… Nunca ouviram a grande Sinfonia Ressonante? Que engraçados que são… Vão lá receber um vermífugo contra esses pontos de interrogação que se contorcem como lombrigas, que os roem e torturam como lombrigas, enquanto estão aqui a escutar-me. Vão lá depressa, vão fazer a Grande Operação! Que lhes importa se eu ficar aqui sozinha? Que se lhes dá se eu não quiser que desejem em meu nome, se eu quiser ter os meus próprios desejos… se quiser desejar o impossível…?

Respondeu-lhe uma voz lenta, ponderada: — Ora, o impossível? Significa afastar as fantasias loucas que se saracoteiam em frente dos nossos narizes? Não; nós agarramo-las pelo rabo, esmagamo-las com os pés e…

— E depois comem-nas, começam a ressonar… e vão precisar de novos rabos a saracotear-se à frente do nariz.

Diz-se que os antigos tinham um animal chamado burro.

Para o fazerem andar, andar sem parar, penduravam uma cenoura num fio, mas de maneira que o burro não pudesse alcançá-la. Só quando conseguia alcançá-la é que a podia comer.

De repente largaram-me; fui-me aproximando do ponto central, onde ela estava a falar…

E nessa altura armou-se uma grande balbúrdia; lá de trás veio um grito: — Eles estão vindo, estão vindo para cá!

As luzes , apagaram-se todas… cortaram a energia… e houve uma avalanche de gritos, uivos, cabeças, dedos…

Não sei quanto tempo durou o atropelo no túnel do metrô, até chegarmos às escadas mergulhadas nas trevas, mas logo a seguir iluminadas. Chegamos por fim à rua e dispersámo-nos em todos os sentidos.

Vi-me só. Vento. Crepúsculo pardacento, baixo, mesmo por cima da minha cabeça. No vidro úmido do passeio, lá muito no fundo, candeeiros invertidos, paredes, figuras caminhando de pernas para o ar. E a abobada de ferro insuportavelmente pesada que levava na mão puxava-me para as profundas do abismo.

U-não se encontrava ainda sentada à mesa e o quarto dela continuava deserto, às escuras.

Subi para o meu quarto, acendi a luz. Latejavam -me as têmporas, metidas no arco; pus-me a passear pelo quarto, espartilhado pelo arco circular: a mesa, o fragmento de ferro em cima da mesa; a cama, a porta, a mesa, o fragmento branco. No quarto da esquerda, as persianas estavam abertas. No da direita, uma cabeça calva, com bossas, uma testa parabólica, enorme, debruçada sobre um livro. As rugas que lhe riscavam a testa eram uma série de linhas impressas, ilegíveis, amarelas. De quando em quando os nossos olhares encontravam-se e eu sentia que aquelas linhas amarelas me diziam respeito.

Foi às 21 em ponto. Apareceu U-. Na minha memória há um único facto preciso: a minha respiração era tão ofegante que até eu a ouvia distintamente e a minha preocupação era respirar mais baixo, mas… não conseguia.

Ela sentou-se, compôs a prega do unif entre os joelhos. As mandíbulas de peixe abanavam.

— Então, meu querido amigo, é verdade que foi ferido? Assim que me contaram, vim logo a correr.

O pedaço do cilindro estava à minha frente, em cima da mesa. Levantei-me, a minha respiração era cada vez mais ruidosa. Ela ouviu-me, deixou uma palavra a meio e, por qualquer razão, pôs-se também de pé. Eu via-lhe já na cabeça o melhor lugar para a atacar; na boca, senti um gosto adocicado, repugnante. Procurei o lenço, não o encontrei, cuspi no chão. O que morava do outro lado da parede, à direita, o tal que tinha umas letras amarelas que me diziam respeito, esse não podia dar conta de nada; a coisa seria ainda mais repulsiva se ele visse.

Carreguei no botão (é certo que eu não tinha o direito de o fazer, mas não me interessava nada, nestas circunstâncias, pensar nos direitos que tinha, carreguei e as persianas desceram). Ela, instintivamente, percebeu e foi deslizando para a porta. Mas eu passei-lhe à frente e, arfando, sem tirar nunca os olhos da parte da cabeça em que…

— Perdeu… perdeu a cabeça! Não se atreva a…

Voltou atrás, sentou-se (ou deixou-se cair) na cama, meteu, tremendo, as mãos unidas entre os joelhos. Sem nunca a perder de vista, saltei e estendi a mão para a mesa (só a mão se moveu) e agarrei o pedaço de cilindro.

— Suplico-lhe! Um dia… só mais um dia! Amanhã… vou amanhã já… Vou fazer tudo o que…

Que estava ela a balbuciar? Impeli o braço para trás…

Foi como se a tivesse matado. Sim, desconhecidos leitores, têm todo o direito de me chamar de assassino.

Sei que lhe teria dado com o pedaço do cilindro de ferro na cabeça, se ela não tivesse gritado: — Por… por amor de… Estou de acordo… um momento!

Com mão trémula desabotoou o unif e estendeu na cama as carnes flácidas e amarelas. Só então me apercebi do que se passava: ela julgou que eu tinha fechado as persianas para… que o que eu queria era…

Foi tão inesperado, tão estúpido, que desatei a rir à gargalhada. E logo a mola comprimida dentro de mim saltou; a mão perdeu a força, o pedaço de cilindro caiu no chão. E, nesse momento, aprendi por experiência própria que o riso é a mais temível de todas as armas, que é possível aniquilar tudo com o riso, até o assassínio.

Sentado à mesa, eu ria, com um riso desesperado, derradeiro, e não via forma de escapar àquela situação absurda. Não sei como tudo iria acabar se as coisas seguissem o seu curso natural. Mas, aí, surgiu um fator externo, repentino: tocou o telefone.

Correndo, peguei no auscultador. E se fosse ela? E no receptor soou uma voz desconhecida: — Um momento…

Zumbido interminável, extenuante. Primeiro, passadas à distância, que entretanto se foram aproximando, cada vez mais nítidas, sonoras como bronze e…

— D-503? Olá! Daqui fala o Benfeitor. Venha à minha presença sem demora.

Clique. Desligou. Nada mais. Clique.

U-continuava na cama, de olhos fechados, com um sorriso rasgado de orelha a orelha. Apanhei do chão as roupas, atirei-lhe com elas e disse entre dentes: — Pega e comece a se mexer. Rápido!

Soergueu-se apoiada no cotovelo; as mamas caíam-lhe todas para um lado, os olhos eram redondos; toda ela era de cera.

-Quê?

— Isso mesmo. Vamos se vista!

Toda embrulhada nas vestimentas, deixou escapar: — Vire-se para lá…

Virei-me, encostei a testa ao espelho. O espelho estava negro, úmido; dentro dele tremulavam luzes, vultos, reflexos. Não: era eu, era tudo dentro de mim. Porque é que Ele me convocava? Seria possível que ele soubesse dela, de mim, de tudo?

Já vestida, U-estava à porta. Aproximando-me dela, peguei-lhe nas mãos, apertei-lhas com força, como se daquelas mãos quisesse espremer, gota a gota, tudo o que me interessava saber:

— Vejamos. O número dela… sabe perfeitamente de quem falo… deu o número dela?

Não? Fale verdade, preciso saber… A mim não me faz diferença, mas tenho que saber a verdade…

— Não, não dei.

— Não? Como é que não, se já foi lá apresentar o relatório?

De repente, ficou com o lábio inferior arregaçado, como o do garoto, e as lágrimas escorriam-lhe pelo rosto abaixo: — Porque tive medo… que você… se eu tivesse falado nela… deixasse de gostar de… ah, como é que eu pude fazer uma coisa que… não devia ter feito o que fiz.

Compreendi. Era verdade. A verdade absurda, cômica, humana. Abri a porta.

Trigésima Sexta Entrada

PÁGINAS EM BRANCO
O DEUS DOS CRISTÃOS
SOBRE A MINHA MÃE

É estranho, parece que tenho na cabeça uma página em branco. Não me lembro do que andei até lá, do que tive de esperar (sei que esperei); não me lembro de nada, nem de um simples ruído, de uma simples cara, de um simples gesto. Era como se tivessem sido cortados todos os fios que me ligavam ao universo.

Cheguei e fui logo à presença d'Ele. Receava levantar os olhos. Só me recordo das Suas enormes mãos de ferro pousadas nos joelhos. As Suas mãos comprimiam-No, faziam vergar os Seus joelhos, que tremiam um pouco. O

Seu rosto erguia-se mais acima, entre a névoa, e era por a Sua voz descer lá do alto que não soava como o trovão, não me atroava os ouvidos, antes se me afigurava semelhante a uma voz humana normal: — Então… és tu, o construtor do INTEGRAL? Tu, a quem foi dada a oportunidade de ser o maior dos conquistadores? Tu cujo nome deveria inaugurar um novo e mais glorioso capítulo na história do Estado Único… Também tu?

O sangue subiu-me à cabeça, às faces, e depois… outra página em branco. Ficou-me apenas a recordação das têmporas a latejar e da voz que ecoava lá no alto, mas nada de palavras. E só quando Ele se calou é que dei por mim. Vi a mão d'Ele estremecendo, como se pesasse centenas de quilos; começou a erguer-se e um dedo apontou rigidamente para mim: — Então? Porque te calas? «Ele é um carrasco». Li no teu pensamento, não foi?

— Sim — respondi humildemente.

Daí por diante ouvi nitidamente tudo quanto Ele dizia: — E estás então convencido de que eu tenho medo dessa palavra? Já experimentaste descascá-la a ver o que tem lá dentro? Eu vou mostrar-te. Recorda-te: uma colina sobre um fundo crepuscular, uma cruz, uma multidão; alguns homens cheios de sangue, no alto da cruz, crucificando um corpo; outros, lavados em lágrimas, ao pé da cruz, olhando para o alto. Não te parece que o papel dos que estão lá em cima é o mais difícil, o mais importante? Sem eles no elenco, teria sido possível encenar esta magnífica tragédia? A multidão obscura apupava-os, mas Deus, o autor da tragédia, não pôde deixar de os remunerar generosamente. Mas afinal de contas o Deus Misericordiosíssimo dos cristãos, que queima os contumazes no fogo lento do Inferno… o que ele é senão um carrasco? Olha os autos-de-fé e as tochas vivas… o número dos que foram queimados pelos cristãos é inferior ao número dos cristãos que foram queimados? E mesmo assim (repara bem nisto!), mesmo assim esse teu Deus foi durante séculos glorificado como Deus do Amor. Será absurdo? Não. Pelo contrário, é a prova clara, assinada com sangue, do bom senso indestrutível do homem. Mesmo quando não passava de um selvagem cheio de pêlos, ele tinha já entendido que o amor algébrico

para com a humanidade é infalivelmente inumano e que um dos sinais infalíveis da verdade é a sua crueldade. O principal sinal para se reconhecer o fogo é o fato de ele queimar. Mostra-me lá um lume que não queime. Anda, apresenta argumentos, vá! Discute comigo!

Como podia eu discutir com Ele? Como podia eu discutir com Ele, se tinham sido aquelas, até ali, as minhas ideias… muito embora nunca tivesse conseguido revesti-las de uma armadura tão bem forjada e brilhante? Fiquei calado.

— Se o teu silêncio significa que estamos de acordo, falemos como falam os adultos depois de as crianças terem ido para a cama. Vamos conversar tudo até final. Pergunto: qual é a coisa que os homens, desde o berço, pedem? A coisa com que sonham, com que se torturam a si próprios? Todos querem encontrar alguém que lhes diga de uma vez por todas o que é a felicidade… e que depois os amarre bem à felicidade, com cadeados. Não é isso mesmo o que nós fazemos hoje? O velho sonho do Paraíso… Repara que no Paraíso ninguém sabe o que seja desejo, piedade, amor… Quem está no céu são os bem-aventurados que se sujeitaram à fantasioctomia (e é por isso mesmo que são bem-aventurados), são os anjos, são os servos de Deus. E agora, no exato momento em que tinhas realizado esse sonho, quando o tinhas já na mão, assim (aqui fechou as mãos com tanta força que, se tivesse nas mãos uma pedra, ela não deixaria de esguichar sumo…), quando só te faltava pegares na presa para a fazeres em postas e a distribuíres à tua volta…nesse momento, tu… tu…

Inesperadamente, o zumbido metálico foi interrompido.

Eu estava vermelho como o ferro que na bigorna espera o martelo. O martelo pairava imóvel sobre mim e esperar que ele caísse era o mais… o mais terrível de tudo…

Bruscamente:

— Que idade tens?

— Trinta e dois anos.

— Tens o dobro de dezesseis anos e a tua ingenuidade é a de um adolescente. Presta atenção: será possível nunca te ter passado pela ideia que eles (não sabemos ainda os números deles, mas tenho a certeza que vamos sabê-los através de ti…), eles, afinal só te queriam por seres o construtor do INTEGRAL, só porque podiam, servindo-se de ti…

— Basta! Basta! — gritei, como quem faz das mãos escudo e suplica a uma bala: «Pára!», grito ridículo que nem a própria vítima ouve, porque a bala já penetrou nele e já o prostrou no chão. Sim, de facto, eu era o construtor do INTEGRAL. Sim… e, de repente, no tempo dum relâmpago, surgiu-me a cara furiosa da U-, de mandíbulas rubras e pendentes, como naquela manhã em que ela e E-entraram juntas no meu quarto.

Lembro-me perfeitamente: desatei a rir, ergui os olhos. À minha frente estava sentado um homem calvo, socraticamente calvo. Com a calva toda coberta de gotas de suor.

Como tudo era simples. Como tudo era magnificamente banal, tão banal e simples que dava vontade de rir. As gargalhadas sufocavam- -me, nasciam em mim como vagas incessantes. Levei a mão à boca e pus-me em fuga, à toa.

Passos na escada. Vento. Humidade, fragmentos de luz, de rostos. E, ao correr, não

deixava de pensar: «Não, tenho que ir ter com ela! Tenho que a ver, nem que seja só mais uma vez!»

Aqui aparece outra página em branco. Só me lembro de pés. Não de pessoas, só de pés. Centenas de pés que confusamente batiam no pavimento, que caíam não sei donde: uma chuva de pés. E uma espécie de cantiga brincalhona, provocante, e também um grito (dirigido a mim, possivelmente): «Eh, eh, anda para aqui, junta -te a nós!»

E depois uma praça deserta, varrida por uma ventania contínua. No centro da praça, uma coisa viscosa, pesada: a Máquina do Benfeitor. E, por causa desta máquina, veio-me à ideia uma imagem conhecida, refletida, aparentemente inesperada: uma almofada ofuscantemente branca e, reclinada sobre ela, uma cabeça de mulher, de olhos semi -cerrados, com uns dentes afiados e iguais, como os duma serra… Tudo incongruentemente, horrivelmente relacionado com a Máquina. Sabia qual a natureza desta relação, mas não queria ainda vê- -la, dizer-lhe o nome em voz alta… não queria, não podia.

Fechei os olhos e sentei-me nos degraus que davam acesso à Máquina. Devia estar a chover: tinha a cara molhada. Ouviam-se algures, ao longe, gritos abafados.

Mas ninguém, ninguém me ouviu gritar: «Salvem-me!

Livrem-me de tudo isto!»

Se ao menos tivesse mãe… como tinham os antigos…

Uma mãe minha, sim, uma mãe só para mim… Se eu fosse para ela não o construtor do INTEGRAL, não um número, D-503, nem uma molécula do Estado Único, mas uma parte da comum humanidade, um bocado dela, um bocado espezinhado, esmagado, triturado… E se, ao crucificar ou ao ser crucificado (talvez as duas coisas sejam a mesma coisa), ela ouvisse o que ninguém mais ouve, se os lábios dela, os seus lábios velhos, encarquilhados e enrugados…

Trigésima Sétima Entrada

INFUSÓRIOS

O DIA DO JUÍZO

O QUARTO DELA

Esta manhã, no refeitório, o meu vizinho da esquerda bichanou- -me ao ouvido, com voz amedrontada: «Anda, come! Estão todos a olhar para ti!»

Sorri, fiz todos os esforços possíveis. E senti que aquele sorriso abria uma brecha no meu rosto: era eu a sorrir e os rebordos da brecha a dilatarem-se, provocando uma dor cada vez mais profunda.

E aconteceu depois o seguinte: mal eu tinha conseguido espetar um cubo de nafta comestível, o garfo caiu-me da mão e bateu no prato… o que fez estremecer e ressoar as mesas, as paredes, os pratos, o ar, ao mesmo tempo que do lado de fora das portas de ferro se produzia um estampido ensurdecedor que se ergueu até ao céu, acima das cabeças e dos prédios, indo morrer ao longe, em círculos quase inaudíveis, como faz uma pedra atirada à água, mas neste caso os círculos eram cada vez mais pequenos, em vez de serem cada vez maiores.

Por momentos vi os semblantes paralisados, sem cor, vi as bocas paradas, o ato de mastigar e os movimentos dos garfos interrompidos. Sobreveio logo a seguir a confusão, desconjuntaram-se as calhas ajustadas há séculos, tudo saltou dos respectivos lugares (sem sequer se ter cantado o Hino), todos deixaram de mastigar e, de boca cheia, perguntavam uns aos outros: «O que foi? O que aconteceu? O que vem a ser isto?» E todos aqueles fragmentos caóticos do Estado Único, cujo mecanismo foi noutros tempos tão bem proporcionado, tão magnificente, foram cada um para o seu lado, correndo, de elevador, pelas escadas, misturando-se o ruído dos passos com fragmentos de palavras que faziam pensar nos pedaços rasgados duma carta transportados por um redemoinho.

Da mesma maneira se dispersavam os habitantes dos prédios próximos e, num segundo, toda a avenida fazia lembrar uma gota de água vista ao microscópio: confinados dentro da gota transparente, os infusórios empurravam-se para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo.

— Ah! — exclamava alguém com voz triunfante. — Vi diante dos meus olhos a nuca de alguém que apontava com o dedo para o céu; recordo-me perfeitamente da unha amarela, rosada, com uma parte branca como um crescente que desponta no horizonte. E aquele dedo era como um compasso. Voltados para o céu, seguiam-no centenas de olhos.

Fugindo de invisíveis perseguidores, as nuvens corriam, chocavam, umas com as outras, davam saltos de rã; da mesma cor das nuvens, os aerocarros dos guardas estendiam as trombas dos tubos espiões e lá mais para a frente, a oeste, via-se uma coisa que parecia…

A princípio ninguém percebeu o que fosse… nem mesmo eu que (infelizmente) sabia mais

do que os outros.

Parecia um enxame incontável de aeroscarros negros, uns pontos quase invisíveis, velozes, a uma altura incrível.

Aproximaram-se mais. Sons roucos caindo do alto como pingos de chuva e, finalmente, sobre as nossas cabeças…

Aves. Enchiam o céu de triângulos agudos, negros, perfurantes, ameaçadores; o vendaval obrigava-as a pousar nas cúpulas, nos terrenos, nas colunas, nas varandas.

— Ah, ah!

O pescoço triunfante rodou e reconheci o tipo da testa descaída. Mas, das características anteriores, o que nele permanecia era só, a bem dizer, o nome. Emergia por baixo da própria testa e, à volta dos olhos e da boca, apareciam uns raios que mais pareciam madeixas de cabelos. Sorria.

— Está a perceber? — gritava ele por entre o uivo do vento, o bater das asas, os roncos. — É o Muro…percebe? Eles derrubaram o Muro! Você per-ce-beu?

De relance vi, ao longe, uma série de vultos cabisbaixos, correndo para as portas, para os edifícios. No meio da rua deslizava uma avalanche enorme… tão grande que parecia avançar lentamente… uma avalanche formada por todos os que tinham sido submetidos à fantasioctomia; dirigiam-se para oeste.

Raios como madeixas de cabelos em volta dos olhos…

Peguei-lhe na mão:

— Diga-me onde é que ela está… Onde está E-? Está lá, do outro lado do Muro ou… Tenho que a ver, está a ouvir? Imediatamente. Não posso aguentar esta…

— Está aqui, ela — gritou-me com uma voz jovial, mostrando-me os dentes fortes, amarelos… — Está aqui, na cidade, a atuar. Ah, e nós também atuamos.

Onde estávamos? Quem era eu?

Rodeava-o uma meia centena de homens como ele, emergindo por trás das próprias testas altas, ruidosos, alegres, com dentes fortes. Engolindo o vento com as bocas ávidas, acionando de vez em quando os eletrocutadores (onde é que eles os teriam arranjado?) que eram inofensivos á vista, também eles seguiam na direção do oeste, atrás dos que tinham feito a Operação, mas formando um círculo que tapava já a 48.a Avenida, paralela.

Tropeçando nos cabos enredados pelo vento, corri à procura dela. Para quê? Não sabia. Tropeçava. As Ruas desertas; a cidade estranha, bárbara; os pios incessantes, triunfais, das aves; O Dia do Juízo. Atrás dos vidros das casas vi, em vários edifícios (ficou-me isso profundamente gravado na memória), números fêmeas e machos copulando sem vergonha, com as persianas escancaradas, sem terem requisitado os cupons cor-de-rosa, assim, à luz do dia.

Um prédio, o prédio dela, com as portas abertas de par em par. Ninguém na secretária do controlador, no rés-do-chão. O elevador tinha ficado parado a meio do percurso.

Já recomposto, comecei a subir a escada interminável.

Um corredor. Os Números nas portas, faiscantes, céleres como raios duma roda que gira: 320, 326, 330… sim, E-330! E através da porta de vidro pude ver claramente que tudo no quarto estava quebrado, confuso, amarrotado. A cadeira estava caída, de pernas para o ar, semelhante a um animal doméstico morto. A cama não estava encostada à parede, estava toda de esguelha. No chão, cupons cor-de-rosa, como pétalas de rosa atiradas ao chão e espezinhadas.

Baixei-me, apanhei um, outro, mais outro: todos tinham o número D-503; em todos estava eu; havia em todos um pouco de mim próprio, emporcalhado. E era o que restava. Não sei porquê, pareceu-me inadmissível deixá-los ficar ali no chão, para serem pisados por toda a gente.

Apanhei mais uma mão cheia deles, coloquei-os em cima da mesa, alisei-os compungidamente, olhei para eles… e desatei a rir. Antes, eu não sabia; agora já sei e todos já sabemos: o riso adquire as mais variadas cores. O riso não passa de um eco de uma explosão interior; pode consistir numa salva de foguetes, vermelhos, azuis, dourados; pode ser constituída por bocados de carne humana que rebenta ao subir no céu.

Reparei então num número desconhecido que apareceu num dos cupons; os algarismos não me ficaram na memória, mas ficou a consoante, que era a dum macho, um F-. Atirei todos os cupons para o chão, pisei-os, pisei-me com o meu próprio calcanhar — pega! pega lá mais! — e saí do quarto.

Fiquei uns momentos sentado no corredor, junto á janela que havia em frente da porta, parei ali, teimosa e estupidamente, à espera de qualquer coisa. Passos arrastados, vindos da esquerda. Um velho com cara de bexiga esvaziada, engelhada, donde escorria ainda, lentamente, um fluido transparente. Lenta, muito lentamente, percebi: eram lágrimas. E quando ele ia já muito longe é que eu fui a correr atrás dele: — Escute: não sabe por acaso onde é que estará o número E-330?

O velho deu meia volta, fez um gesto de fúria e desespero e continuou a manquejar.

Regressei a casa, era noite. No poente, o céu contorcia-se a todo o instante em convulsões azul-pálido e soltava um mugido surdo. Os telhados estavam cobertos de corpos negros, mortos: aves, claro.

Estendi-me na cama e o sono não demorou a cair brutalmente sobre mim, sufocando-me.

Trigésima Oitava Entrada

(NÃO SEI COMO RESUMIR ESTE ASSUNTO. TALVEZ SE POSSA REDUZIR TUDO A UM ÚNICO ITEM: UM CIGARRO APAGADO)

Acordei. A luz era ofuscante, fazia doer os olhos. Fechei-os; sentia na cabeça um vapor azul e acre; tudo à minha volta era névoa. E no meio da névoa eu ia pensando: «Vejamos… Eu não acendi a luz. Como é que é possível que…»

Levantei-me de um salto. Sentada à mesa, com o queixo apoiado na mão, estava E-, que me fitava com um sorriso de troça.

Estou agora sentado à mesma mesa, escrevendo. Aqueles dez ou quinze minutos (mola cruelmente comprimida até ao limite do suportável) ficaram já para trás de mim, mas tenho a impressão de que a porta se fechou agora mesmo e que é ainda possível ir atrás dela, alcançá-la, pegar-lhe nas mãos, e é possível que ela comece a rir e diga…

E-estava ali sentada. Eu corri para ela: — Tu… tu… Fui lá… Vi o teu quarto… Julguei que tu…

Deixei no meio o que ia dizer, impedido pelas lanças afiadas, ameaçadoras, das pestanas daqueles olhos, que me fitavam exatamente como da última vez, a bordo do INTEGRAL. E ia ter que, ali mesmo e naquele instante, dizer o que tinha a dizer num segundo, tinha que fazer tudo para ser convincente… porque, senão, nunca mais teria outra oportunidade…

— Uma coisa, E-… Vou ter que… Tenho que lhe contar tudo… Não, não, um momento… vou ter que beber um copo de água…

A minha boca estava seca, tão seca como se estivesse forrada de papel mata-borrão. Procurei beber água, mas não fui capaz; coloquei o copo em cima da mesa e agarrei-me à garrafa com as duas mãos. Percebi então que a névoa azul e irritante era fumo de cigarro. Ela levou-o aos lábios, fumou, engoliu avidamente o fumo, com avidez igual à minha ao beber a água, e disse: — Não é preciso dizer nada. Fique calmo. Não tem importância. Como vês, acabei por vir. Eles ficaram lá em baixo à minha espera e tu queres que estes poucos minutos, os últimos que passamos juntos, sejam…

Deitou o cigarro para o chão, debruçou-se toda sobre um dos braços da cadeira (o botão que devia acionar ficava na parede, era difícil chegar lá) e lembro-me de a cadeira balançar e de os pés se erguerem do chão. E as persianas fecharam-se.

Aproximou-se e abraçou-me com força. Mesmo sob o unif, os joelhos dela eram um veneno terno, quente, absorvente, de ação retardada. E, de repente…

Acontece-nos por vezes, quando mergulhados num sono doce e quente… sermos subitamente picados, acordarmos e ficarmos completamente despertos. Foi o que então aconteceu: vi os cupons cor- -de-rosa espezinhados, no chão do quarto dela e, num deles, a

letra F-e não sei que algarismos. Embaralharam-se num turbilhão dentro de mim e, com uma emoção que nem agora consigo explicar, apertei-a com tanta força que ela soltou um grito de dor.

Mais um minuto (um daqueles dez ou quinze minutos): a cabeça reclinada no travesseiro ofuscantemente branco, os olhos semicerrados, os dentes afiados e iguais… E tudo isto, absurda, inoportuna e dolorosamente, me fazia lembrar uma coisa qualquer em que não se deve pensar, que não deve ser recordada em tais momentos. E, cada vez com mais ternura, cada vez mais cruelmente, estreitei-a contra mim; as marcas negras-roxas dos meus dedos tornaram-se cada vez mais distintas. Sem abrir os olhos (notei isso) ela disse: — Dizem que foste ontem à presença do Benfeitor. É verdade?

— É verdade, sim.

E logo os olhos se lhe abriram de par em par… e deu-me gozo vê-la empalidecer de repente, ficar sem cor, desfalecer; só os olhos permaneciam acesos.

Contei-lhe tudo. Houve só uma coisa que silenciei (não sei porquê… não, não é verdade: eu sei porquê…): o que ele me tinha dito no final, que eles só teriam recorrido a mim porque…

Aos poucos, como numa fotografia mergulhada em solução, o rosto dela foi voltando a si, as faces, a fileira branca dos dentes, os lábios. Levantou-se, caminhou para o espelho do armário. Tornei a sentir a boca seca. Deitei água no copo, mas repugnou-me bebê-la; pousei o copo na mesa e perguntei:

— Foi para isto que vieste? Porque precisavas descobrir o que fui fazer lá?

Do espelho, olhou para mim e as sobrancelhas formavam com as têmporas o triângulo agudo de troça que eu já conhecia. Voltou-se para dizer qualquer coisa, mas acabou por não falar.

Não era preciso. Eu sabia tudo.

Seria o momento de nos despedirmos? Levantei os pés do chão (pés que não eram meus, na verdade, eram de um estranho) e fui de encontro à cadeira que caiu, sem vida, como a outra que vi no quarto dela. Os lábios dela eram frios… Uma vez, há muito tempo, o chão, no meu quarto, junto à cama, estava assim frio.

Mas, quando ela saiu, sentei-me no chão, baixei-me e apanhei o cigarro que ela tinha deitado fora…

Não consigo escrever mais… não quero escrever mais!

Trigésima Nona Entrada

FINIS

Aconteceu o que acontece quando se deita um grão de sal numa solução já saturada: todos eriçados, os cristais começaram a crescer, a solidificar, a congelar. Para mim era claro: tudo estava decidido e amanhã de manhã levaria aquilo por diante. Era o mesmo que me matar- , talvez, mas só assim é que poderia verdadeiramente ressuscitar de novo. Porque, afinal de contas, só depois de se morrer se pode novamente voltar à vida.

No poente, momento a momento, o céu tinha arrepios convulsivos de azul. Sentia a cabeça pesada, a arder.

Passei assim toda a noite e só adormeci por volta das 7 horas da manhã, quando a noite se recolhia em si mesma, começando a ficar verde, e os telhados cobertos de aves começavam a ficar visíveis.

Acordei às 10 horas (era evidente que não tinham tocado as campainhas). Estava um copo de água em cima da mesa, tinha lá ficado da noite anterior. Emborquei sofregamente a água o mais rápido que pude.

O céu era um deserto, um deserto azul limpo e varrido pelo vendaval. As sombras não tinham arestas; tudo eram sombras recortadas na atmosfera azul do Outono, sombras tão finas que se receava, tocando-lhes, vê-las cair desfeitas em pó vítreo. O que se aplicava também à minha mente: não deves pensar, não podes pensar, não podes pensar, senão…

E parei de pensar; provavelmente nem sequer vi, embora tenha registrado tudo: no chão, aqueles ramos caídos aqui e ali; as folhas eram verdes, cor-de-âmbar, matizadas de púrpura. No ar: aves e aeroscarros errantes, cruzando-se uns com os outros. Além: bocas abertas, braços a agitar ramos. E de todo o lado se erguiam gritos, pios, zumbidos.

A certa altura, ruas desertas como se tivessem sido flageladas pela peste. Lembro-me: tropecei em qualquer coisa insuportavelmente mole, impassível, imóvel. Baixei-me: era um cadáver. Um número macho. Deitado de costas, com as pernas abertas, como as duma mulher. A cara dele… Reconheci os espessos lábios de negro que pareciam ainda continuar a rir; reconheci-lhe os dentes.

De olhos muito abertos, ria-se na minha cara. Um segundo depois, passei por cima dele e pus-me a correr, porque já não conseguia suportar nada; tinha que passar por cima de tudo, senão (sentia-o…) quebraria, como uma trave sobrecarregada.

Felizmente, andei só mais uns vinte passos; avistavam-se já as letras douradas que indicavam o POSTO DOS GUARDAS. Parei à entrada, respirei o mais fundo que pude e entrei. Lá dentro, no corredor, sobraçando folhas de papel e cadernos volumosos, os números formavam filas, todos com o nariz quase em cima da nuca do que estava á frente. De vez em quando avançavam um ou dois passos, passos de caracol, depois paravam. Comecei a andar de um lado para o outro da fila; tinha a cabeça desfeita em bocados e cada bocado saltava para o seu lado; pus-me a puxar pelas mangas de todos os números,

suplicando (como o doente que suplica lhe deem o mais depressa possível algo que, mesmo à custa, duma dor momentânea, faça passar todas as dores, cure todos os males de uma vez).

Um número fêmea, toda apertada num cinto, com os dois hemisférios do traseiro sobressaídos, rebolava-os de um para o outro lado, como se fossem dotados de olhos.

Riu-se de mim:

—Está com dor de barriga! Digam-lhe onde fica a retrete… ali, a segunda porta à direita!

Todos começaram a rir-se de mim e as gargalhadas fizeram com que uma coisa me subisse à garganta e ou eu começava já a gritar, ou então… ou então…

Alguém de repente me agarrou pelo cotovelo. Voltei-me: orelhas- -translúcidas. Não cor-de-rosa, como habitualmente, mas vermelhas; a maçã de Adão mexia-se tão freneticamente que parecia querer rebentar a pele.

— O que o traz por aqui? — perguntou, espetando os olhos em mim.

—Vamos para o seu gabinete, depressa — respondi, agarrando- - me a ele. — Preciso de lhe dizer uma coisa agora mesmo. É esplendido eu poder dizer-lhe tudo a si. Pode ser horrível contar-lhe tudo, precisamente a si…mas é esplêndido, esplêndido…

Ele tinha-a conhecido, o que me atormentava ainda mais, mas era possível que também ele sentisse arrepios, e então seríamos os dois a cometer o crime… Não me quero ver só a fazer isto, no último segundo que passo na terra…

Fechou-se a porta com um grande estrondo e arrastou consigo um papel que estava no chão; depois disso abateu-se sobre nós tal calma, um tal vazio que dava a impressão de nos ter caído em cima a Campânula de Vidro. Se ele tivesse dito uma palavra que fosse — qualquer palavra, mesmo a mais banal — eu teria despejado tudo de uma só vez. Mas ele não abriu a boca.

E assim, contendo-me de tal modo que os meus ouvidos começaram a zunir, falei (sem olhar para ele): — Acho que sempre a detestei, desde o princípio. Procurei… Mas não. Não acredite no que lhe digo. Podia ter fugido, mas não quis fugir; quis perecer, era esse o meu desejo mais precioso… ou não, perecer, exatamente, não, mas quis que ela… E até mesmo agora, até agora, quando já sei tudo… Sabe… Sabe que fui chamado à presença do Benfeitor?

— Sei, sim.

— As coisas que Ele me disse… Compreende… Imagine que alguém lhe retira o chão de debaixo dos pés, neste minuto, e você cai e consigo tudo o que está em cima da mesa, os papéis, a tinta, e a tinta se entorna, sujando-o e sujando tudo, transformando tudo num borrão…

— Continue. E depressa… Há outros à espera.

E eu então, gaguejando, embrulhando-me todo, contei-lhe tudo o que tinha acontecido, tudo o que se relata nestas páginas. Falei do meu eu real e do meu eu peludo e de tudo o que ela daquela vez diz-se a respeito das minhas mãos… Sim, tinha sido o começo de tudo; e de como, em determinada altura, eu tinha deixado de cumprir o meu dever e me

enganei a mim próprio, de como ela me tinha arranjado atestados de doença falsos, de como os meus Senti-mentos degeneraram dia após dia, e aqueles corredores subterrâneos e o que neles aconteceu, e a passagem para o lado de lá do Muro…

Tudo isto com muitos arrancos e muitos tropeções; gaguejava, faltavam-me as palavras. Os lábios dele, distorcidos numa dupla curva, sorrindo com uma careta de escárnio, murmuravam as palavras que me faltavam; eu curvava a cabeça e dizia «sim, sim», até que (mas como foi que tal coisa aconteceu?) passou a ser ele a falar por mim, e eu limitava-me a ouvir, nunca indo além de simples «sim, e depois» ou «foi exatamente assim….sim, sim!».

Senti um frio na garganta, como se fosse o efeito do éter, e perguntei com dificuldade: — Mas como foi isso possível? Você não podia saber que…

A careta dele (estava calado) contorceu-se ainda mais: — Não está a tentar esconder-me uma coisa? Já enumerou todos os que viu naquele dia, lá do outro lado do Muro, mas há uma cara de que se esqueceu. Não quer dizer? Não se lembra de ter visto, de relance, por momentos, de ter me visto? Eu mesmo, sim…

Silêncio. E, de repente, como se de repente um relâmpago me percorresse todo o corpo, da cabeça aos pés, tornou sê-me vergonhosamente evidente que… ele, sim, ele também era um deles. E todo eu, todas as minhas dores, tudo quando fiz à custa de sofrimento, das minhas últimas forças, como se estivesse a realizar uma grande façanha, tudo era ridículo, fazia lembrar a anedota que os antigos contavam sobre Abraão e Isaac. Abraão, coberto de suores frios, tinha erguido a faca contra o filho…contra o próprio filho… quando subitamente ouviu uma voz vinda do alto: «Não te incomodes!”. Estava a brincar contigo…»

Sem deixar de fitar aquele riso escárnio, cada vez mais disforme, pus as mãos no rebordo da mesa, comecei a deslizar, sentado na cadeira, lentamente, lentamente, e, como se pegasse em mim, ao colo, saí a correr, atabalhoadamente, deixando atrás de mim gritos, degraus, bocas.

Não sei como, fui dar comigo lá em baixo, nas retretes públicas duma estação de metro. Lá por cima tudo ia perecendo, a civilização mais forte e mais racional de a toda a história era esmagada, ao passo que ali, ironicamente, se conservava tudo como antes, em todo o esplendor da sua beleza: as paredes alvíssimas, a água a murmurar deliciosamente, e, imitando a água, clara e cristalina, proveniente de uma nascente desconhecida, a música conferia beleza à digestão. E pensar que toda esta beleza estava condenada, que tudo iria ficar coberto de erva, que de tudo isto só ficariam os mitos…

Comecei a chorar e, logo a seguir, vi que alguém me afagava os joelhos. Era o meu vizinho, o que morava à minha esquerda, o da cabeça calva semelhante a uma parábola, toda percorrida por umas linhas amarelas indecifráveis. Linhas que me diziam respeito.

— Eu compreendo-o, compreendo-o perfeitamente —dizia ele. — Mas tenha calma; não vale a pena desesperar; tudo voltará a ser como é, voltará, sim, é inevitável. O que agora interessa é que toda a gente saiba da minha descoberta. É a primeira pessoa a quem falo disto. Cheguei a esta conclusão: não há infinito.

Deitei-lhe um olhar furioso.

— Sim, é o que lhe digo: não há infinito. Se o universo fosse infinito, a densidade média da matéria seria igual à zero. Como isso não pode ser (sabemo-lo perfeitamente) segue-se que o universo é finito; tem a forma esférica e o quadrado do seu raio, a raiz quadrada de Y, é igual à densidade média da sua matéria multiplicada por… é só falta calcular o coeficiente numérico e depois… Está a perceber? Tudo é finito, tudo é calculável… e, nesse caso, de certo modo, vencemos, filosoficamente… percebe? Mas o meu estimado senhor, com o barulho que faz não me permite terminar os meus cálculos…

Não sei o que mais me chocou, se a descoberta dele ou a imperturbabilidade que revelava numa hora tão apocalíptica: tinha na mão (só neste momento reparei) um caderno e uma tábua de logaritmos. E ocorreu-me então que, embora tudo viesse a perecer, o meu dever, caros leitores, seria deixar tudo devidamente registrado.

Pedi-lhe papel e escrevi mesmo ali estas últimas linhas…

Estava prestes a colocar a palavra fim — imitando os antigos, que espetavam uma cruz sobre as covas onde enterravam os mortos — quando, subitamente, o lápis, vacilando, me escorregou dos dedos…

— Ouça-me — supliquei, agarrando-me ao meu vizinho.

— Vai ter que me ouvir. Vai ter que me responder: em que ponto é que termina o seu universo finito? Onde é que ele fica? O que há para lá, além dele?

Não teve tempo para me dar a resposta. Ouviram-se passos acima de nós, passos de alguém que descia a escada…

Quadragésima Entrada

FATOS

A CAMPÂNULA DE VIDRO

TENHO A CERTEZA

É dia. Dia claro. Barómetro nos 760.

Fui eu mesmo, D-503, que escrevi estas centenas de páginas? Alguma vez passei por isto ou terei somente imaginado que passei por isto?

Bem … caligrafia é minha. O que vem a seguir foi escrito na mesma caligrafia… mas, felizmente, só a caligrafia é que é a mesma. Já não há esses delírios, nem essas metáforas absurdas, nem emoções. Só os fatos. Porque me sinto bem; estou perfeitamente, e absolutamente bem. Sorrio. Não posso deixar de sorrir. Arrancaram-me uma espécie de farpa de dentro da cabeça; sinto agora a cabeça mais leve, vazia. Mais exatamente, não está vazia, mas já não tem nada de estranho lá dentro, nada tem que possa interferir com o sorriso (sorrir é o estado normal dum ser humano normal).

Eis os fatos. Naquela tarde, o meu vizinho, o que descobriu a finitude do universo, e eu, e todos os que conosco se encontravam, fomos todos detidos, por não termos certificados de fantasioctomia, e fomos levados para o auditório mais próximo (o número 12 deste auditório era-me de certo modo familiar). Aí fomos amarrados às mesas operatórias e submetidos à Grande Operação.

No dia seguinte, eu, D-503, compareci na presença do Benfeitor e denunciei tudo quanto sabia sobre os inimigos da nossa felicidade. Como é que pude convencer-me de que era difícil? Não se percebe. A única explicação está na minha última doença, na doença da alma.

Na tarde do mesmo dia, sentado com Ele, com o Benfeitor, à mesma mesa, encontrei-me pela primeira vez na famosa Câmara da Campânula de Vidro Pneumática.

Trouxeram a mulher. Teve que prestar testemunho na minha presença. A mulher permaneceu teimosamente silenciosa, sorrindo. Notei que tinha os dentes afiados e branquíssimos, de belíssimo efeito.

Meteram-na Campânula. Começou a ficar branca e, como tinha uns olhos pretos, enormes, o efeito era de uma beleza extrema. Quando o ar começou a ser extraído (tirado) da Campânula de Vidro, atirou a cabeça para trás, semicerrou os olhos e comprimiu os lábios — o que me fez lembrar qualquer coisa. Fitou os olhos em mim, sem desprender as mãos dos braços da cadeira… e fitou-me até os olhos se lhe fecharem completamente. Retiraram-na logo a seguir, fizeram-na recuperar a consciência com a ajuda de elétrodos, para logo de seguida a introduzirem de novo na Campânula de Vidro. Fizeram isto três vezes, mas ela não disse uma única palavra. Outros que foram trazidos ao mesmo tempo deram provas de maior honestidade. Muitos falaram logo à primeira tentativa.

Todos eles vão amanhã subir os degraus que levam à Máquina do Benfeitor.

Não pode haver adiamento, porque as zonas ocidentais da cidade estão ainda mergulhadas no caos, na balbúrdia, cheias de cadáveres e, lamentavelmente, de números que atraiçoaram a racionalidade.

Mas conseguimos construir um Muro temporário de ondas de alta voltagem na transversal da 40° Avenida.

Tenho a esperança de que venceremos. Mais do isso tenho a certeza de que a vitória é nossa. Porque a racionalidade tem que triunfar.

FIM

Autobiografia

1929. Quais rasgões numa tapeçaria escura, esticada — alguns instantes isolados da minha primeira infância.

A casa de jantar, a mesa coberta com um oleado e, na mesa, um prato com uma coisa estranha, branca, cintilante e — maravilha! — subitamente, aquela coisa desaparece, esvai-se não se sabe para onde. Naquele prato estava um pedaço dum universo desconhecido, exterior, estranho ao quarto; tinham-me trazido, no prato, uma mão cheia de neve, e essa neve extraordinária permanece até hoje na minha memória.

A mesa casa de jantar-. Alguém, à janela, pega em mim ao colo e lá fora, por entre as árvores, o globo vermelho do sol escurece, sinto que é o fim e, mais terrível que tudo, a minha mãe não volta para casa. Vim, a saber, depois que esse «alguém» era a minha avó, a morte passou ao meu lado — tinha eu um ano e meio.

Mais tarde: tenho dois, três anos. Pela primeira vez via pessoas, um ajuntamento, uma multidão. Era em Zadonsk: o meu pai e a minha mãe tinham lá ido de carroça e tinham-me levado. A igreja, o fumo azul, cânticos, luzes, um epiléptico a ladrar como um cão, com a voz presa na garganta. Depois, acaba-se tudo, passo, empurrões, fica subitamente só no meio da multidão: já ali não estão os meus pais, nunca mais estarão, estou só, para sempre. Sentado numa campa qualquer, ao sol, choro amargamente. Vivi uma hora, só, só eu no mundo.

Voronej. O rio, banheira singular para mim e lá dentro (recordar-me ia mais tarde quando num lago vi ursos brancos) banha-se um corpo feminino enorme, róseo, volumoso, a tia da minha mãe. Sinto curiosidade e um certo medo. Pela primeira vez compreendo o que é uma mulher.

Espero à janela, contemplo a rua deserta onde as galinhas se espolinham na poeira. Aparece o nosso tarantas: o meu pai volta do liceu; em cima do assento, grotescamente empoleirado, bengala entre os joelhos.

Espero o almoço, com o coração apertado. À mesa, desdobro solenemente o jornal e leio em voz alta umas letras grandes: «Filho da pátria». Já conheço essa coisa misteriosa, as letras. Tenho quatro anos.

Verão. Cheiro de medicamentos. Subitamente, a minha mãe e as minhas tias fecham à pressa as janelas, correm o ferrolho da varanda e, com o nariz colado ao vidro, observo: vai levá-los. Um cocheiro de blusão branco, corpos enovelados debaixo do lençol, pernas e braços pendentes: doentes de cólera. O lazareto era na nossa rua, ao lado da nossa casa. O meu coração palpita, sei o que é a morte.

Por fim: uma manhã de Agosto, suave, diáfana, o som longínquo, transparente, dos sinos do mosteiro.

Caminho pelo jardinzinho diante da nossa casa e, sem olhar, sei: a janela está aberta, estão todas a olhar para mim — a minha mãe, a minha avó, a minha irmã. É que vesti pela primeira vez calças compridas — como na cidade — e uma túnica de uniforme do liceu, e

levo uma mochila às costas: vou ao liceu pela primeira vez. À minha frente, o aguadeiro Ignacha bamboleia-se em cima do tonel e observa-me pelo canto do olho. Vou todo orgulhoso. Cresci, tenho já mais de oito anos.

Tudo isto nos campos de Tambov, numa cidade célebre pelas suas traficâncias, os seus ciganos, as feiras de cavalos e a sua língua solidamente russa, em Lébédyan, da qual falaram Tolstoi e Turgueniev. Nos anos 1884-1893.

Mais para a frente: o liceu cinzento como o pano do uniforme. De vez em quando, sobre este cinzento, uma maravilhosa bandeira vermelha. A bandeira vermelha flutuava sobre o torreão dos bombeiros e não simbolizava então a revolução social, mas somente um frio de menos de 20°. Tal era a única revolução, e durava só um dia, na vida fastidiosa e programada do liceu.

O fanal de Diógenes, o cepticismo, aos doze anos. Foi aceso por um matulão do segundo ano e ficou a arder —azul, lilás, vermelho — por baixo do meu olho esquerdo, durante duas longas semanas. Com lágrimas rezei a pedir que ele se apagasse. O milagre nunca se deu.

Comecei a refletir.

Muita solidão, muitos livros, Dostoievski desde muito cedo. Nunca mais esqueci o frémito, o rosto afogueado — por causa de Nietotchka Niezvanova. Dostoievski ficaria sempre a ser o mais respeitável e o mais temível; Gogol era um amigo (muito mais tarde Anatole France passou a sê-lo também).

A partir de 1896, o liceu em Veronej. A minha especialidade por todos conhecida: a redação em russo.

A minha especialidade por ninguém conhecida: todas as experiências possíveis sobre mim próprio — para me «temperar».

Recordo: no sétimo ano, na primavera, fui mordido por um cão raivoso. Descobri um manual de medicina qualquer, li nele que o período normal, antes do aparecimento dos primeiros sintomas da raiva, era de duas semanas. Decidi, pois, esperar o fim desse período, até ver se tinha ou não tinha apanhado a raiva — para me experimentar, a mim e à minha sorte. Durante aquelas duas semanas escrevi um diário (o único em toda a minha vida). Ao cabo de duas semanas, nada de raiva. Fui comunicar o facto à direção e recambiaram-me logo para Moscou, para fazer as inoculações de Pasteur.

A experiência terminou bem. Mais tarde, dez anos mais tarde, no decorrer das noites brancas de Petersburgo, quando conheci a raiva do amor, fiz a experiência com mais seriedade, não com mais inteligência.

O cinzento do uniforme liceal larguei-o em 1902. A medalha de ouro foi posta no prego em Petersburgo, por 25 rublos, e lá ficou.

Recordo-me: no último dia, no gabinete do inspetor (segundo a hierarquia do liceu, «no curral da égua»), com os óculos na ponta do nariz, puxando as calças para cima (estavam-lhe sempre a cair às calças), estendia-me um livro qualquer. Li a dedicatória: «À minha alma mater. da qual só tenho más recordações". P. E. Chtchegolev.» E o inspector, muito sentencioso, fanhoso, moldando bem as vogais: «É bonito, isso?

Terminou os estudos aqui com medalha de ouro, e escreve uma coisa dessas! Agora está preso. Dou-te um conselho, não escrevas, não sigas pelo mesmo caminho!» A lição não me aproveitou muito.

Petersburgo, começo dos anos 1900 — Petersburgo de Komissar-jevskaia, de Leonid Andreiev, de Witte, de Plevé, dos andarilhos cobertos de rede azul, das carruagens trangalhadanças com tejadilho, dos estudantes de uniforme e espadalhão, dos estudantes de casaco com botões ao lado. Eu era estudante da Escola Politécnica, daqueles de casaco com botões ao lado.

Num domingo branco de inverno, na avenida Nevski, a multidão negra parecia esperar qualquer coisa. Está um lingrinhas da Douma a orquestrar a multidão que não tira os olhos dele. Dado o sinal — uma explosão, à uma da tarde —, por toda a avenida, manchas humanas, farrapos da Marselhesa, bandeiras vermelhas, cossacos, guardas do palácio, polícias… A primeira manifestação (para mim) — 1903.

E quanto mais 1905 se aproxima mais febril é o movimento, mais ruidosas as surtidas.

No verão, prática nas fábricas, a Rússia, as carruagens fanfarro-nas e joviais de terceira classe, Sebastopol, Nijni, as fábricas da Ka-má, Odessa, o porto, os maltrapilhos.

No verão de 1905, singularmente azul, pintalgado, a transbordar de gente e de acontecimentos. Eu fazia um estágio a bordo do «Rossiya», navegando entre Odessa e Alexandria. Constantinopla, as mesquitas, os dervixes, os bazares, o cais de mármore branco de Esmirna, os beduínos de Beirute, a ressaca branca de Jaffa, o Athos verde e negro, o Port-Said pestífero, a África amarela e branca, Alexandria com os seus polícias ingleses, os vendedores de crocodilos empalhados, o famoso Tartouch. Singular, diferente de tudo o mais, a espantosa Jerusalém, onde vivi uma semana com a família dum amigo árabe.

De novo em Odessa — a epopeia do motim do «Potemkine». Com o maquinista do «Rossiya», empurrado, pisado, embriagado pela multidão, vagueei todo o dia e toda a noite no meio do tiroteio, dos incêndios, dos pogroms.

Naqueles anos, ser bolchevique significava seguir a via da maior resistência; também eu era então bolchevique.

Era o verão de 1905, as greves, a avenida Nevski coalhada de gente varrida pelo projetor do Almirantado, no dia 17 de Outubro, os comícios nos estabelecimentos de ensino superior…

Numa tarde de Dezembro vem um amigo ter comigo ao meu quarto, na rua Loman, um operário de orelhas saídas, Nikolas V., com um saco de papel daqueles dos pãezinhos da Casa Filipov e, dentro do saco, piroxilina.

«Deixo-te aqui em casa, os polícias estão atrás de mim.» — «Pronto, deixe ficar.» Ainda hoje estou a ver o saco no peitoril da janela, ao lado do açucareiro e do chouriço.

No dia seguinte, no quartel-general do bairro de Vyborg, com a mesa a abarrotar de planos, de parabellums, de mausers — a polícia. Éramos trinta apanhados na ratoeira. E, lá no quarto, à esquerda, no peitoril da janela, o saco do pão da Casa Filipov e, debaixo da cama, panfletos.

Quando nos dividiram em grupos, para sermos revistados, fiquei eu e mais quatro ao pé da janela. Vi na rua, junto ao candeeiro, caras conhecidas; aproveitei e atirei um papel a pedir que retirassem dos nossos quatro quartos o que lá não devia estar. Assim fizeram.

Mas eu só pude sabê-lo mais tarde e, entretanto, durante meses, na cela da Chpalernaya, sonhei só com o saco da Casa Filipov, no peitoril da janela, à esquerda.

Na cela apaixonei-me, aprendi estenografia e inglês e escrevi versos (era inevitável). Na primavera de 1905, libertaram-me e mandaram-me para casa.

O silêncio de Lébédyan, os sinos, os jardins, fartei-me dessas coisas todas em tão pouco tempo. No verão, sem autorização, segui para Petersburgo e para Hensingfors.

Um quarto que dava para o Erd-holmsgatan e, sob a minha janela, o mar, os rochedos. À noite, quando mal se distinguiam as feições dos rostos, comícios no granito cinza. Durante a noite as caras eram invisíveis, a pedra dura e quente parecia suave, porque ela estava pertinho e os raios dos projetores de Svéaborg eram uma carícia leve.

Uma noite, nos banhos, um camarada nu apresentou-me um homem nu, um pouco barrigudo: o homem nu era afinal um conhecido capitão dos guardas vermelhos — Kok. Passaram mais uns dias — o guarda vermelho estava debaixo de armas, mal se viam ainda no horizonte os vultos da esquadra de Kronstadt, as explosões das bombas de doze polegadas, o ribombar cada vez mais surdo dos canhões de Svéaborg. E eu, disfarçado, cuidadosamente barbeado, com umas lunetas de mola — dou entrada em Petersburgo.

O parlamento no Estado; pequenos estados dentro do Estado; os institutos de ensino superior tinham também cada um o seu parlamento: o conselho dos starostes. A luta dos partidos, a agitação pré-eleitoral, os cartazes, os panfletos, os discursos, as urnas. Eu era membro —temporariamente presidente — do conselho dos starostes.

Uma intimação: para me apresentar no comissariado.

No comissariado, um papel verde: procura-se «o estudante da universidade Eugene Ivanov Zamiatine», para ser banido de Petersburgo. Declaro honestamente que nunca pus os pés na universidade e que há, com certeza, um equívoco. Lembro-me do nariz do comissário — um gancho, um ponto de interrogação: «Hum … há que investigar». Mudo-me entretanto para outro bairro, onde, seis meses passados, nova intimação, um papel verde, «o estudante da universidade», ponto de interrogação, e informações. E isto durante cinco anos, até que por fim o erro do papel foi emendado e eu expulso de Petersburgo.

Em 1908 terminei a faculdade de construções navais do Instituto Politécnico, fui nomeado para a cadeira de arquitetura naval (a partir de 1911 fui professor desta disciplina). E, juntamente com o projeto dum navio com torre blindada, arrastavam-se pela mesa os rascunhos da minha primeira narrativa. Enviei-a à revista «Obrazovanie» (Instrução), redigida por Ostrogorski; era Artsybachev que coordenava a parte das letras. No outono de 1908, a narrativa aparecia na «Obrazovanie». Quando hoje encontro alguém que a leu, sinto-me tão pouco à vontade como quando encontro uma tia minha cujo vestido molhei publicamente, quando tinha dois anos.

Nos três anos seguintes, barcos, arquitetura naval, a regra do cálculo, esboços, construções, artigos da especialidade nas revistas «O Diesel», «O Navegante Russo», «Boletim do Instituto Politécnico». Inúmeras viagens de serviço por toda a Rússia: o

Volga até Tsaritsy-ne, Astrakhan, Kama, a região do Donetz, o mar Cáspio, Arkangelsk, Mourmansk, o Cáucaso, a Crimeia.

Ao longo dos anos, entre esboços e números, algumas narrativas. Não as fiz imprimir; sentia que havia ali qualquer coisa que não funcionava. Esta «alguma coisa» veio à tona em 1911. Nesse ano, as noites brancas eram maravilhosas, o muito branco emparceirava com o muito escuro. Nesse ano foi o exílio, uma doença grave, os nervos fatigados que cedem. No princípio habitei uma datcha vazia, em Sestroretsk e depois, no inverno, fui para Lakhta. Aqui, a neve, a solidão, o silêncio — «Ouiezdnoie» (Provinciana). Depois da «Ouiezdnoie», contato com o grupo «Zavet» (Testamento): Remizov, Prichvi-ne, Ivanov-Razumnik.

Em 1913, tricentenário dos Romanov, recebo autorização para viver em Petersburgo. Mas os médicos puseram-me a correr de lá. Parti para Nikolaiev, construí lá algumas escavadoras, algumas narrativas e um romance («Em Cascos de Rolha»), Assim que este apareceu na revista «Zavet», o número foi confiscado pela censura — a redação e o autor, levados a tribunal.

Julgaram-nos pouco antes da Revolução de Fevereiro: quando veio a absolvição.

O inverno de 1915-1916 — mais uma vez tempestuoso, febril — acabou com um desafio para um duelo em Janeiro; e, em Março, partida para a Inglaterra.

Até ali, no Ocidente, só tinha estado na Alemanha e Berlim pareceu-me um condensado — 80% de Petersburgo. Na Inglaterra foi diferente: tão novo e tão estranho tudo como noutros tempos Alexandria e Jerusalém.

Aqui, de início, o ferro, as máquinas, os esboços; construí quebra-gelos em Glasgow, New Castle, Nenderland, Nowsheeds (aliás, um dos maiores quebra-gelos é o «Lenine»). No céu, os alemães faziam chover bombas dos zepelins e dos aeroplanos. Eu ia escrevendo «Os insulares».

Quando os jornais apareceram semeados de letras gordas — Revolution in Rússia, Abdication of Russian tsar — não aguentei ficar mais tempo na Inglaterra e, em Setembro de 1917, a bordo dum paquete inglês sem fôlego (se os alemães o afundarem não se perde grande traste), regresso à Rússia. Navegamos largo tempo até Bergen, cerca de cinquenta horas, com as luzes todas apagadas, os coletes de salvação vestidos e as chalupas prontas.

Alegre, terrível, o inverno de 1917-1918, quando tudo soçobrou, se perdeu no desconhecido. Navios-casas, fuzilamentos, buscas, recolher obrigatório, comités de bairro. Mais tarde, ruas sem eletricidade, grandes filas de gente com a trouxa às costas, dezenas de vestes por dia, a burguesia, sardinhas, aveia moída num moinho de café. E a acompanhar a aveia toda a espécie de projetos para o tempo de paz: editar todos os clássicos de todos os tempos e de todos os povos, reunir todos os artistas de todas as artes, representar no teatro toda a história mundial. Tinham passado os tempos dos esboços: a técnica prática secou e libertou-se de mim como se fosse uma folha morta (da técnica só me restava o ensino no Instituto Politécnico). Ao mesmo tempo, um curso de literatura russa contemporânea no Instituto Pedagógico Herzen (1920-1921), um curso de técnica de prosa artística no Estúdio da Casa das Artes, trabalhava no conselho de redação da «Literatura Universal», na direção da União Pan-russa dos escritores, no comité da casa dos homens de letras, no conselho da casa das artes, na secção dos filmes históricos do

PTO, na redação de Grjébine, «Alkonost», «Pétropolis», «O Pensamento», redigia as revistas «Casa das Artes», «O Ocidente Moderno», «O Contemporâneo Russo».

Durante estes anos escrevi relativamente pouco. Entre as coisas mais importantes, o romance Nós que apareceu em inglês em 1925 e foi depois traduzido noutras línguas; este romance não foi ainda publicado em russo.

Em 1925, traição à literatura: o teatro, as peças «A Pulga» e «A Sociedade dos Respeitáveis Tocadores de Carrilhão». «A Pulga» foi representada no palco do MHAT no dia 2 de Fevereiro de 1925; «A Sociedade dos Respeitáveis Tocadores de Carrilhão», em Novembro de 1925, no palco do grande teatro Mikhailovsk, em Leninegrado. Uma nova peça, a tragédia «Attila» foi terminada em 1928. Em «Attila» abalançou-me ao verso. Impossível ir mais além regressou ao romance, às narrativas.

Acho que, se em 1917, não tivesse deixado a Inglaterra, se não tivesse vivido todos estes anos na Rússia, seria incapaz de escrever. Vi muita coisa: em Petersburgo, em Moscou, nos lugarejos da província — em Tambov, nas aldeias — perto de Vologda, de Pskov, nos téplouchki.

Assim se fechou o círculo. Não sei nada, não estou a ver quais serão daqui em diante as curvas da minha vida.